

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Curso de Pós-Graduação em Docência para Educação Básica

ADRIANO PONTARA

**EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA E A FORMAÇÃO DA
CONSCIÊNCIA FINANCEIRA NA EJA**

BAURU/SP
2025

ADRIANO PONTARA

**EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA E A FORMAÇÃO DA
CONSCIÊNCIA FINANCEIRA NA EJA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Ciências, Campus de Bauru – Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica, sob orientação da Prof.^a Dr^a Sílvia Regina Vieira da Silva.

BAURU/SP

2025

P811e Pontara, Adriano
Educação matemática crítica e a formação da consciência financeira na EJA / Adriano Pontara. -- Bauru, 2025
157 p. : il. + e-book

Dissertação (Mestrado profissional - Docência para a Educação Básica) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru
Orientadora: Sílvia Regina Vieira da Silva

1. Consciência Financeira. 2. Educação de Jovens e Adultos. 3. Educação Matemática Crítica. 4. Educação Financeira. I. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ADRIANO PONTARA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 05 dias do mês de setembro do ano de 2025, às 13h30min, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ADRIANO PONTARA, intitulada **EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA FINANCEIRA NA EJA e produto educacional " Jornada Financeira "**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. SILVIA REGINA VIEIRA DA SILVA (Orientadora - Participação Virtual) do Departamento de Matemática/Faculdade de Engenharia/ Unesp - Ilha Solteira, Prof. Dr. JOSÉ CARLOS MIGUEL (Participação Virtual) do Departamento de Didática e Programa de Pós- graduação em Educação/Unesp/Faculdade de Filosofia e Ciências - Marília, Profa. Dra. ELIANA MARQUES ZANATA (Participação Virtual) do Departamento de Educação/Faculdade de Ciências/Unesp - Bauru. Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma virtual, o discente recebeu o conceito final **APROVADO**. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pela Presidente da Comissão Examinadora.



Documento assinado digitalmente
SILVIA REGINA VIEIRA DA SILVA
Data: 05/09/2025 19:22:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. SILVIA REGINA VIEIRA DA SILVA

À minha esposa, Erica Vilar de Luiggi
Pontara, que sempre acreditou em mim
quando muitas vezes nem eu mesmo
acreditava. Compreensível e acolhedora
nos momentos em que eu me via
desnortado. Definitivamente sem ela,
nada disso seria concretizado.

AGRADECIMENTOS

À Deus Pai, Filho e Espírito Santo, por me capacitar, dando a força necessária para esperar, perseverar, enfrentar e suportar todas as turbulências ao longo desta minha trajetória.

À minha esposa Erica Vilar de Luigi Pontara, com todo amor em meu coração, que sempre esteve ao meu lado acreditando na minha capacidade e integridade, me apoiando, motivando e encorajando a seguir em frente.

Aos meus pais, Sidney Pontara e Maria da Silva Pontara, que sempre batalharam fazendo o possível e, por muitas vezes, o impossível para proporcionar a mim uma educação humilde, porém com excelência e com muita qualidade.

Ao meu sogro e minha sogra, José Augusto de Luigi e Ederalda Luiza Vilar de Luigi, que com suas formas de pensar e agir sempre foram exemplos de pessoas para mim.

À minha orientadora Profa. Dra. Silvia Regina Vieira da Silva, na qual tenho imenso carinho, respeito e gratidão.

A todos envolvidos que fizeram parte direta ou indiretamente da trajetória desta pesquisa, que acreditaram e continuam acreditando que é por meio da educação que se transforma o indivíduo em um ser humano melhor.

A todos o meu muito obrigado.

“Ser prospero não é aquele que tem
muito, mas aquele que busca ter
consciência financeira para ter sempre”.

(Adriano Pontara, 2025)

PONTARA, Adriano. **Educação Matemática Crítica e a Formação da Consciência Financeira na EJA**. 2025. 157f. Dissertação (Mestrado em Docência para Educação Básica) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru – SP, 2024.

RESUMO

A Educação Matemática Crítica possibilita melhor compreensão de situações sociais e políticas desenvolvidas por meio da criticidade da matemática. Este estudo objetiva orientar o estudante inserido no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para a formação de uma consciência financeira, tendo como base a perspectiva da Educação Matemática Crítica. Metodologicamente, o estudo de caráter exploratório e abordagem qualitativa, fundamentou-se em referências acadêmicas e eletrônicas, articulando conhecimentos matemáticos críticos e financeiros. Para a coleta de dados utilizaram-se os seguintes instrumentos: questionário, roteiro de observações, anotações de conversas informais e materiais impressos fornecidos pelo pesquisador para o registro dos participantes durante seis encontros em ambientes categorizados como realidade e semirrealidade, momento em se aplicou um produto educacional intitulado “Jornada Financeira” em estudantes do Ensino Fundamental II da EJA de uma escola pública de um município de pequeno porte do interior de São Paulo. Os encontros embasaram-se em quatro pilares – Diagnosticar, Sonhar, Orçar e Poupar. Os resultados mostram que a Educação Financeira na EJA, mediada por cenários de investigação e por práticas pedagógicas andragógicas, pode gerar engajamento e significado na aprendizagem. Ao valorizar as experiências de vida dos estudantes e conectá-las aos conteúdos matemáticos e financeiros, amplia-se as possibilidades de desenvolvimento da autonomia, da criticidade e da emancipação pessoal e social. Considera-se que a escola é fundamental para criar ambientes de aprendizagem que promovam a reflexão, o diálogo e a problematização das situações reais enfrentadas pelos educandos.

Palavras-chave: Consciência Financeira. Educação de Jovens e Adultos. Educação Matemática Crítica. Educação Financeira.

ABSTRACT

Critical Mathematics Education enables a better understanding of social and political situations developed through the critical application of mathematics. This study aims to guide students in the context of Youth and Adult Education towards the development of financial awareness, based on the perspective of Critical Mathematics Education. Methodologically, this exploratory study with a qualitative approach was based on academic and electronic references, articulating critical mathematical and financial knowledge. Data collection used the following instruments: questionnaires, observations, informal conversations, and printed materials provided by the researcher for participant registration during six meetings in environments categorized as reality and semi-reality. During these meetings, an educational product entitled "Financial Journey" was applied to students in the second cycle of elementary school in the Youth and Adult Education program at a public school in a small town in the interior of São Paulo. The meetings were based on four pillars – Diagnosing, Dreaming, Budgeting, and Saving. The results show that Financial Education in Adult Education, mediated by investigative scenarios and andragogical pedagogical practices, can generate engagement and meaning in learning. By valuing students' life experiences and connecting them to mathematical and financial content, the possibilities for developing autonomy, critical thinking, and personal and social emancipation are expanded. It is considered that the school is fundamental in creating learning environments that promote reflection, dialogue, and the problematization of real-life situations faced by students.

Keywords: Financial Awareness. Financial Education. Critical Mathematics Education. Young and Adult Students.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 - Ambientes de Aprendizagem.	44
Quadro 2 - Formação da Consciência Financeira: Diagnosticar.....	60
Quadro 3 - Formação da Consciência Financeira: Sonhar.....	64
Quadro 4 - Formação da Consciência Financeira: Orçar.	67
Quadro 5 - Formação da Consciência Financeira: Poupar.....	72
Quadro 6 - Cronograma dos encontros do Produto Educacional “Jornada Financeira”.	74
Quadro 7 - Análise dos encontros do Produto Educacional “Jornada Financeira”.	77
Quadro 8 - Recomendações sobre os encontros relativos ao “Jornada Financeira”.....	80
Tabela 1 – Diagnóstico Apontamento de Despesas.	61
Tabela 2 – Diagnóstico Apontamento de Despesas Novo Prisma.	63
Tabela 3 – Como Realizar Sonhos.....	65
Tabela 4 – Orçamento Estabelecendo Prioridades.....	69
Tabela 5 – Orçamento Apuração do Resultado.	70
Tabela 6 – Poupança do 1% (em Reais (R\$))	72

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Familiaridade dos educandos com o tema “Educação Financeira”.	81
Figura 2 - Discussão no ambiente escolar sobre “Educação Financeira”.	82
Figura 3 - Hábito de poupar dinheiro.....	83
Figura 4 - Pesquisas de preço previamente à decisão de compra.	84
Figura 5 - Modalidades de pagamentos utilizadas no momento de comprar.	85
Figura 6 - Parcelamentos de compras e contas.	86
Figura 7 - Opções que indicam os tipos de compromissos financeiros.....	88
Figura 8 - Influência do <i>marketing</i> e publicidade no momento de consumir.	89
Figura 9 - Como os estudantes lidam com o controle de seus gastos financeiros.....	90
Figura 10 - Registro – 1º Pilar Diagnosticar: Descobrindo o seu “Eu” financeiro – Diagnóstico Apontamento de Despesas.....	92
Figura 11 - Registro – 1º Pilar Diagnosticar: Descobrindo o seu “Eu” financeiro – Diagnóstico Apontamento de Despesas Novo Prisma.....	93
Figura 12 - Registro – 2º Pilar Sonhar: Entendendo quanto custa os sonhos da vida – Registro dos Sonhos e Como realizar Sonhos.....	95
Figura 13 - Registro – 3º Pilar Orçar: Momento de estabelecer prioridades – Orçamento Estabelecendo Prioridades.	97
Figura 14 - Registro – 3º Pilar Orçar: Momento de estabelecer prioridades – Orçamento Apuração de Resultado.	98
Figura 15 - Registro – 4º Pilar Poupar: Viver o hoje, sem esquecer o amanhã – Poupança do 1% (em Reais (R\$))	100
Figura 16 - Registro – <i>Feedback</i> do Produto Jornada Financeira – Parte I.	101
Figura 17 - Registro – <i>Feedback</i> do Produto Jornada Financeira – Parte II.	101

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Para iniciar nosso bate papo, deixe eu me apresentar	10
1.2 Agora sim!!! Chegou o momento de contar sobre as propostas que permeiam a pesquisa	17
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
2.1 Educação Escolar	21
2.2 Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil: Um breve histórico	22
2.2.1 A Educação de Jovens e Adultos (EJA) por meio da Andragogia	25
2.2.2 A carência da formação educacional da EJA	28
2.3 A Matemática em ação e a origem da Educação Matemática Crítica sob o olhar de Ole Skovsmose	29
2.3.1 Matemacia como letramento matemático crítico	32
2.3.2 Educação Matemática Crítica e o papel do professor que ensina matemática para educandos jovens e adultos	34
2.4 Educação Financeira como base formadora da consciência financeira humana	38
2.4.1 Educação Financeira, EJA e Educação Matemática Crítica	39
2.5 A Transversalidade da Educação Financeira conforme a Concepção da Educação Matemática Crítica	42
2.5.1 Ambientes de aprendizagem da Educação Matemática Crítica e suas possibilidades na Educação Financeira	43
2.6 Uma análise crítica da Educação Financeira na Educação Matemática	49
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS	52
3.1 Percurso Metodológico da Pesquisa	52
3.2 Tipo de pesquisa	53
3.3 Observação do local de Investigação da Pesquisa	53
3.3.1 Conhecendo um pouco mais do ambiente da pesquisa	54
3.4. Produto educacional e seu contexto pedagógico	54
3.4.1 Apontamento da coleta de dados do produto educacional	55
4 VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL “JORNADA FINANCEIRA”	57
4.1 Produto Jornada Financeira e sua formação	57
4.1.1 Mas afinal, o que exatamente trata o “Jornada Financeira”?	58
4.2 Construção do Produto Educacional “Jornada Financeira” com base em seus pilares: Diagnosticar, Sonhar, Orçar e Poupar (DSOP)	59
4.3 Cronograma dos encontros do Produto Educacional “Jornada Financeira”	73
5 JORNADA FINANCEIRA: A EXPERIÊNCIA DE UM PRODUTO EDUCACIONAL APLICADO NA EJA	76
5.1 Contextualização dos critérios categorizados nos encontros	78

5.2 Primeiro encontro: Explicação e apresentação do Produto Educacional “Jornada Financeira”.....	79
5.3 Segundo encontro: 1º Pilar – Diagnosticar: Descobrindo o seu “Eu” financeiro	91
5.4 Terceiro encontro: 2º Pilar Sonhar: Entendendo quanto custa os sonhos da vida.	94
5.5 Quarto encontro: 3º Pilar Orçar: Momento de estabelecer prioridades	96
5.6 Quinto encontro: 4º Pilar Poupar: Viver o hoje, sem esquecer o amanhã.....	99
5.7 Sexto encontro: <i>Feedback</i> do Produto Jornada Financeira	100
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	106
APÊNDICES	114
APÊNDICE A – Requerimento a Secretaria da Municipal de Educação	114
APÊNDICE B – Carta de Anuência da Secretaria da Municipal de Educação	115
APÊNDICE C – Requerimento a Escola de Ensino Municipal de Ensino Fundamental..	116
APÊNDICE D – Carta de Anuência da Escola de Ensino Municipal de Ensino Fundamental	117
APÊNDICE E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Professor(a) ...	118
APÊNDICE F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Estudantes	120
APÊNDICE G – Termo de Assentimento de Livre e Esclarecido (TALE) – Estudantes ..	122
APÊNDICE H - Produto Educacional “JORNADA FINANCEIRA”	124

1 INTRODUÇÃO

O texto desta dissertação apresenta a trajetória percorrida durante o desenvolvimento de uma pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em Docência para Educação Básica, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus Bauru.

Convidamos o leitor a conhecer um pouco do trajeto pessoal, acadêmico e profissional do pesquisador, permeado de razões que justificam a escolha do tema e do referencial teórico adotado para fundamentar esta pesquisa.

1.1 Para iniciar nosso bate papo, deixe eu me apresentar

Realizarei aqui uma singela apresentação com o objetivo de descrever minha origem e os fatos que marcaram a minha trajetória até chegar à vida acadêmica.

Filho do senhor Sidney Pontara e da senhora Maria da Silva Pontara, sou natural da cidade de São Caetano do Sul – Estado de São Paulo –, porém desde o meus 07 (sete) anos de idade resido na cidade de Ourinhos, interior do estado de São Paulo. Meu pai era serralheiro e minha mãe sempre foi dona de casa.

Antes do meu nascimento, meus pais que residiam em Ourinhos se mudaram para o grande ABC, na cidade de São Caetano do Sul, região metropolitana da cidade de São Paulo, em busca de melhores condições de vida. Segundo os relatos dos meus pais, o início da vida na cidade grande, com três filhos, sendo eu o caçula, não foi fácil. Sou fruto de escola pública, toda a minha formação foi desenvolvida por meio do sistema de instrução educacional brasileiro.

No início da década de 2000, cursava os finais do Ensino Médio na Escola Estadual José Augusto de Oliveira em Ourinhos, a insegurança de tentar desvendar o futuro era grande. Ao tentar ajudar, minha mãe me matriculou em um curso básico profissionalizante de Informática integrado a Administração de Empresas, porém, mesmo assim, as dúvidas eram imensas. De tal modo, no último semestre do 3º (terceiro) ano do colegial (atualmente Ensino Médio), tive a real percepção da confusão que existe na mente do jovem que está no fim do Ensino Médio, gerando em mim e acredito que continue se perpetuando na geração atual, o seguinte questionamento: O que exatamente vou fazer da minha vida agora que estou

prestes a terminar o ensino médio?. Em um primeiro momento pensei em cursar a graduação de Educação Física devido a prática de esportes na adolescência.

Contudo, após o término do ensino médio, meus pais não tinham condições financeiras para que eu pudesse estudar em outra cidade ou até mesmo pagar a mensalidade de uma faculdade particular. Ainda assim, o sonho de continuar os estudos permanecia. Ao mesmo tempo queria e precisava muito arrumar um emprego, mas, como estava alistado ao Serviço Militar Brasileiro (Tiro de Guerra), naquele momento um trabalho fixo era bem complicado, assim desenvolvia alguns trabalhos esporádicos, os chamados “bicos” de entrega de jornal e panfletagem, que fizeram parte da minha vida desde os meus 12 (doze) anos de idade.

Devido ao curso básico profissionalizante que havia cursado, minha mãe novamente me ajudou a pensar em continuar os estudos na área de administração, no qual surgiu a oportunidade de cursar o Técnico em Administração de Empresas, que trouxe um norte acadêmico em minha vida, pois comecei a ter afinidade nas disciplinas de Administração Financeira, Empreendedorismo, Matemática Financeira e principalmente Contabilidade. Terminando o curso, manifestei a vontade de me graduar em Ciências Contábeis nas Faculdades Integradas de Ourinhos (FIO) que hoje se tornou centro universitário. Como a instituição era particular e por ora estava servindo o Tiro de Guerra de Ourinhos, ainda não possuía trabalho fixo, com isso continuar estudando era um desafio.

Um dia, quando estava voltando do Tiro de Guerra para casa, ao chegar, minha mãe ouvia um programa de rádio que anunciou o Programa Escola da Família, mantido pelo governo do Estado de São Paulo, Instituto Ayrton Senna e Unesco – era um programa social desenvolvido aos finais de semanas nas escolas públicas, por universitários que trocavam seus trabalhos por bolsas de estudos. Neste anúncio eram apresentados os projetos que as escolas ofereciam à sociedade, totalmente gratuito, e um desses projetos era um cursinho pré-vestibular. Como queria muito fazer faculdade na área de Ciências Contábeis e tanto eu como meus pais não tínhamos condições financeiras de custeá-la, fui até a escola e me inscrevi no cursinho pré-vestibular. Ao assistir a 1ª (primeira) aula, a professora que era a responsável pelo projeto, leu em minha ficha cadastral que eu era formado em Técnico em Administração de Empresas e queria cursar Ciências Contábeis; ela me convidou para ser voluntário, ministrando aulas de Contabilidade básica nas tardes de domingo, de tal modo pensei: Deus me dando uma oportunidade.

Essa professora me explicou que seria uma possibilidade de eu ingressar na faculdade. Em um primeiro momento fiquei impactado com o convite e me questionei: Será que consigo? Mas, como Deus estava agindo em minha vida, colocou em meus pensamentos e em meu coração a seguinte frase: vai sem medo e estarei ao seu lado.

Fiquei 06 (seis) meses como voluntário lecionando e ao mesmo tempo aprendendo com uma turminha que tinha 05 (cinco) estudantes. Isso me possibilitou fazer a inscrição no vestibular de forma gratuita. Assim, em dezembro do ano de 2005 prestei vestibular e passei, mas aí veio mais um desafio: para eu inscrever como educador universitário no Programa Escola da Família teria que pagar pelo menos a matrícula do curso e eu não tinha dinheiro. Me lembro como se fosse hoje o que meu pai me disse: Filho eu pago a 1ª (primeira) mensalidade que é a matrícula e Deus proverá e você vai conquistar a bolsa. E realmente isso aconteceu, meus pais oraram e fui abençoado, entre 100 (cem) pessoas que concorreram a bolsa classifiquei em 10º (décimo) e em fevereiro de 2006, a partir da 2ª (segunda) mensalidade não paguei mais nada financeiramente, somente com trabalhos sociais desenvolvidos nas escolas públicas.

Passado 01 (um) mês que estava cursando Ciências Contábeis, um amigo da adolescência, que encontrei na faculdade, me indicou para uma vaga de emprego na área de contabilidade. Passei por uma entrevista desafiadora, no qual a recrutadora que me entrevistou acabou comigo, olhava para o meu rosto e falava as seguintes frases: “Se eu der a oportunidade a você acredito que não aguente uma semana e pede para sair”; “Não percebo entusiasmo da sua parte em relação ao trabalho na empresa”; “Mesmo assim, vou efetuar a sua contratação, porém não tenho plena confiança de que você conseguirá permanecer”; “Vou contratar você como estagiário por 02 (dois) anos e depois não tenho intenção de efetivar seu contrato”. Mas ela não percebeu que Deus estava ao meu lado, sou franco que no começo pensei em desistir, mas era mais uma oportunidade que Deus estava me concedendo, assim, vi como um novo desafio.

Aos poucos fui pegando confiança nas atividades que desenvolvia, ou seja, aprendendo trabalhar, concomitantemente os colegas de trabalho foram me ajudando e confiando em mim. Minha vida ficou corrida, trabalhava o dia todo, estudava a noite e aos fins de semana desenvolvia atividades sociais no Programa Escola da Família. Quando era época de prova na faculdade tinha um tempo mínimo

de estudo, muita das vezes estudava de madrugada, em horários do meu almoço que era apenas 01 (uma) hora por dia, pois tinha que compensar por não trabalhar aos sábados, mas conseguia ir muito bem nas disciplinas, sendo alvo de perseguições e críticas de muitos estudantes, que comentavam que eu era fanático por estudo, o chamado “Nerd”, no entanto, as mesmas pessoas que me criticavam precisaram de mim.

Em um fim de semestre na faculdade, cerca de 10 (dez) estudantes ficaram *de exame* e como eu me destacava indo muito bem nas disciplinas do curso, vieram me procurar para ajudá-los. Como sempre gostei de ensinar e a vocação de ser professor já era algo perceptível em minhas atitudes, aceitei e ajudei-os, explicando os conteúdos das disciplinas. Terminando o período acadêmico fizeram as provas e passaram, me agradeceram dizendo: “Se não fosse por você, não teríamos conseguido passar”. Em contrapartida respondia: “Na realidade foi Deus que me abençoou com o dom de ensinar e por mim vocês foram abençoados”.

Ao término de 2009 me formei. Fui considerado um dos melhores estudantes, entre os anos de 2006 a 2009, do curso de Ciências Contábeis, recebi um certificado como premiação. Posteriormente, ao término da graduação, busquei por uma bolsa de estudo de pós-graduação *lato sensu* em Gestão Financeira e Auditoria Contábil, pois a coordenação tinha prometido uma premiação para os melhores estudantes, além do certificado que havia ganhado, não obtive êxito, mas não desisti.

No início do ano de 2010, foquei no propósito de lecionar, comecei a distribuir vários currículos nas Escolas de Ensino Técnico e Profissional. Não demorou muito. A oportunidade de ensinar surgiu. Fui convidado para lecionar no Instituto de Educação Avançada Aprove, no Curso Técnico em Logística, nas disciplinas de Matemática Financeira e Contabilidade, sem titubear aceitei e assim iniciou realmente minha carreira como docente. Logo em sequência, na mesma instituição, surgiu mais aulas nas disciplinas de Administração Hospitalar, Empreendedorismo, Gestão em Negócios, Estatística Empresarial e Trabalho de Conclusão de Curso, nos diversos cursos técnicos que a escola desenvolvia, como: Radiologia, Enfermagem, Segurança do Trabalho, Podologia. Nessa instituição permaneci por 11 (onze) anos, entre os anos de 2010 até 2021.

No ano seguinte, em 2011, apareceu mais uma oportunidade para lecionar em outra instituição de ensino profissional, Colégio Super Ensino, as disciplinas de Administração, Contabilidade e Estatística Aplicada, nos Cursos Técnicos em

Logística e Segurança do Trabalho. Nessa instituição tive 02 (duas) passagens, totalizando 05 (cinco) anos de serviços prestados. A 1ª (primeira) passagem foi entre os anos de 2011 a 2014. Já a 2ª (segunda) passagem foi na função de professor tutor no ensino superior EAD nas disciplinas de Administração de Empresas, Empreendedorismo, Gestão Financeira e Projeto Integrador, nos cursos Administração de Empresas, Recursos Humanos e Processos Gerenciais, entre os anos de 2017 a 2019, no qual o colégio era polo da Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR).

Finalmente chegou o momento de realizar a pós-graduação *lato sensu*. Com uma bolsa parcial de 32%, desenvolvi o estudo “Educação Financeira: A Relevância da escola média em formar um cidadão com consciência financeira”, entre 2011 e 2012. A experiência de cursar uma especialização me permitiu visualizar um horizonte acadêmico, o que alimentou meu desejo de cursar o mestrado.

Devido a me destacar ao longo do curso da pós-graduação, um professor me disse que se eu quisesse ele me indicaria no programa de pós-graduação em administração da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E assim o fez, lembro como se fosse hoje, sai de Ourinhos de ônibus e fui para Londrina interior do Estado do Paraná, conversar com o professor coordenador do programa de pós-graduação, infelizmente a conversa não foi agradável, o professor agiu de uma forma desumana, me humilhando e me chamando de semianalfabeto, por eu ter sido estudante de escola pública e ter cursado faculdade particular. Saí de Londrina decepcionado, com um sentimento de incapacidade impregnado em mim. Contudo, ao longo da viagem de volta Deus foi me fazendo entender que era necessário tomar uma decisão, ou seja, era o momento de pedir demissão do trabalho que estava para focar na carreira docente e assim atingir o objetivo que era de cursar um programa de pós-graduação *stricto sensu*.

Chegando em minha cidade, conversei com os meus pais e pedi demissão do meu trabalho, iniciando a busca para me aperfeiçoar e atingir meu objetivo. Para isso, observei a possibilidade de cursar outras pós-graduações *lato sensu* e assim me preparar para o Mestrado.

Mas como a vida é um quebra-cabeça real, as peças foram se juntando ao longo do tempo. Isto é, em 2013, um colega professor me indicou para lecionar em um curso profissionalizante de Administração, na Escola Centro Brasileiro de Cursos (CEBRAC). Nessa instituição atuei por 11 (onze) anos de 2013 até 2024, atuei como

professor nas disciplinas de Administração Básica, Educação Financeira Empresarial e Pessoal e Práticas de Departamento Pessoal. Também participei de orientações de projetos de negócios em feiras de empreendedorismo.

No ano de 2014 consegui passar em um processo seletivo na Escola Técnica Jacinto Ferreira de Sá, Etec Ourinhos, vinculado ao Centro Paula Souza (CPS), para lecionar disciplinas nos cursos de Gestão. Isso ampliou a minha experiência como docente e abriu portas para a educação continuada; consegui realizar dentro da própria instituição outras especializações em nível *lato sensu*, como “Ensino na Educação de Jovens Adultos (EJA)”, além de uma formação pedagógica que me habilitou a ser licenciado em Ciências Contábeis. Nessa instituição entre idas e vindas conforme realizações de processos, já possuo 06 (seis) anos de trabalhos desenvolvidos.

A fim de aprimorar ainda mais meu conhecimento sobre Educação Financeira, no ano de 2018 resolvi cursar uma especialização *lato sensu* em Terapia Educacional Financeira no Instituto Diagnosticar, Sonhar, Orçar e Poupar (DSOP) vinculado à Universidade Oeste Paulista (UNOESTE). Meu trabalho de conclusão de curso intitula-se “Análise da metodologia DSOP como recurso para lidar com a ansiedade frente ao dinheiro e ao consumo”.

Diante de tudo isso, ainda no ano de 2018 fui encaixando mais peças do quebra-cabeça da minha vida, ou seja, mais uma vez Deus me abençoou, oportunizando a experiência no ensino superior, passei em um processo seletivo para professor substituto na Faculdade de Tecnologia de Ourinhos (Fatec), para lecionar a disciplina de Contabilidade nos Cursos de graduação de Agronegócios e Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Nessa instituição permaneci entre os anos de 2018 até 2019.

Nesse período participei do processo seletivo para o Mestrado em Agronegócio na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Câmpus Tupã. Passei em todas as etapas, porém por dificuldades de locomoção e prioridades familiares, optei por não me matricular. Na realidade estava noivo e precisava terminar minha casa e me casar com a minha amada esposa. E pelo amor que sinto por ela, naquele momento a prioridade era o meu casamento, ou seja, a constituição de minha família. Não me arrependo de ter tomado essa decisão, de tal modo só adiei momentaneamente meu sonho de continuar estudando, porém não desisti, Deus me fez entender que ainda não era hora.

No ano de 2022, outra peça do quebra-cabeça foi encaixada, por meio de um site na internet vi um anúncio, no qual tratava sobre o processo seletivo para o Programa Pós-Graduação em Docência da Educação Básica (PPGDEB) na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Câmpus Bauru. Pensei em me inscrever, no entanto, fiquei em dúvida devido eu nunca ter atuado como professor na educação básica. Conversei com a minha esposa e ela me apoiou, orientando a observar os requisitos necessários para inscrição. Analisando o edital percebi que minha graduação, especializações e formação pedagógica atendia os requisitos solicitados para inscrição no programa, observei a linha de pesquisa que poderia me enquadrar para escrever o projeto e assim fiz a inscrição.

No desenvolvimento das etapas do processo, passei na 1ª (primeira) fase que era análise dos documentos, sequencialmente classifiquei para a 2ª (segunda) fase que era o desenvolvimento da avaliação escrita, no qual também passei, classificando para a 3ª (terceira) fase que era escrever o projeto criando um produto educacional dentro do contexto da área de conhecimento: Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos. Desenvolvi a escrita do projeto voltado à formação da consciência financeira na educação de jovens e adultos (EJA), no qual fui convidado para a entrevista com as professoras Dra. Eliana Marques Zanata; Livre Docente Dra. Vera Lúcia Messias Capellini; Dra. Silvia Regina Vieira da Silva. No decorrer da entrevista busquei explicar a intenção do projeto e produto educacional conforme os questionamentos das professoras. Fui aprovado e a professora Dra. Silvia Regina Vieira da Silva tornou-se minha orientadora.

No desenrolar do Mestrado cursei disciplinas que contribuíram para minha pesquisa; conheci professores e muitos colegas de diversas áreas da educação básica, cuja a troca de experiências foram fundamentais para ampliar o meu conhecimento. As orientações com a professora Dra. Silvia Regina Vieira da Silva foram essenciais para ajustar o tema da minha pesquisa e a ideia de produto, que buscou se inteirar no contexto da Educação Matemática Crítica e a Formação da Consciência Financeira na EJA. Um tema que visa contribuir para a melhoria da educação num todo, buscando formar jovens e adultos com consciência financeira que aprendam a lidar com os seus rendimentos frente ao consumo.

Deixo claro que no desenvolvimento desta dissertação tive vários percalços de saúde com o meu pai, que por vários dias ficou internado com problemas cardíacos e insuficiência renal, correndo o risco de vida. Isso mexeu com o meu

emocional, dificultando imensamente o atendimento do cronograma de prazos e escrita da dissertação. Porém não desisti.

Portanto, digo que durante a escrita desta apresentação, em muitos momentos me emocionei, pois revivi momentos e fatos que marcaram a minha trajetória até aqui. Sou imensamente grato à Deus por cuidar de mim e não me deixar desistir, por cuidar de minha esposa e família, da querida orientadora, dos professores da banca de qualificação, dos meus colegas e de todas as pessoas que fizeram parte desta caminhada, que é somente mais uma parte do quebra-cabeças da minha vida.

1.2 Agora sim!!! Chegou o momento de contar sobre as propostas que permeiam a pesquisa

O mundo e seus sistemas, têm passado por transformações, seja na área tecnológica, econômica ou cultural, alterando, conseqüentemente, o comportamento das pessoas, deixando-as, muitas vezes, aceleradas, ansiosas e imediatistas. O simples fato de querer algo a qualquer custo é mais importante do que ser alguém cooperativo para a sociedade.

Esses comportamentos acabam afetando diretamente a rotina das pessoas, alto consumo sem conhecimento necessário faz com que o endividamento e a inadimplência, aconteçam. Segundo Domingos (2011, p. 33) “A ansiedade e o imediatismo já são perceptíveis na própria fala e ações das pessoas”.

O número de endividados e inadimplentes no Brasil atinge em média 73 milhões de pessoas ao ano. De acordo com o Mapa da Inadimplência e Negociação de Dívidas, os brasileiros com idades entre 41 e 60 anos representam a maior fatia da população com nome restrito, com 35,2%. Na sequência estão as faixas etárias de 26 a 40 anos (34,2%), acima de 60 anos (18,9%) e os jovens entre 18 e 25 anos (11,8%). Isso compromete a qualidade de vida da população brasileira (Serasa, 2024)¹.

¹ Levantamento realizado pelo Mapa da Inadimplência e Negociação de Dívidas no Brasil desenvolvido pelo Serasa.

As pessoas podem ter comportamentos desprovidos da influência de conhecimento sobre Educação Financeira, implicando em atitudes sem consciência² das consequências de algumas compras. Finanças é um tema de destaque no cotidiano humano, seja na área da vida particular, familiar ou social, sendo necessário, portanto, discutir dentro do ambiente escolar para instruir os educandos a tomarem decisões adequadas em relação aos assuntos financeiros do dia a dia, fazendo-os compreender que o contexto financeiro está implícito e é realidade na vida humana (Silva; Powell, 2013).

Aliás, a temática está prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

[...] cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: [...] educação para o consumo, educação financeira e fiscal [...] (Brasil, 2017, p. 19-20).

A aprendizagem sobre Educação Financeira tem início no sexto ano do Ensino Fundamental, durante o desenvolvimento da disciplina de Matemática, e se estende nos anos seguintes.

Aqui, especificamente, será considerada a etapa escolar denominada como Educação de Jovens e Adultos (EJA) que, segundo o Artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) é “destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida” (Brasil, 1996). Tal opção está fundamentada na experiência profissional do pesquisador.

E, para o desenvolvimento da pesquisa, será considerada como questão norteadora: Como a Educação Matemática Crítica pode contribuir para a mudança de hábitos de natureza financeira com vistas à transformação da situação econômica pessoal?

Com base nesse questionamento, esta pesquisa objetiva orientar o estudante inserido no contexto da EJA para a formação de uma consciência financeira, tendo

² Capacidade, de natureza intelectual e emocional, que o ser humano tem de considerar ou reconhecer a realidade exterior (objeto, qualidade, situação) ou interior, como, por exemplo, as modificações de seu próprio eu.

como base a perspectiva da Educação Matemática Crítica. Concomitantemente, o estudo tratará de forma inerente os seguintes objetivos específicos:

- ✓ Analisar o processo de ensino-aprendizagem na EJA;
- ✓ Investigar a percepção dos estudantes da EJA em relação à Matemática e Educação Financeira;
- ✓ Propor como produto educacional o “Jornada Financeira”, pautado na transversalidade da Educação Financeira prevista na BNCC.

A pesquisa proposta aqui é fruto da experiência como docente em cursos profissionalizantes e técnicos com adolescentes, jovens e adultos, uma população que, em geral, apresenta dificuldades de administrar situações envolvendo dinheiro e consumo (finanças). De acordo com Kiyosaki e Lechter (2005) a educação formal no Brasil concentra todo seu conhecimento nas habilidades tecnicistas, não nas habilidades gerenciais e financeiras. Portanto, por mais que a BNCC considere a Educação Financeira como um tema transversal, no qual pode ser inserido principalmente nos conteúdos da Matemática, a educação escolar no Brasil ainda não prioriza conhecimentos que possam proporcionar a melhoria do comportamento financeiro humano. A falta de instrução pode induzir os brasileiros a terem comportamentos impulsivos, especialmente em decorrência da falta de conhecimentos apropriados para uma decisão.

Deste modo, o desenvolvimento deste estudo se justifica pelo aumento exagerado de endividados e inadimplentes que cresceu no país (Brasil) nos últimos anos³. O referido aumento tem relação com fatores econômicos⁴, que também podem afetar emocionalmente o sujeito frente ao consumo.

Esta pesquisa, então, visa utilizar a Educação Financeira, tema previsto na BNCC, na perspectiva da Educação Matemática Crítica, em aulas de Matemática, para proporcionar conhecimento que auxilie o planejamento de gastos dos/das estudantes da EJA. Vale destacar que os/as estudantes da EJA, em geral, são

³ Serasa aponta nos últimos anos aproximadamente 70 milhões de brasileiros estavam inadimplentes. O número bateu recorde. Texto pesquisado no site “Revista Oeste – Economia”. Disponível em: <https://revistaouest.com/economia/numero-de-brasileiros-inadimplentes-bate-recorde-em-janeiro/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

⁴ Fatores Econômicos, aqui representados pela alta da inflação, elevação dos juros e aumento do desemprego.

pessoas com muita vivência social, que têm que gerenciar gastos com moradia e alimentação, além do gerenciamento do valor relacionado com a aposentadoria.

Portanto, promover situações que favoreçam o aprendizado relacionado ao gerenciamento das finanças dessas pessoas é de suma importância.

Após apresentação geral, este estudo estrutura-se por seções, primeiramente pela seção “Introdução”, que como o próprio nome sugere, introduz o leitor ao tema da pesquisa, ao problema estudado, à hipótese, à justificativa e aos objetivos, geral e específicos. Na segunda seção, a pesquisa trata da “Fundamentação Teórica”, que se embasa em estudos de autores que publicaram obras literárias impressas (livros, revistas, dissertações e teses) e em meio eletrônico (*Internet*), que atuam ou já atuaram no saber da EJA, Educação Matemática Crítica e Educação Financeira. Prosseguindo, a terceira seção denominada “Metodologia” explicita todo o processo organizacional da pesquisa. Sequencialmente, a quarta seção apresenta a construção do Produto Educacional intitulado “Jornada Financeira”. A quinta seção, expressa a experimentação do produto educacional, juntamente com os dados coletados durante aplicação. A última seção denominada “Considerações finais” traz um relato sobre toda a elaboração da dissertação, demonstrando a relevância do conhecimento estudado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste item são abordadas fundamentações teóricas sobre diversos aspectos da educação que culminaram em uma proposta alinhada à formação da consciência financeira, tendo como base a perspectiva da Educação Matemática Crítica.

2.1 Educação Escolar

Considerada como direito essencial a todos os cidadãos, a educação é uma prática social que visa potencializar o desenvolvimento humano por meio de habilidades e competências. Sendo assim, entende-se que a Educação não se restringe somente à Escola, mas faz parte de um processo que também envolve Família e Estado. Tanto isso se faz real, que segundo o Artigo 205 da Constituição Federal de 1988:

[...] reconhece a educação como direito fundamental compartilhado entre Estado, família e sociedade ao determinar que a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988).

Corroborando com este conceito o Artigo 1º da LDB (2017) reconhece que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Em concordância com esse raciocínio, a educação quando é bem desenvolvida pela Família, Estado e Escola:

[...] deve formar o homem integral, vale dizer, indivíduos capazes de pensar com lógica, de ter autonomia moral; indivíduos que tornem cidadãos capazes de contribuir para as transformações sociais, culturais, científicas e tecnológicas, que garantem a paz, o progresso, uma vida saudável e a preservação de nosso planeta. Portanto, pessoas criativas, participantes e críticas. Afirma-se que isto seria um processo permanente, um ideal a ser perseguido, de modo especial na escola, mas também fora dela (Tonet, 2006, p. 15).

Partindo disso, nota-se que o maior desafio da educação escolar ao longo dos anos e principalmente nos últimos tempos é tornar o conhecimento do ser humano

produtivo, ou seja, fazer com que o indivíduo gerencie melhor seu pensamento, formando opiniões conscientes, as quais possibilite o empreender de sua própria vida, de modo que busque aperfeiçoar princípios, deveres e valores para si próprio e, principalmente, para a sociedade em que vive. Isso significa que a educação escolar desempenha um papel fundamental na formação do conhecimento, dos valores e comportamentos do ser humano, ou seja, é por meio dela que o sujeito estabelece relações e compreende a forma de organização da sociedade na qual está inserido (Sousa, 2023).

Porém, isso têm ficado cada vez mais difícil, uma vez que parte das famílias passou a terceirizar totalmente a educação dos seus filhos para a escola, confundindo educação em contexto geral com educação escolar. Educação de forma geral é formação, sendo de responsabilidade da família, em primeiro lugar, e do poder público de forma subsidiária; e educação escolar é uma parte fundamental da educação, em outras palavras, é o trabalho da escola de ensinar ao indivíduo a ser um melhor ser humano (Cortella, 2014)⁵.

É válido ressaltar que a educação oferecida no âmbito escolar, busca socializar o indivíduo, desde a base até a formação adulta, dando-lhe a responsabilidade de ser o objeto material do saber científico e cultural, do qual o entenda como próprio ser humano, e assim, possa formar ao longo do desenvolvimento da vida um legado, tendo consciência de suas ações.

2.2 Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil: Um breve histórico

A modalidade EJA é discutida no Brasil há muitos anos, sua instituição no país vem com os ensinamentos dos Jesuítas que ocorreram na época da colonização portuguesa.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) se faz notável no Brasil desde a época de sua colonização com os Jesuítas que se dedicavam a alfabetizar (catequizar) tanto crianças indígenas como índios adultos em uma intensa ação cultural e educacional, a fim de propagar a fé católica juntamente com o trabalho educativo (Miranda; Souza; Pereira, 2016, p. 02).

⁵ Texto retirado da entrevista do professor Mario Sergio Cortella, concedida ao Programa EPC (Esporte, Política e Cidadania), na rádio Catve FM 91,7. Disponível em: <http://catve.com/noticia/6/84429/>.

No entanto, em meados do Século XVIII, a família real portuguesa chegou ao Brasil, com isso, houve algumas mudanças e uma delas foi a não prioridade no processo educacional de jovens e adultos, por meio da exclusão do ensino que era desenvolvido pelos Jesuítas (Strelhow, 2010).

Posteriormente a esse contexto, a EJA só voltou a ser discutida no Brasil por volta de 1930, no decorrer do século XX, conforme o desenvolvimento do “Plano Nacional de Educação”, idealizado pelo Governo da época. Esse plano educacional tinha como intuito o Ensino Primário Integral, gratuito e obrigatório, sendo a princípio para o ensino infantil e sequencialmente expandindo-se para jovens e adultos, ou seja, um direito constitucional a ser garantido pelo Estado à população brasileira (Cunha, 2021).

Em 1945, com a política brasileira em crise, o país passou por um processo significativo de desenvolvimento econômico e social, marcado por industrialização acelerada, expansão e urbanização e mudanças nas políticas sociais e trabalhistas. Assim, como marca perversa da desigualdade social, no qual a culpa é da vítima, surgiram muitas críticas a jovens e adultos analfabetos, pois todo o processo de desenvolvimento do país exigia formação de operários capazes de operar as máquinas. Com isso, iniciou um grande movimento que lutava por uma educação de qualidade para todos, fato pelo qual fez com que a EJA figurasse como essencial destaque na sociedade.

Dois anos mais tarde, já em 1947, surge a Campanha de Educação de Adultos como a primeira iniciativa governamental para a educação desse público, com foco na capacitação profissional, visando o desenvolvimento comunitário (Colavitto; Arruda, 2014). Em outras palavras, a partir desse momento a EJA assumia o seu valor por meio de todo o processo de desenvolvimento da Campanha Nacional de Adultos.

É interessante destacar que alguns anos mais tarde, mais precisamente no fim da década de 1950, a Campanha Nacional de Adultos começou a sofrer graves críticas, principalmente nas áreas administrativa, financeira e ensinamentos pedagógicos. No entanto, olhando por outra perspectiva, as críticas foram importantes para mudar o pensamento pedagógico da EJA na época (Colavitto; Arruda, 2014).

Em meados de 1964 houve um marco no Brasil, o chamado golpe militar que para muitos prejudicou o desenvolvimento pedagógico do ensino de jovens e

adultos. Entretanto, Cunha (2021, p. 21) relata em sua obra, que: “Em 1967 é criado pelo governo militar o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL⁶, com objetivo de alfabetizar a população por meio de uma educação continuada”.

Na mesma época as comunidades eclesiais de base, associações de moradores, organizações de trabalhadores urbanos e rurais e outros agrupamentos orientados por valores de justiça e equidade, desenvolveram movimentos populares engajados na reconstrução da democracia, propondo ações educativas que incluíam a alfabetização de jovens e adultos (Unesco, 2008).

Nas décadas seguintes, nos anos 1970 e 1980, dois fatores foram primordiais para a iniciativa de evolução da EJA no Brasil, dos quais podem ser mencionados, a criação do “Ensino Supletivo”, vinculado a LDB nº 5.692/71 (Brasil, 1971) e a “Fundação Educar”, de responsabilidade do Ministério da Educação, que promovia apoio técnico e financeiro incentivando a alfabetização (Vieira, 2004).

Em 1988, o Brasil passou por mais um momento em sua política, no qual resultou a promulgação da Constituição Federal, que conforme seu artigo 208, mais precisamente no item 01, estabeleceu a ampliação da responsabilidade da União com a EJA. Isto é, a educação básica “[...] assegura inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria” (Brasil, 1988).

Complementando, em 1996, com a nova LDB (Lei nº 9.394/96), se reafirma o direito dos jovens e adultos ao ensino básico, estabelecendo responsabilidades aos Estados, Municípios e entes federados da União.

No início dos anos 2000, foram criados diversos programas educativos pela Secretária Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, que visavam todo o processo de formação e qualificação profissional. Posteriormente a isso, por volta de meados de 2007, foi divulgado pelo Ministério da Educação (MEC) que a modalidade EJA fazia parte dos recursos financeiros destinados a mais nova criação do governo federal, o Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB).

No entanto, é necessário mencionar que em toda essa linha do tempo que traz um pouco da história da EJA “[...] o que se viu foi a criação de programas, a curto prazo, que não garantem que os estudantes deem continuidade aos estudos” (Miranda; Souza; Pereira, 2016, p. 02), visto que, infelizmente, o ensino de jovens e

⁶ É importante ser mencionado que o “MOBRAL” foi uma tentativa do regime de exceção de calar o protesto popular, principalmente de intelectuais e do movimento estudantil. No entanto, a rigor, suas ações pedagógicas eram, propositalmente, esvaziadas de sentido crítico, reflexivo e problematizador.

adultos no Brasil é uma modalidade que ainda recebe preconceito tanto pelos governantes quanto pela própria sociedade, prejudicando o desenvolvimento de políticas voltadas à modalidade.

Na realidade, o fato é que, historicamente, a educação brasileira é praticada tanto para academia quanto para fábrica, ou seja, um ensino propedêutico⁷ para as elites dirigentes e, outro, destinado à formação técnica da mão de obra na instrumentação para o mercado de trabalho (Sander, 2011). Essa dualidade⁸ do sistema educacional brasileiro é fator determinante para desmotivar qualquer tipo de estudante, principalmente o jovem adulto na busca contínua de sua formação.

Apesar das dificuldades e desafios, a EJA tem como função reconstruir o conhecimento de pessoas que necessitam obter uma nova oportunidade de continuidade em sua aprendizagem, gerando conhecimentos igualitários e concomitantemente fazer com que a educação seja valorizada.

2.2.1 A Educação de Jovens e Adultos (EJA) por meio da Andragogia

A EJA é uma modalidade típica da educação básica. Seu público-alvo são jovens e adultos que devido a inúmeras dificuldades na trajetória da vida não passaram pelo processo de ensino regular no período considerado certo, e assim retornam trazendo consigo o desejo de aprender e conseqüentemente crescer, tendo a perspectiva de galgar um futuro social e financeiramente ascendente, devido à exigência do mercado de trabalho.

A partir desse contexto, surge o seguinte questionamento: Como se dá a aprendizagem dos estudantes jovens adultos? Cavalcanti (1999) diz que o adulto após 72 horas retém apenas 10% do que ouve de acordo com o método de aprendizado utilizado, em contrapartida é capaz de lembrar-se de 85% do que ouve, vê ou fala, após o mesmo prazo.

Diante do questionamento que foi exposto e o argumento do autor, a resposta pode ser obtida com base em um ensino pedagógico diferenciado, que preserva a conhecida arte de ensinar por meio de estratégias, métodos e técnicas de ensino,

⁷ Propedêutico, tem o sentido de introduzir fundamentos sobre determinado conhecimento, de forma mais generalista.

⁸ Dualidade, é entendida como a coexistência de dois elementos opostos ou complementares em um contexto, ou situação.

tendo o intuito de promover, e concomitantemente, compreender a educação do indivíduo, principalmente nas fases da infância e adolescência, porém, nesse momento a “[...] pedagogia precisa ser modificada para atender a natureza do ensino e as especificidades do público da educação de adultos dando espaço a Andragogia, definida como a arte e a ciência de ajudar o adulto aprender” (Bacelar, 2019, p. 98).

Para um melhor entendimento, Quirino (2017) cita que a Andragogia é a ciência que busca ensinar enfatizando a autodireção, a experiência e a relevância do conteúdo para os estudantes adultos.

Partindo desse contexto, entende-se que para ensinar educandos jovens e adultos é preciso ter sim, pedagogia, ou seja, ter estratégias, métodos e técnicas de ensino, mas que sejam andragógica, ou melhor, que busque fazer com que o(a) estudante entenda os conteúdos conforme a sua realidade cotidiana. Nesse sentido Bacelar (2019) ressalta que:

[...] o adulto solicita aprender conteúdos que estejam associados a sua realidade para que este venha entender o que está sendo ensinado, pois, eles trazem muitas experiências e os conteúdos apresentados na escola na maioria das vezes estão dissociados do seu convívio (p. 97).

De acordo com o referido excerto, é importante destacar que o professor da EJA deve se portar como um educador, que busque se inteirar de conceitos de Andragogia, e se torne um mediador⁹ do ensino e aprendizado do educando.

Em outras palavras, o professor da EJA se torna um elemento chave no processo do ensino andragógico, motivando e provocando o cognitivo do(a) estudante a se inteirar de novos estudos e conhecimentos, dos quais sejam repartidos entre o próprio professor e os estudantes, por meio de materiais e atividades que estejam atrelados a uma aprendizagem orientada de forma autodirigida, pautada na discussão e solução de problemas (Piconez, 2006).

Discorrendo um pouco mais sobre Andragogia, observar-se que seu conceito estuda cientificamente a melhor forma prática para orientar adultos a aprender. Um ponto que é fundamental ser mencionado é a experiência, fonte mais rica para

⁹ A Mediação pedagógica, do ponto de vista da Educação Matemática Crítica, temática central que a dissertação trata, se consolida pelos instrumentos e signos, não apenas pela fala professoral. Mais adiante, o estudo mostrará isso quando sugerir instrumentos e signos da Educação Financeira para ampliar o alcance das significações matemáticas na formação escolar das pessoas.

jovens e adultos a aprenderem. Isto é, são estimulados a aprender conforme vivenciam necessidades e interesses que o conhecimento proporcionará ao longo de suas vidas (Martins, 2013).

Partindo disso, Martins (2013) apresenta em sua obra o modelo andragógico, que é estruturado por 06 (seis) princípios:

- 1) **Necessidade de saber:** adultos carecem saber por que precisam aprender algo e qual o ganho que terão no processo.
- 2) **Autoconceito do aprendiz:** adultos são responsáveis por suas decisões e por suas vidas, portanto querem ser vistos e tratados, pelos outros, como capazes de se autodirigir.
- 3) **Papel das experiências:** para o adulto, suas experiências são a base de seu aprendizado. As técnicas que aproveitam essa amplitude de diferenças individuais serão mais eficazes.
- 4) **Prontidão para aprender:** o adulto fica disposto a aprender quando a ocasião exige algum tipo de aprendizagem relacionado a situações reais de seu dia a dia.
- 5) **Orientação para aprendizagem:** o adulto aprende melhor quando os conceitos apresentados estão contextualizados para alguma aplicação e utilidade.
- 6) **Motivação:** adultos são mais motivados a aprender por valores intrínsecos: autoestima, qualidade de vida, desenvolvimento.

Observando o modelo andragógico, é perceptível que na EJA o desenvolvimento do saber deve ser focado nas experiências vivenciadas pelo estudante na sociedade, com ações do dia a dia do indivíduo, que visa ajudá-lo a enfrentar problemas reais que surgem na vida de qualquer ser humano.

Em diversas situações quando o estudante adulto é colocado em prova, no qual se vê obrigado a fazer algo que não está acostumado, se sente oprimido e excluído devido suas limitações, causando um pensamento de incapacidade (Oliveira, 2011). No entanto, é nesse momento que mais uma vez destaca-se o papel do professor, que se torna uma espécie de norteador do estudo dos

estudantes jovens e adultos, possibilitando mais liberdade em sua forma de aprender, porém com responsabilidade.

Em outros termos, cabe ao professor desenvolver a andragogia assumindo o papel de estimulador, uma vez que

Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu. O educador diz: “Veja” – e, ao falar, aponta. O aluno olha na direção apontada e vê o que nunca viu. O seu mundo se espanta. Ele fica mais rico interiormente. E, ficando mais rico interiormente, ele pode sentir mais alegria e dar mais alegria – que é a razão pela qual vivemos. Vivemos para ter alegria e para dar alegria. O milagre da educação acontece quando vemos um mundo que nunca se havia visto (Alves, 2003, p. 116).

Portanto, é dessa forma que a EJA por meio do professor, proporciona ao seu aluno o entendimento necessário ao conhecimento e sua reconstrução por parte da Andragogia, proporcionando a esses educandos a ampliação e a inserção qualificada em todos os setores da atividade humana, reforçando a relação entre conhecimento e cidadania, o engajamento social e a emancipação do sujeito no meio em que vive (Bacelar, 2019).

2.2.2 A carência da formação educacional da EJA

Legalmente a formação educacional de jovens e adultos, “[...] tem o objetivo de possibilitar o acesso, a permanência e a continuidade dos estudos de todas as pessoas que não iniciaram ou interromperam o seu processo educativo escolar” (Brasil, 2021, s/p)¹⁰.

No entanto, sobreviver em um mundo a todo o momento rodeado por crises, nunca foi tarefa fácil para o ser humano.

[...] As pessoas vivem, mas acham que não tem mais o mesmo estímulo para fazer as coisas que antes faziam. Empurram a vida em vez de viver e veem de uma hora para outra desaparecer todas as coisas que antes davam sentido à existência, que lhes indicavam porque causa deveriam lutar, para onde deveriam dirigir sua vida e a razão de fazer tudo isso (Marcondes Filho, 1994, p. 09).

¹⁰ Texto retirado do Artigo 02 da Resolução Nº. 01/2021 de 25 de maio de 2021, descrito pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, autorizado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) (Brasil, 2021).

Por meio disso, é notório que todas essas mudanças reagem diretamente no desenvolvimento da formação escolar, seja da criança, do adolescente e principalmente do Jovem Adulto que aqui é objeto de estudo, pois seu pensamento, enquanto construção e continuidade de sua vida, resulta em algo confuso, podendo levar ao imediatismo. Isso pode influenciar todo o desenvolvimento de sua vida, como por exemplo, o impacto no comportamento relacionado à formação da consciência financeira.

Na realidade o que acontece é um desequilíbrio emocional oriundo da distorção imediatista, que parte é estimulada pelo avanço tecnológico, no qual promove a ilusão que tudo está ao alcance das mãos do ser humano, bastando apenas um clique. É comum, hoje em dia, ouvir crianças, jovens e adultos dizerem: Eu quero isso agora!; Eu quero isso imediatamente!; Eu quero isso pra ontem! (Domingos, 2011).

Nos últimos tempos conseguir ensinar Jovens e Adultos a se tornarem sujeitos conscientes de suas opiniões e ações, tornou-se um desafio um tanto quanto árduo para educação, pois, na atual realidade observa-se que, o papel da educação na ideologia atual, é expressada pelo conceito de empregabilidade em busca somente da conquista do bem financeiro e material, produzindo um “cidadão mínimo”, além de imediato, carente de capacidades cívicas (Gentili *apud* Castro 2015).

Desse modo fica cada vez mais evidente que a formação educacional de estudantes jovens e adultos é algo que se faz necessária, pois é por meio dela que se possibilita, também, ensinamentos relacionados à Educação Financeira dentro de uma concepção crítica matemática.

2.3 A Matemática em ação e a origem da Educação Matemática Crítica sob o olhar de Ole Skovsmose.

Dentro do contexto escolar, quando se fala em Matemática ou alguma disciplina correlacionada ao ensino matemático, preocupações e questionamentos se proliferam no pensamento dos estudantes, como, por exemplo: Para que serve tal conceito matemático? Onde vou usar a matemática na minha vida? Por que tenho que estudar tudo isso sendo que não vou trabalhar com matemática? E outros mais conforme vão se desenvolvendo os conteúdos voltados a Matemática.

Diante dessas preocupações e questionamentos, observam-se reflexões sobre a ação da Matemática, pois a percepção é que cada vez mais o ensino matemático se torna um fardo ao estudante, ou seja, algo sem sentido para o ser humano. Para Marques e Costa (2015) o “fato é que, muitas vezes, as metodologias adotadas pouco permitem essa vertente prática, conduzindo um trabalho mecânico, enfadonho e sem qualquer proximidade com a realidade” (p. 143).

O ensino da Matemática não pode se limitar em desenvolver habilidades isoladas que restringem somente ao entendimento de operações aritméticas, mas que todo esse conteúdo matemático seja contextualizado com intuito de promover a criatividade, resolução de problemas e tomada de decisão, do qual conduza a criticidade humana; sendo a Matemática, uma forma “[...] de ler o mundo por meio de números e gráficos, e de escrevê-lo ao estar aberto a mudanças” (Skovsmose, 2014, p. 106), dando sentido à vida em sociedade.

Entende-se então, que a Matemática é uma disciplina que quando é contextualizada demonstra ação, isto é: “A Matemática em ação pode atender a qualquer interesse. Em decorrência disso, ela precisa de reflexões. Tais reflexões devem ser conduzidas tendo em vista todas as particularidades da ação, incluindo o contexto” (Skovsmose, 2014, p. 88).

Para uma melhor compreensão, na década de 1980 a Educação Matemática Crítica teve a sua origem por meio de Ole Skovsmose¹¹, um professor acadêmico dinamarquês, que em seus estudos observou uma forma mais apropriada para se estudar matemática, vindo a contribuir para a criação de uma concepção denominada Educação Matemática Crítica. O autor relata essa contribuição em seu livro escrito e publicado no início dos anos 1990 *“Towards a philosophy of critical mathematics education”*, que traduzido para o idioma português tem como título “Rumo a uma filosofia de educação matemática crítica” (Skovsmose, 2008).

Em meio as suas ideias, o professor Skovsmose notou que a Educação Matemática Crítica teve seu início na Europa, por meio de habilidades que iriam além do conhecimento matemático e permite ao estudante desenvolver a competência democrática. Isto é, por intermédio da criticidade matemática, as

¹¹ Ole Skovsmose (1944-2025), nascido na Dinamarca, foi professor universitário com experiência na Universidade de Aalborg (Dinamarca) e na UNESP (Brasil). Além da carreira acadêmica, destacou-se por sua atuação artística, à qual se dedicou integralmente desde 2009, dividindo seu tempo entre o Brasil e a Dinamarca.

peças tem a possibilidade de formar uma consciência de que a cooperação é necessária para tomar decisões e gerar condições de vida mais adequada para todos (Bacelar, 2019).

Em meados de 1994 o professor Ole veio ao Brasil visitar o Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus Rio Claro. Sua vinda em terras brasileiras impactou seus pensamentos, despertando um novo olhar sobre o significado da Educação Matemática, muito pelo fato da diversidade cultural brasileira, que, não só na época, gera imensos conflitos.

Nesse momento, diversas correntes de pensamento se apresentaram, exigindo uma análise cuidadosa. Uma delas era a noção de globalização e o seu impacto nos contextos sociopolíticos, econômicos e culturais em que a educação matemática ocorre e faz parte (Costa; Paulo; Medeiros, 2024, p. 08).

Tamanha a percepção dessa realidade, que professor Ole observou que a concepção Educação Matemática Crítica necessitava ter uma reformulação, no qual adequaria o entendimento matemático conforme as necessidades e realidades locais, para assim desenvolvê-la com eficiência e compreensão ao contexto social que o indivíduo se encontra inserido (Skovsmose, 2008).

No entanto, surgiram preocupações que desafiavam a inteligência de Ole, como por exemplo: Como promover uma educação justa e social por meio do conhecimento matemático em um mundo complexo e desigual que cada vez mais é fracionado em comunidades?

Partindo disso, o professor Ole observou que a Matemática estudada por um olhar crítico, tem o sentido de desenvolver a Matemática em Ação e sua valorização do papel social, dos quais se tornam elementos relevantes na discussão sobre assuntos que envolvem o dia a dia da vida humana, como por exemplo: finanças (Skovsmose, 2014).

A matemática em ação está presente em nosso dia a dia e pode servir a diversos propósitos, pois não possui, por natureza, uma valoração intrínseca de ser boa ou má. Ações fundamentadas em princípios matemáticos devem ser analisadas criticamente, considerando sua diversidade. Essa abordagem crítica revela um distanciamento das “crenças na ciência” e na “racionalidade matemática” que caracterizaram o pensamento moderno desde a revolução científica (Costa; Paulo; Medeiros, 2024, p. 09).

Na realidade, o professor Ole visualizou positivamente a matemática em ação, observada não apenas como uma ferramenta, mas assumindo a responsabilidade de ser um instrumento de análise interpretativa da realidade, diretamente inserida no contexto do desenvolvimento político, econômico, social e tecnológico (Skovsmose, 2008).

A partir de toda esta explanação, é fidelizada a reformulação direcionada a Educação Matemática Crítica, que possibilita o surgimento de uma melhor compreensão de situações sociais e políticas que são desenvolvidas pela criticidade da matemática, no qual pode ser nomeada como Matemacia, termo que será discutido a seguir.

2.3.1 Matemacia como letramento matemático crítico

Em um mundo no qual a evolução tecnológica acelera cotidianamente o modo de pensar e agir das pessoas, o ato de educar não se torna um privilégio, mas de tal forma uma necessidade humana. É importante se ressaltar, que a tecnologia quando bem utilizada serve como ferramenta de ensino e aprendizado ao ser humano, pois sua interação propicia um ambiente inovador e criativo bastante efetivo, contribuindo no processo educacional do indivíduo, ensinando-o a ter uma visão holística da realidade que conduz a vida (Valente, 1991). No entanto, não é de hoje que o mau entendimento e utilização dos avanços tecnológicos contribui para a degradação do ensino, fazendo o estudante perder sua identidade, responsabilidade, direção, isto é, sua criticidade. Para Bacelar (2019)

Esses avanços influenciam a tomada de decisão diante de questões de cunho econômico e sociopolítico, pois dependem da leitura crítica de informações complexas incluindo aí gráficos, tabelas que aparecem constantemente nos meios de comunicação de massa (p. 100).

Sendo assim, a educação tem o papel de capacitar pessoas para participar efetivamente da sociedade. Em outras palavras, é por meio de um processo educacional formativo que se cria possibilidades para construir cidadãos críticos, criativos e solidários, capazes de buscarem alternativas que venham solucionar problemas relacionados a situações cotidianas e complexas, para agir e transformar,

de forma consciente as pessoas que compõem a sociedade (Gomes; Bernardi, 2022).

Observando esse entendimento é que se propõe pensar a Matemática de uma forma diferente, como um instrumento para as áreas da vida pessoal e profissional, partindo das raízes culturais do ser humano, no qual ajude a pensar e raciocinar com clareza, estimulando a construção lógica e formal do conhecimento (D' Ambrósio, 1990).

Diante disso, nota-se o propósito da Educação Matemática Crítica, que é simplesmente primar pela existência e importância humana, que se desenvolve com a valorização e a evolução do ser individual em conjunto com o social, isso significa pessoas se importando e respeitando outras pessoas.

Dentro desse contexto de criticidade matemática, surge então o termo *Materacia*¹², que na visão de D'Ambrósio (2004, p. 36) é “a capacidade de interpretar e manejar sinais e códigos e de propor e utilizar modelos na vida cotidiana”. Em outras palavras, a *Materacia* ou *Matemacia*¹³, dos quais são sinônimos que se resumem em uma forma de letramento matemático crítico, ou seja, a utilização da matemática para o desenvolvimento de uma cidadania crítica (Skovsmose, 2010).

Ainda na visão do autor o termo *Matemacia* é designado à formação da competência crítica que o estudante desenvolve por meio do pensamento que conduz a interpretação, análise e modo de agir, diante de situações cotidianas estruturadas pela matemática (Skovsmose, 2010).

No entanto, nota-se que o ensino matemático proposto pela escola muitas vezes ignora os conceitos supracitados, deixando de alfabetizar matematicamente o estudante. Na realidade, o foco está em um currículo conteudista, que estimula a competitividade e não a cooperatividade, sendo este último o fator fundamental para estabelecer a *Matemacia* como letramento matemático crítico.

Por sua vez a *Matemacia* busca enfatizar “[...] um currículo que estimule a compreensão crítica do ato de ler, interpretar e organizar informações esquecendo esta matemática dissociada da realidade que só serve como instrumento de reprovação em massa, levando a evasão dos educandos” (Bacelar, 2019, p. 101).

¹² Termo utilizado pelo professor Ubiratan D'Ambrósio em seus escritos.

¹³ Skovsmose (2008) utiliza o termo “*Matemacia*”, que possui inspiração nos vocábulos “*Materacia*”, adotado pelo professor Ubiratan D'Ambrósio.

Neste sentido, Biotto Filho (2008) acredita que o letramento matemático crítico, pode-se dividir em pelo menos duas dimensões¹⁴:

A dimensão técnica da Matemacia envolve a habilidade de lidar com noções matemáticas, como reproduzir teoremas, demonstrações, dominar e construir algoritmos, conteúdos e raciocínios matemáticos. A dimensão sociopolítica da Matemacia envolve aplicar tais noções em diferentes contextos e refletir sobre tais aplicações, avaliando o uso que se faz da Matemática (p. 14).

Na visão do autor, a dimensão técnica envolve o entendimento teórico da disciplina, no entanto a dimensão sociopolítica reflete o quanto a matemática impacta no âmbito social, no qual se encontra a política, as finanças e a economia, devendo levar em consideração o meio que está inserido o estudante, além de se observar a segurança das informações obtidas pelos dados estatísticos.

Pode-se mencionar que a Matemacia não é apenas uma metodologia que estimula as habilidades de cálculos e utilização de técnicas matemáticas formais, mas sim tem como propósito desenvolver um letramento matemático humano, pelo qual desenvolva a participação crítica dos estudantes na sociedade (Skovsmose 2001), discutindo questões políticas, econômicas e ambientais, que vão além do processo de ensino e aprendizagem, isto é, servindo como base na busca de alternativas éticas que promovam a solução de problemas oriundos da/na sociedade (Gomes; Bernardi, 2022).

2.3.2 Educação Matemática Crítica e o papel do professor que ensina matemática para educandos jovens e adultos

Observando todo olhar crítico matemático conceituado até o presente momento, o estudo toma a liberdade de entender como a ação da Educação Matemática Crítica pode ser útil para o aperfeiçoamento do ensino-aprendizagem no contexto da modalidade EJA.

Como foi mencionada anteriormente, a EJA é uma modalidade voltada à educação básica, nos níveis fundamental e médio, para pessoas que por percalços

¹⁴ Biotto Filho (2008) inspirado em autores como Professor Ubiratan D' Ambrósio e Professor Ole Skovsmose conceitua "Matemacia" como um "conjunto de competências", que se divide em duas dimensões: uma técnica e outra sociopolítica.

no decorrer da vida, foram impedidas de se escolarizar conforme as etapas do processo educacional regular. Em outras palavras:

Estamos falando de uma ação educativa dirigida a um sujeito de escolarização básica incompleta ou jamais iniciada e que ocorre em bancos escolares na idade adulta ou na juventude. A interrupção ou o impedimento de sua trajetória escolar não lhe ocorre, porém, apenas como um episódio isolado de não acesso a um serviço, mas num contexto mais amplo de exclusão social e cultural, e que, em grande medida, condicionará também as possibilidades de reinclusão que se forjarão nessa nova (ou primeira) oportunidade de escolarização (Fonseca, 2007, p. 14).

Conforme o comentário acima, e trazendo para o contexto do ensino matemático, é notório que a dificuldade com operações matemáticas é sim uma realidade do educando inserido na EJA, pois são pessoas que se encontram com um nível baixíssimo de instrução, devido à falta de acesso ao conhecimento. Com isso, é preciso cuidado para que o(a) estudante inserido nesse cenário não se sinta incapaz de aprender. Para tanto, “faz-se urgente convocar e acolher as imprescindíveis contribuições da experiência desse sujeito em prol da produção conhecimento” (Santos; Moraes; Amaral, 2023, p. 02).

A não apropriação desse conhecimento, acarreta consequências sociais gravíssimas, pois “[...] o aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA) vive, em geral, uma história de exclusão, que limita seu acesso a bens culturais e materiais produzidos pela sociedade” (Brasil, 2002, p. 11). Sendo assim, “[...] sofre prejuízo quanto ao exercício pleno de sua cidadania, na medida em que não dispõe dos conhecimentos matemáticos essenciais para compreensão de dados quantitativos em situações que demandam a tomada de decisões” (Guedes, 2007, p. 02).

Analisando esse fato, o professor D’Ambrósio (2018, p. 193-194) orienta, como trajetória de ensino e aprendizagem, o reestabelecimento de valores culturais, que por sua vez trazem os “[...] conhecimentos matemáticos muito relevantes que podem ser um componente importante na redução da dificuldade no ensino da matemática, um dos responsáveis pelo mau desempenho de estudantes nas escolas”, principalmente quando se trata de estudantes inseridos na modalidade EJA.

No entanto, por mais que o(a) estudante jovem/adulto sofra devido as suas limitações, é fundamental entender que a instrução do conhecimento matemático

crítico não acontece somente quando eles se inserem novamente no ambiente escolar. Isto é, conforme sua vivência, saberes para a superação de necessidades vão sendo adquiridos, principalmente nas práticas cotidianas ligadas ao desenvolvimento do seu trabalho (Duarte, 2009).

Com isso, é importante destacar que conceitos e problemas matemáticos devem ser inseridos no ensino de jovens e adultos conforme a concepção crítica do estudante. Isso significa que é necessário aplicar o ensino matemático reconhecendo a realidade cultural vivenciada pelo educando. Marques e Costa (2015), apontam que:

O ensino de matemática pautado na subjetividade do aluno e no desenvolvimento de postura crítica deve traçar objetivos sobre o mundo vivido, real. Além disso, antes de aprimorar as técnicas de resolução dos problemas possíveis na realidade, deve orientar o seu público a ler o contexto, criticar o fato e saber aplicar o conhecimento (p. 152).

A possibilidade de desenvolver o ensino matemático conforme sua concepção crítica dentro do contexto da EJA oportunizará aos estudantes a formação de um entendimento crítico, que contribuirá para melhores condições de vida e trabalho. Na realidade, a Educação Matemática Crítica propõe um ensino que objetiva o desenvolvimento de conhecimentos matemáticos, tecnológicos e principalmente reflexivos do cotidiano social.

Em outras palavras, quando a Matemática Crítica é bem desenvolvida tem o sentido de proporcionar ao sujeito o ensino e aprendizado sobre o mundo do trabalho, negociações comerciais, bancárias, planejamento doméstico, entre outros tipos de conhecimentos que fazem parte do cotidiano humano (Cargnin, 2015).

Partindo disso, é fundamental mencionar o importante papel do professor que ensina matemática para jovens e adultos, visto que, ensinar alguém nunca foi uma tarefa fácil para a humanidade, porém, frente a essa responsabilidade, a escola tem a atribuição de formar o indivíduo para viver e conviver em sociedade. Entretanto, para isso acontecer é essencial existir um sujeito chamado *professor*, que dentro de um ambiente educacional ensine o conhecimento necessário que potencialize habilidades e forme competências naquele indivíduo denominado *estudante*, para que assim possa trilhar o caminho de sua vida.

Pizzatto *et al.* (2004) explica que cabe ao professor não apenas a transmissão de conhecimentos, mas também despertar no educando a formação de uma consciência crítica, análise aos problemas que o cercam, buscando alternativas que possam a vir a solucioná-los.

No ensino de Matemática, a tarefa de transmissão do conhecimento torna-se um pouco mais desafiadora, pois ensinar conceitos e cálculos matemáticos é algo que requer além da capacidade técnica cognitiva, também é preciso paciência, independente da modalidade de ensino que estão sendo desenvolvidos os conteúdos.

Porém, quando se trata da EJA o processo metodológico deve ser Andragógico, no qual busque “[...] reconhecer os saberes acumulados pelas práticas sociais (pessoais e de trabalho) que os estudantes trazem ao espaço de aprendizagem escolar é ação fundamental” (Marques; Costa, 2015, p. 147) para que o ensino matemático possa ser entendido e compreendido.

Entende-se então, que o professor que ensina matemática na EJA deve buscar se inteirar da realidade dos educandos, e de forma andragógica, desenvolva o diálogo entre os saberes matemáticos com as experiências vividas pelos estudantes em seu dia a dia.

Por meio disso, o educador de jovens e adultos mediante a matemática pode possibilitar a interação entre os conteúdos e contextos sociais, políticos e econômicos em que os estudantes estão inseridos. É a partir da fundamentação desse campo reflexivo, que se abre espaço para amplificação do discurso matemático de forma crítica, abrangendo tanto a relevância do ensino e aprendizagem de matemática quanto à importância social do saber da matemática como ato político econômico para o cidadão (Vargas, 2006).

Dentro dessa perspectiva, o professor de matemática tem o propósito de ser o mediador do saber, para que o entendimento matemático convirja para uma educação matemática humanista. É fazer com que os estudantes da EJA vivam convictos à altura dos seus desafios conforme as condições sociais historicamente em transformação (Mészáros, 2009). O professor de matemática da EJA acaba por validar o que há de social na experiência educacional que nela se vive (Thees; Fantinato, 2012).

Sendo assim, o papel do professor de matemática da EJA é de um educador capaz de construir saberes que possam proporcionar ao estudante o enfrentamento

dos traumas e das dificuldades vividas como desafios que certamente irão surgir ao longo do cotidiano.

2.4 Educação Financeira como base formadora da consciência financeira humana

Uma das maiores preocupações das pessoas atualmente são as dificuldades financeiras. Elas geram impaciência, depressão, problemas estomacais como gastrite e nervosismo, em alguns casos levam ao suicídio. De acordo com Trindade (2009) o número de pessoas com dificuldades financeiras tem crescido consideravelmente nos últimos tempos.

Partindo disso, ser educado financeiramente é um dos principais desafios que atualmente a sociedade tem como tarefa. No entanto, nas ocasiões em que a Educação Financeira é abordada no Brasil, por instituições escolares, financeiras e pelos meios de comunicação, geralmente o enfoque é corte de gastos, poupar dinheiro, com a promessa ilusória de tornar-se rico. Conceitos que não são errôneos, pois fazem parte de todo o processo educacional financeiro humano, porém, pensar unicamente nessas informações não é ser educado financeiramente. Na realidade esse tipo de abordagem é apenas se inteirar de informações que fundamentam o controle financeiro pessoal, tendo em vista que há uma grande diferença entre os conceitos de Educação Financeira e Finanças Pessoais.

Conforme Domingos (2012) relata ao longo do livro *Terapia Financeira*, a Educação Financeira não é Finanças Pessoais. Educação Financeira educa e ensina, buscando conscientizar as pessoas a pensarem primeiro antes de tomarem qualquer decisão financeira, ou seja, faz com que o indivíduo aprenda a planejar o consumo, ou melhor dizendo consumindo de forma consciente, colocando em pauta a realização de sonhos e projetos a serem alcançados. Por outro lado, Finanças Pessoais trata apenas de números e planilhas voltadas para a área matemática, não deixa de ser importante além de fazer parte do processo educacional financeiro, porém, somente Finanças Pessoais não educa, pelo contrário, pode automatizar o pensamento e as atitudes comportamentais humanas.

A Educação Financeira é um alicerce para o desenvolvimento da vida, pois é um estímulo ao controle das emoções no qual equilibra a ansiedade. Assim, o indivíduo aprende a mudar o seu comportamento, consumindo com consciência,

sendo primeiramente cooperativo e posteriormente competitivo. Domingos (2012) percebeu ao longo de sua trajetória que educação financeira não era apenas uma tarefa de disseminação do conhecimento, na realidade envolvia também um olhar clínico à pessoa humana, uma vez que o comportamento implica no processo. Em outras palavras, trata-se de um processo de cooperação, sendo uma ajuda a pessoa a conhecer o seu “Eu” financeiro, o que deu ao trabalho de orientação um caráter terapêutico.

Infelizmente, o desincentivo à Educação Financeira ainda é elevado no Brasil, nota-se uma sociedade analfabeta funcional financeira que não entende que ser educado financeiramente é ter “habilidades comportamentais de fazer escolhas adequadas ao administrar suas Finanças pessoais durante o ciclo de sua vida” (Hill, 2009 *apud* Souza, 2012, p. 29). Sendo assim, Educação Financeira quando praticada se multiplica pelo exemplo e serve de inspiração porque traz resultados – seu objetivo principal é conscientizar a todos de suas vidas financeiras, o que envolve escolhas, decisões e principalmente consequências.

Por meio disso, pode-se dizer que Educação Financeira não é apenas método, técnica, arte e etc., mas sim, a base formadora da consciência financeira humana, que busca fazer com que o indivíduo tenha autonomia em suas decisões, dos quais possam ser fundamentadas por conceitos educativos que aprimoram o comportamento, objetivando a construção de um modelo mental que promova a sustentabilidade, crie hábitos saudáveis e proporcione o equilíbrio entre o ser, o fazer e o ter, com escolhas conscientes para a realização de projetos e sonhos no decorrer da vida (Domingos, 2012).

2.4.1 Educação Financeira, EJA e Educação Matemática Crítica

Falar de Educação Financeira no Brasil é algo desafiador, pois a sociedade brasileira tem dificuldade para lidar com situações que envolvem dinheiro e consumo. O ser humano precisa consumir para suprir suas necessidades, pois o consumo é “[...] um elemento inseparável da sobrevivência biológica que nós humanos compartilhamos com todos os outros organismos vivos” (Bauman, 2008, p. 37). No entanto, a enorme oferta de produtos e serviços pode estimular o consumo em excesso, provocando um descontrole emocional na população, principalmente

quando se trata de pessoas com pouca escolaridade, como é o caso de estudantes da EJA.

Ao apresentar possibilidades de ilusão monetária, como a de preço parcelado igual a preço à vista, as empresas buscam dar um poder de compra (empoderamento do indivíduo-consumidor) que, muitas vezes, o próprio indivíduo-consumidor desconfia que não tem, mas que graças às estratégias convincentes de marketing podem começar a acreditar que tem mesmo um poder de consumir (Kirsteman Jr., 2011, p. 201).

É importante destacar que na EJA, encontram-se sujeitos com experiências de vida, sonhos e realidades bem específicas, que além de muito potencial têm a vontade de crescer como pessoa e, concomitantemente, como profissional (Resende, 2013; Kirsteman Jr., 2011). Mas, pode surgir certa dificuldade na compreensão de situações relacionadas a finanças, consequentemente não notam o quanto é importante a Educação Financeira para colaborar com o comportamento consciente.

No Brasil as pessoas não foram, e continuam não sendo ensinadas a pensar sobre como conquistar e utilizar seu próprio dinheiro. O que se vê é que a maioria gasta aleatoriamente sem refletir sobre seu contexto financeiro e os impactos futuros que são causados por uma má educação financeira (Silva, 2004).

Na realidade o que é muito questionado dentro do atual contexto de Educação Financeira no Brasil é “Como investir o dinheiro?”. É evidente que não é um questionamento errado, porém, tal quesito deve ser entendido como parte de um processo educacional financeiro. Como já mencionado, primeiramente é necessário entender o comportamento, isto é, o seu “Eu”, formando uma consciência financeira, em que observe o cenário econômico que o indivíduo está inserido, principalmente quando se fala em índice de endividamento e inadimplência no país que normalmente atinge percentuais altíssimos¹⁵, para assim, poder reservar uma parte da renda e investir.

É notório que na última década foram publicadas regulamentações que preveem a aprendizagem de conteúdos relacionados a Educação Financeira – Decreto 10.393/2020 (Brasil, 2020), Estratégia Nacional de Educação Financeira

¹⁵ Levantamento realizado pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e do SPC Brasil mostra, por exemplo, que quase 80% dos consumidores vivem no limite do orçamento e sem uma reserva financeira para emergências. Matéria publicada no site “Portal Exponencial” no ano de 2024.

(ENEF), Fórum Brasileiro de Educação Financeira (FBEF) e BNCC – contudo, ainda não houve uma mudança significativa no comportamento dos brasileiros.

Vale destacar que a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) define Educação Financeira como o processo pelo qual o sujeito busca aperfeiçoar o conhecimento sobre produtos financeiros, e por meio de informação, formação e orientação, consegue conquistar as qualificações adequadas para avaliar riscos e oportunidades. Pode colaborar, então, com a formação do sujeito e, por consequência, com toda a sociedade. O auxílio pode possibilitar às pessoas a realização de escolhas adequadas que possam proporcionar qualidade de vida (OCDE, 2004).

Sendo assim, é certamente comprovado que Educação Financeira é um tema importante que deve ser intensamente inserido no contexto da educação formal.

Aos poucos, essa temática apresentou-se como uma maneira de oportunizar discussões sobre aspectos relacionados ao cotidiano dos indivíduos, fazendo com que pessoas passassem a refletir sobre situações de compra, uso do dinheiro e, principalmente, as consequências do consumo (Hartmann; Mariani; Maltempi, 2021, p. 568).

Mas, para que a Educação Financeira seja abordada adequadamente por meio da disciplina de Matemática, os princípios da Educação Matemática Crítica se fazem necessários.

Se o tema for abordado por conhecimentos relacionados ao consumismo, incluindo práticas pedagógicas associadas à leitura e interpretação de informações expressas numericamente, então surgiria uma matemática do consumo, sendo pensada em termos de uma cidadania funcional. Assim, as pessoas teriam melhores condições de entendimento, mensurando as diversas informações que são geradas e com isso, poderiam agir com equilíbrio, tendo consciência no momento da tomada de decisões (Skovsmose, 2014).

Portanto, a Educação Financeira, na perspectiva da Educação Matemática Crítica, pode proporcionar aos estudantes da EJA, consciência na tomada de decisões, proporcionando o exercício mais saudável da sua cidadania.

2.5 A Transversalidade da Educação Financeira conforme a Concepção da Educação Matemática Crítica

Dentro do contexto educacional brasileiro, atualmente o documento que regulamenta o ensino escolar é a BNCC, que apresenta temas transversais como a Educação Financeira, numa perspectiva que a aborda como base a Educação Matemática Crítica.

A BNCC destaca a relevância para que as instituições de ensino escolares incorporem reflexões sobre temas atuais, de influência no dia a dia do ser humano, seja local, regional ou global (Hartimann; Baroni, 2021).

Partindo da menção dos autores Hartimann e Baroni (2021), nota-se que as instituições de ensino devem promover um trabalho, que seja efetivo e prático, fornecendo conhecimentos escolares aos estudantes para que orientem suas famílias e busquem ajudar demais membros da sociedade.

Esse trabalho contemporâneo é sugerido para ser transversal e integrador, sendo apresentado como “[...] saúde, vida familiar e social, educação para o consumo, educação financeira e fiscal, trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural” (Brasil, 2018, p. 19).

À vista disso, observa-se que a Educação Financeira está incluída na BNCC, em temas relacionados à economia e finanças, devendo ser trabalhada no ensino, visando o cotidiano financeiro do indivíduo.

Assim, podem ser discutidos assuntos como taxas de juros, inflação, aplicações financeiras (rentabilidade e liquidez de um investimento) e impostos. Essa unidade temática favorece um estudo interdisciplinar envolvendo as dimensões culturais, sociais, políticas e psicológicas, além da econômica, sobre as questões do consumo, trabalho e dinheiro (Brasil, 2018, p. 269).

Nesse sentido, não somente a Educação Financeira ganha destaque, mas também, a Educação Matemática Crítica, que quando trabalhada com eficiência tem o poder de formar a criticidade do ser humano, proporcionando o aprendizado amplo do conhecimento referente a situações cotidianas, como por exemplo: negociações financeiras e planejamento doméstico (Cargnin, 2015; Skovsmose, 2014).

De antemão, a proposta é fazer com que a transversalidade da Educação Financeira com base nos estudos da Educação Matemática Crítica, forme a

consciência financeira nas pessoas, favorecendo a participação efetiva na economia do país. Informações relevantes possibilitam a compreensão dos fatos do dia a dia de uma sociedade capitalista e favorecem comportamentos conscientes ante ao consumo.

Partindo desse princípio, a Educação Financeira quando é entendida, proporciona a formação de pessoas conscientes e comprometidas naquilo que fazem e conquistam (Teixeira, 2020). Neste mesmo sentido, Saito (2007) referencia que:

A Educação Financeira pode ser entendida como um processo de conhecimento que permite o aprimoramento da capacidade financeira dos indivíduos, de modo que estes possam tomar decisões fundamentadas e seguras, tornando-os mais integrados à sociedade com uma postura proativa na busca de seu bem estar (p. 38).

Posto isto, uma boa Educação Financeira é aquela que surge de forma crítica, que possibilita ao indivíduo formar sua consciência financeira, permeando um caminho de escolhas a partir de informações autênticas, que tenha a percepção de avaliar tanto as possibilidades quanto os riscos em determinadas situações (Teixeira, 2020).

Enfim, o ensino transversal da Educação Financeira aplicado dentro do contexto matemático crítico, pode alcançar resultados fascinantes, desde a organização doméstica financeira de famílias, até mesmo a estruturação de uma sociedade como um todo, a partir da tomada de decisões conscientes da vida prática de forma mais crítica e participativa.

2.5.1 Ambientes de aprendizagem da Educação Matemática Crítica e suas possibilidades na Educação Financeira

Como mencionado anteriormente nesta dissertação, a Educação Matemática Crítica teve seu início na década de 1980 por meio do professor Ole Skovsmose. Entre seus pensamentos Skovsmose (2001, 2008, 2010, 2014) ressalta que para o estudante ter um direcionamento crítico é necessário o professor partir de propostas pedagógicas, que façam a matemática estreitar sua relação com os aspectos políticos, democráticos e sociais. Isso destaca a importância dos conceitos matemáticos na formação dos cidadãos.

Partindo disso, Skovsmose (2000) sistematizou as relações de ensino, denominando Ambientes de Aprendizagem, conforme demonstrado no Quadro 1.

Quadro 1 - Ambientes de Aprendizagem.

Referências	Exercícios	Cenários de Investigação
Matemática Pura	Ambiente de Aprendizagem (01)	Ambiente de Aprendizagem (02)
Semirrealidade	Ambiente de Aprendizagem (03)	Ambiente de Aprendizagem (04)
Realidade	Ambiente de Aprendizagem (05)	Ambiente de Aprendizagem (06)

Fonte: Adaptado de Skovsmose (2000).

O Quadro 1 apresenta as 06 (seis) subdivisões dos ambientes de aprendizagem, sintetizados a partir da combinação de 03 (três) referências (matemática pura, semirrealidade e realidade) e 02 (dois) padrões de prática de sala de aula (exercícios e cenários de investigação).

No entanto, é importante mencionar que o entendimento dos padrões, exercícios e cenários de investigação depende do pensamento sobre Educação Matemática que Skovsmose (2014) evidência: Educação Matemática Tradicional e Educação Matemática Crítica.

O modelo tradicional da Educação Matemática traz em seu contexto limitações e restrições nas relações entre professor, estudante e conteúdo, ou seja, neste caso, geralmente as aulas são divididas em duas partes, sendo a primeira, exposição de algumas ideias e métodos matemáticos por parte do professor e a segunda, os estudantes executam exercícios pela aplicação direta dos métodos explicados (Oliveira, 2017). Neste sentido, compreende-se que para a Educação Matemática Crítica o modelo tradicional tem como princípio o padrão do exercício.

Para Skovsmose (2014) o exercício impossibilita questionamentos dos estudantes, é um padrão limitante que restringe possíveis desdobramentos de uma atividade. Na visão do professor, o exercício mecaniza o intelecto, pois as informações estão à disposição a todo momento, os estudantes deixam de perguntar permanecendo calados em seus lugares tentando resolver o exercício (Skovsmose, 2014).

Por outro lado, a abordagem conhecida como cenários de investigação, por meio de sua prática faz com que o estudante seja o protagonista de seu próprio conhecimento, incentivando-o a fazer questões de cunho crítico. Desse modo, o

estudante torna-se o centro no processo de ensino e aprendizagem, minimizando o déficit crítico do conteúdo escolar, que infelizmente pouco se relaciona com a realidade de mundo vivenciada pela sociedade.

Sendo assim, nota-se uma desarmonia pedagógica entre as duas práticas de sala de aula. Ao contrário das listas de exercícios que são tão normais dentro do ensino tradicional de matemática, pois seguem um trajeto previsível e seguro, a abordagem investigativa não se limita a algo pronto ou já pré-estabelecido (Skovsmose, 2014).

Como foi abordado de forma sucinta sobre os padrões do Exercício e Cenários de Investigação, serão mencionados exemplos e ponderações que Skovsmose (2014) aponta como relevante, a respeito dos ambientes de aprendizagem:

✓ **Ambiente de Aprendizagem (01) – Exercício com referência à Matemática**

Pura: Este tipo de ambiente, fornece exercícios diretos, que mecanizam o pensamento dos estudantes, oportunizando resoluções e respostas prontas, que não se preocupam com a consolidação do processo de ensino e aprendizagem. Para Skovsmose (2014) um exercício não é apenas uma tarefa repetitiva mecanizada, mas sim uma forma de fazer o estudante se engajar com a matemática tendo um entendimento significativo.

✓ **Ambiente de Aprendizagem (02) – Cenário de Investigação com**

referência à Matemática Pura: É quando o conteúdo matemático é trabalhado por meio da aritmética, álgebra e geometria com possibilidades de investigações, porém sem clareza conceitual e sem relação com o cotidiano. Um exemplo claro sobre isso é, quando o ensino parte por figuras unidimensionais, bidimensionais e até mesmo tridimensionais, que relaciona a dimensão da figura como uma função contínua com possibilidades de criação (Skovsmose, 2014).

✓ **Ambiente de Aprendizagem (03) – Exercícios com referência à**

Semirrealidade: São situações que partem de contextos criados de forma artificial, concebendo o equilíbrio entre a abstração e a aplicabilidade prática. É o caso, por exemplo, de uma empresa que deseja analisar a produtividade de seus colaboradores operacionais ao longo de 10 (dez) meses, para tanto,

coletam dados fictícios de produtividade diária. Assim, pede-se: Analise os dados fornecidos, calcule a média, a mediana e avalie tendências de melhoria. Tal situação está ligada à realidade de uma organização empresarial analisando produtividade, no entanto os dados mencionados são hipotéticos e controlados, o que cria o ambiente semirreal. De acordo com Skovsmose (2014) a semirrealidade está ligada a elaboração de um ambiente de aprendizagem pelo qual o exercício está relacionado a um cenário investigativo, que representa parcialmente uma situação do mundo real. Em outras palavras, isso permite que os estudantes explorem situações mais próximas da realidade, mas que ainda não são completamente reais, porém, são acessíveis para o nível de aprendizado no momento.

- ✓ **Ambiente de Aprendizagem (04) – Cenário de Investigação com referência à Semirrealidade:** Dentro desse contexto, a semirrealidade possibilita a investigação de alternativas variadas e com mais complexidade. Para melhor elucidar, observe a seguinte situação referente a um planejamento sobre mobilidade urbana: Uma cidade deseja criar um sistema de mobilidade urbana eficiente. A cidade possui 20 (vinte) bairros e uma população de 150.000 (cento e cinquenta mil) habitantes. Assim pede-se: Utilizando os dados obtidos sobre a quantidade populacional e os custos de transporte, investigue qual seria o melhor modelo urbano de transporte: Ônibus, metrô ou ambos. Nota-se que o cenário é complexo e ficcional, mas possibilita várias reflexões. No caso da educação financeira, se faz menção a cenários hipotéticos, como valores irreais, porcentagens de juros compostos acima do aceitável, dos quais permitem debates e análises críticas sobre o processo. Segundo Skovsmose (2014) este ambiente de aprendizagem prepara o estudante para buscar soluções de problemas, promovendo um ensino ativo, reflexivo e conectado à realidade.
- ✓ **Ambiente de Aprendizagem (05) – Exercício com referência à Realidade:** São atividades que tem como o foco na criação de situações ligadas ao mundo real. Em outros termos, os exercícios propostos nesse ambiente embasam-se em dados sobre o cotidiano social. Imagine situações que envolvem dados matemáticos corriqueiros, valores coletados em um panfleto

de uma loja durante a semana, uma conta de água ou energia, ou até mesmo um valor de uma prestação qualquer. Problematicar tais fatos estimulam os estudantes a criarem alternativas para solucionar problemas do mundo real. Com isso, Skovsmose (2014) relata que a aplicação de atividades que se referem a realidade dos estudantes, estimula a formação do pensamento crítico, criando uma conexão entre o conteúdo aprendido em sala de aula e suas vidas. Isso significa que esse tipo de ambiente é especialmente relevante para preparar os estudantes a lidar com os desafios que acontecem ao longo da trajetória da vida.

- ✓ **Ambiente de Aprendizagem (06) – Cenário de investigação com referência à Realidade:** situações reais complexas, que possibilitam uma maior demanda de reflexões, críticas, ponderações e investigações. Observe um cenário, no qual uma cidade enfrenta diversos problemas com o descarte impróprio de resíduos, ocasionando impactos ambientais, econômicos e sociais. Assim pede-se: Como consultores, investiguem o sistema atual de gestão de desperdícios, propondo um planejamento estratégico, tomando como base dados reais, que inclua custos financeiros, logística e conscientização da população. Tal ambiente de aprendizagem evidencia a liberdade de esmiuçar situações-problemas sem caminhos pré-estabelecidos ou respostas prontas. Bem como, baseado no pensamento de Skovsmose (2014), os estudantes podem e devem construir conhecimento por meio de formulação de hipóteses, experimentação, questionamentos e análise críticas.

É importante ser destacado que o Cenário de Investigação propicia argumentação por meio de diálogos e debates entre professores e estudantes, dos quais buscam compreender significados.

Nesta perspectiva, observa-se o desenvolvimento de uma matemática mais crítica e contextualizada, ou seja, a matemacia, que segundo Skovsmose (2014) “[...] não se refere apenas às habilidades matemática (sic), mas também a competência de interpretar e agir numa situação social e política estruturada pela matemática” (p. 02).

Isso demonstra a possibilidade de um Letramento Financeiro¹⁶, uma competência desenvolvida em contextos socioeconômicos por um ser humano consumidor que faz parte de uma sociedade moderna, em que a tomada de decisão e ações implicam na sua realidade econômica (Pessoa; Muniz Jr.; Kisteman, 2018). Em suma, o sujeito apodera-se de uma conduta de entendedor de seus compromissos, como consumidor na sociedade.

No entanto, a falta de formação e conhecimento dos professores são algumas das preocupações sobre o ensino do letramento financeiro no ambiente de sala de aula, o que compromete a qualidade desse tema nas escolas (Pessoa; Muniz Jr.; Kisteman, 2018).

Envolver a Educação Financeira na prática de sala de aula, dentro da perspectiva da Educação Matemática Crítica contribui relevantemente para o diálogo¹⁷ no ambiente escolar e, concomitantemente, a formação do senso crítico dos estudantes.

A Educação Financeira é fundamental para que o cidadão aprenda a importância das finanças no seu cotidiano e possa usar racionalmente seus recursos para obter qualidade de vida. As crianças, futuras consumidoras, precisam desde cedo serem preparadas para lidar bem com o dinheiro. Nesse sentido, a família e a escola são importantes aliadas na construção de novos padrões comportamentais e na formação das novas gerações. Por meio da Educação Financeira é possível formar cidadãos conscientes e mais preparados para participar do desenvolvimento econômico e social do país (Coutinho; Teixeira, 2013, p. 03).

Para que a educação financeira, por meio do letramento financeiro, possa desenvolver-se como competência é essencial que o diálogo ajude a construir o senso crítico dos estudantes, sendo um instrumento que propicie um ambiente de aprendizagem. Com isso, ao longo dos encontros, este estudo buscou propiciar situações em que os estudantes pudessem argumentar com seus colegas, com o pesquisador e com a professora sobre as temáticas abordadas em cada momento.

Nesta dissertação o termo Educação Matemática Crítica e a Formação da Consciência Financeira na EJA coadunam com os pensamentos dos autores

¹⁶ O “Letramento Financeiro” envolve o entendimento de informações financeiras básicas, além da capacidade de refletir criticamente sobre as opções e as implicações de escolhas financeiras. (Sasseron; Carvalho, 2011).

¹⁷ Stephani (2005) afirma que “[...] é por meio desse diálogo que os estudantes se tornam conjuntamente responsáveis por um processo no qual todos crescem” (p. 31).

principais – Skovsmose (2001, 2008, 2010, 2014) e Domingos (2011, 2012) –, contemplando suas contribuições para a formação de um ambiente de aprendizagem que incentive a reflexão crítica dos estudantes.

2.6 Uma análise crítica da Educação Financeira na Educação Matemática

Embora a BNCC tenha incluído a Educação Financeira como um tema transversal, muitas vezes ela é tratada de forma superficial. Aparece pontualmente em atividades ou projetos isolados, sem conexão com o restante do currículo das disciplinas, principalmente o matemático.

O ano 2010 pode ser reconhecido como um marco significativo para a expansão da temática da Educação Financeira no Brasil. Momento em que foi instituída, por meio do Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010, a ENEF, com a finalidade de fomentar a educação financeira e previdenciária, fortalecer o exercício da cidadania, aprimorar a eficiência e a estabilidade do sistema financeiro nacional, além de incentivar escolhas mais conscientes por parte dos consumidores (Brasil, 2010).

Passado uma década, em meados de 2020, esse decreto foi revogado pelo Decreto nº 10.393, de 09 de junho de 2020, que, como citado no decorrer desta dissertação, instituiu uma nova ENEF com o propósito de incentivar a educação financeira, securitária, previdenciária e fiscal no país (Brasil, 2020). Destaca-se também, a atuação do FBEF do qual o MEC é um dos integrantes.

Partindo desse contexto, surge um novo questionamento: O que é realmente a Educação Financeira? Basicamente, pode-se indicar, com clareza, duas perspectivas: 1) busca firmar a educação financeira como uma área interdisciplinar, consolidando a centralidade no planejamento e conscientização humana; 2) é reconhecida como um aspecto de base empresarial, voltada a mitigar as mazelas do capitalismo, buscando ensinar ao público leigo formas para se tornarem empreendedores bem-sucedidos.

Sendo assim, em uma primeira perspectiva, compreende Educação Financeira como um campo educacional de caráter interdisciplinar, que vem ganhando cada vez mais reconhecimento e estruturação no âmbito escolar. Isso confirma a sua inclusão como tema transversal na BNCC. Nesse contexto, a inserção da educação financeira nas instituições de ensino visa esclarecer o

funcionamento do universo financeiro, promovendo o planejamento consciente dos gastos, o desenvolvimento da habilidade de lidar com o dinheiro, o estímulo ao espírito empreendedor e a adoção de práticas de consumo responsável (Duvoisin, 2021).

Contudo, é importante destacar que nem todos os aspectos são positivos em relação a Educação Financeira, ou seja, em uma segunda perspectiva, por vezes o problema da não conscientização financeira também é influenciado por artifícios utilizados para reprodução do capital. Na dificuldade para gerar riqueza e garantir empregabilidade para todos, o capitalismo, de uma forma não equilibrada, incentiva o empreendedorismo e a uberização do processo de trabalho (seja seu “próprio patrão”) sem um direcionamento conceitual adequado, causando desequilíbrios comportamentais à sociedade.

Tendo em vista este argumento, Duvoisin (2021) critica severamente a Educação Financeira, dizendo que o ato de se educar financeiramente pode ser compreendido como o conjunto de conhecimentos e princípios vagos, muitas vezes de caráter questionável do ponto de vista científico, frequentemente associados ao universo dos negócios.

O autor observa a proliferação de publicações, canais digitais e perfis em redes sociais, nos quais *influencers*, que se dizem educadores financeiros e até mesmo supostos empresários que atingiram um certo *glamour*, compartilham com o público leigo métodos para alcançar êxito financeiro, se utilizando de aplicações em investimento e empreendedorismo, porém não tendo o cuidado de instruir o público a entender o que realmente é a proposta da Educação Financeira, que é a formação da consciência financeira do ser humano.

Considerando o contexto em que a Educação Financeira, apesar de suas perspectivas, vem sendo gradualmente incorporada ao cotidiano social brasileiro que, invertidos seus conceitos, tem o intuito de reforçar agressivamente as lógicas inerentes ao sistema capitalista, torna-se pertinente entender como a Educação Matemática, enquanto campo do conhecimento, tem abordado essa temática. Ainda que a educação financeira seja compreendida como um tema transversal, é no componente curricular de Matemática que a BNCC mais destaca sua presença.

A Educação Financeira, quando integrada à educação matemática, representa uma oportunidade valiosa de tornar o ensino mais prático, contextualizado e relevante para a vida cotidiana dos estudantes. No entanto, sua

aplicação nas escolas brasileiras ainda enfrenta diversos desafios que merecem reflexão.

Apesar do reconhecimento da importância da Educação Financeira no currículo escolar, sua aplicação na educação matemática ainda carece de profundidade, planejamento e articulação com a realidade dos estudantes, para que ela cumpra seu papel de formar cidadãos mais conscientes e preparados para lidar com a vida financeira.

Por isso, se faz necessário associar a Educação Financeira a conceitos matemáticos que façam sentido para a realidade cotidiana das pessoas, não sendo algo que estimule o ato de empreender e investir de forma gananciosa, mas que possa incentivar a ambição de conquista nas pessoas de forma consciente, engajadora e humana.

No próximo capítulo, serão apresentados os aspectos metodológicos da pesquisa, o campo de investigação e a construção das tarefas que fizeram parte do produto educacional, vivenciadas por aprendizes da EJA, dos anos finais do Ensino Fundamental nível II.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, serão abordados o contexto metodológico em que a pesquisa foi realizada, a elaboração das atividades que compuseram o produto educacional, aplicado aos estudantes da EJA nos anos finais do Ensino Fundamental II.

3.1 Percurso Metodológico da Pesquisa

Considerando o objetivo desta dissertação, de orientar ao estudante inserido no contexto da EJA para a formação de uma consciência financeira, tendo como base a perspectiva da Educação Matemática Crítica, foi elaborado um pré-projeto que orientou a definição da temática central da pesquisa. A partir desse delineamento, desenvolveram-se os procedimentos éticos necessários, incluindo a elaboração das autorizações institucionais destinadas à Secretaria Municipal de Educação e à unidade escolar selecionada para a realização do estudo.

De forma complementar, foram redigidos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), ambos enfatizando a obrigatoriedade das assinaturas dos estudantes envolvidos, como condição para sua participação voluntária na pesquisa. Concluídas essas etapas, o projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sendo posteriormente aprovado para a realização das atividades propostas.

Seguidamente, por meio de uma revisão sistemática de literatura, realizou-se um levantamento bibliográfico, tanto em obras impressas como livros e artigos quanto em meios digitais, incluindo revistas acadêmicas, dissertações e teses, cuja temática envolvesse saberes voltados a Educação, EJA, Educação Matemática Crítica e Educação Financeira.

A busca eletrônica foi realizada em bases de dados reconhecidas, como o Portal de Periódicos da Capes, a biblioteca eletrônica *SciELO* e o *Google Acadêmico*. Para orientar a pesquisa, utilizaram-se termos-chave como “Educação”, “Educação de Jovens e Adultos”, “Educação Matemática Crítica” e “Educação Financeira”

Por fim, os estudos que fundamentam esta pesquisa foram baseados em obras de diversos autores, entre eles o professor Ole Skovsmose – referência na área da Educação Matemática Crítica – e o professor Reinaldo Domingos –

especialista em Educação Financeira. Além desses, também foram utilizados trabalhos de outros estudiosos das áreas da Educação e da EJA que contribuíram para a construção do referencial teórico deste estudo.

3.2 Tipo de pesquisa

Posteriormente, o trabalho esquadrinhou o seu percurso tendo como base a pesquisa qualitativa, a qual

[...] a) tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; [...] e a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (Lüdke; André, 1986, p. 43).

André (2013) explica que pesquisas com caráter qualitativo se constroem num cenário que concebe o saber como um processo sociável desenvolvido por sujeitos que atuam observando cotidianamente suas próprias realidades, transformando-a e por ela sendo transformados. A pesquisa qualitativa tem como objetivo principal, entender o que as pessoas aprendem ao vivenciarem experiências que acontecem em seus mundos (Zanelli, 2002).

Em vista disso, nesta pesquisa os seguintes fatores foram levados em consideração: o entendimento e comprometimento dos estudantes participantes; o ambiente escolar (sala de aula) como campo de análise e; a investigação para o desenvolvimento e realização desta pesquisa.

3.3 Observação do local de Investigação da Pesquisa

Observar o ambiente a ser estudado é algo fundamental para a investigação da pesquisa. Neste sentido, o local utilizado para a realização do estudo, foi uma escola pública de um município de pequeno porte do interior do estado de São Paulo, que atende estudantes das modalidades do Ensino Fundamental e da EJA, anos iniciais e anos finais da Educação Básica, nos períodos diurno, vespertino e noturno.

A escola conta com a seguinte infraestrutura, em ambientes administrativos e pedagógicos: recepção e secretaria; salas da diretoria, da coordenação, de professores e da psicopedagogia; uma sala de informática, uma sala multifuncional, biblioteca, quadra esportiva, pátio e cozinha para recreação e alimentação; estacionamento para professores e funcionários.

Localizada em bairro com índice de baixa renda, ou seja, periférico, as condições de vulnerabilidade social de famílias da comunidade fazem com que a unidade de ensino receba os reflexos desses problemas, que afetam diretamente o desempenho dos estudantes em sala de aula.

Partindo disso, por enfrentar desafios devido ao perfil socioeconômico dos estudantes, é fundamental que sejam criadas estratégias e ações que possam auxiliá-los e, concomitantemente, incentivá-los a se aproximarem dos conhecimentos e expressarem suas ideias de forma crítica, não segmentada, ampliando a visão de mundo e de seu papel na sociedade, para assim superarem as dificuldades e terem um desenvolvimento educacional adequado.

3.3.1 Conhecendo um pouco mais do ambiente da pesquisa

Conforme mencionado anteriormente, a escola municipal escolhida para o desenvolvimento da pesquisa ofertou como campo de investigação as salas de aulas dos 6º, 7º e 8º anos da modalidade EJA, totalizando 23 estudantes, conforme lista de chamada. Porém, devido a evasão, participaram 13 estudantes, entre 17 anos e 68 anos de idade.

A pesquisa de campo ocorreu no período compreendido entre setembro e novembro de 2024, contemplou o desenvolvimento de momentos denominados por Jornada Financeira, que ocorreu em 06 (seis) encontros, com aproximadamente 1 hora (60 minutos) de duração, no período noturno, nas aulas de Matemática. É relevante mencionar que para aplicação do produto educacional, houve parceria com a professora de Matemática das turmas supracitadas.

3.4. Produto educacional e seu contexto pedagógico

O Produto Educacional “Jornada Financeira” está organizado em forma de pilares, com o objetivo de propiciar ao professor caminhos para ensinar Educação

Financeira na escola, mais especificadamente na modalidade EJA, dentro de uma perspectiva que aborda reflexões com base na Educação Matemática Crítica. O produto busca promover a discussão de assuntos que compõem o cotidiano social referentes às necessidades, sonhos, desejos e orçamentos, levando os estudantes da EJA a formarem a consciência de forma crítica sobre as questões financeiras.

A ideia do produto é promover o ensino com a intenção de colaborar com professores que ensinam matemática, no qual possam oportunizar dentro do ambiente escolar discussões que suscitam reflexões sobre a relevância do tema Educação Financeira.

O “Jornada Financeira” não é um jogo, muito menos um manual finalizado que obriga o professor a seguir de forma engessada, mas sim, uma forma de estimular a criatividade promovendo a criticidade matemática dos estudantes da EJA.

O material proposto tem a intenção de ofertar a autonomia e a liberdade para que o docente faça implementações com base nos conteúdos curriculares quando achar pertinente ao desenvolvimento de sua aula.

3.4.1 Apontamento da coleta de dados do produto educacional

É importante destacar que as abordagens técnicas utilizadas para o desenvolvimento dessa pesquisa foram: questionário, observações, conversas informais, além de materiais em papel cedidos pelo pesquisador para registros dos participantes durante os encontros.

Em relação ao questionário aplicado, se pautou conforme Marconi e Lakatos (2002) que entendem o questionário como um instrumento no qual deve ser limitado em extensão e em finalidade. Isto é, deve ser construído de forma equilibrada, não sendo muito longo, nem curto demais.

Já no contexto de observação, fez com que obtivesse “*insights*” para a compreensão informal do estudo, ou seja, “evidências centrada (sic) unicamente em objetos, comportamentos e fatos de interesse para o problema em estudo, mesmo que obtidos informalmente” (Mattar, 2001, p. 23).

As conversas informais se deram, primeiramente, por meio de diálogos com a Diretora e Vice-diretora da instituição de ensino. Posteriormente, nos encontros com a professora de Matemática da classe e com os estudantes participantes. Com isso,

é importante destacar que a informalidade das conversas obtidas durante a condução da pesquisa, fez com que o pesquisador entendesse as evidências não perceptíveis na abordagem técnica de observação (Freitas; Jabbour, 2011).

Os artefatos físicos são outros instrumentos técnicos que na observação de Freitas e Jabbour (2011) são essenciais para o desenvolvimento do estudo. Dessa forma, é possível destacar a percepção geral do *layout* da instituição. Apesar de estar localizada em um bairro periférico, suas instalações apresentavam boas condições, o que foi um aspecto relevante para a realização da coleta de dados durante as visitas do pesquisador à instituição.

Por fim, os registros dos participantes durante os encontros foram boas ferramentas de produção de dados, contribuindo na análise do material de pesquisa. Todos os apontamentos, observações e sequências de respostas registradas pelos estudantes foram entregues ao pesquisador, que revisitou o material diversas vezes, para esboçar os pontos relevantes na análise.

Na íntegra, será apresentado a descrição abordada durante os encontros que resultou na aplicação do produto educacional desta dissertação.

4 VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL “JORNADA FINANCEIRA”

Com o objetivo de ampliar a compreensão do leitor acerca do produto educacional, esta seção aborda detalhadamente todo o processo de sua concepção e desenvolvimento, destacando sua relevância e o contexto científico e educacional em que está inserido.

4.1 Produto Jornada Financeira e sua formação

No Brasil, a relação entre pessoas e dinheiro nunca foi algo saudável, pois os conceitos básicos de educação financeira foram e ainda são ensinados ao brasileiro de forma incorreta. Com isso, cria-se um pensamento negativo: o de viver o hoje sem pensar no amanhã, isto é, comprar sem ter noção de que vai conseguir ter dinheiro para pagar, contando apenas com a sorte de que dias melhores virão (Domingos, 2011).

De tal modo, sendo a Educação Financeira um dos temas transversais presentes na BNCC, a intenção desse produto educacional é conscientizar os estudantes jovens e adultos sobre a importância de formar sua consciência financeira dentro da perspectiva da Educação Matemática Crítica, para que como cidadão possa desenvolver uma relação equilibrada com o dinheiro e tomar decisões acertadas sobre finanças e consumo ao longo de sua vida.

Assim, o produto educacional nomeado “Jornada Financeira” se desenvolve conforme a problemática central da pesquisa: Como jovens e adultos reagem frente à realidade financeira e econômica do país quando vão consumir determinados bens e serviços?

Com base na situação-problema apresentada, este produto educacional almeja desenvolver a transversalidade da Educação Financeira conforme a concepção da Educação Matemática Crítica, visando uma melhor instrução do educando da EJA, de modo à: aperfeiçoar seu conhecimento sobre Educação Financeira; gerenciar seu comportamento frente à tomada de decisões financeiras do dia a dia; desenvolver um processo educacional contínuo de formação da consciência financeira. Portanto, o produto educacional “Jornada Financeira” pode ajudar jovens e adultos a terem uma melhor relação com suas finanças.

4.1.1 Mas afinal, o que exatamente trata o “Jornada Financeira”?

O produto educacional “Jornada Financeira” é formado por pilares da Educação Financeira a serem seguidos, isto é, cada pilar apresenta reflexões pautadas na transversalidade dos conceitos de Educação Financeira com base na criticidade da Educação Matemática.

Em outras palavras, a Jornada Financeira se pauta em 04 (quatro) pilares, a saber: Diagnosticar, Sonhar, Orçar e Poupar (DSOP)¹⁸ – que visam contribuir para que o estudante da EJA entenda que suas ações do cotidiano podem influenciar sua vida na área econômica e financeira, caso não tenha equilíbrio no que envolve dinheiro e consumo.

Na realidade os assuntos abordados no “Jornada Financeira” ajudarão a promover a estabilidade econômica, desde o controle comportamental sobre o dinheiro para pagamento de contas, criação de reservas emergenciais até a iniciação do estímulo a poupar dinheiro de forma básica.

Para tanto, o produto educacional agrega um conjunto de informações que possui a intenção de instruir conhecimentos ao estudante (pessoa) na formação de sua consciência financeira.

O “Jornada Financeira” se alicerça nas ideias do professor, terapeuta e mentor financeiro, Reinaldo Domingos, que em seus livros “Ter Dinheiro Não Tem Segredo¹⁹” e “Terapia Financeira²⁰”, explica com maestria a metodologia DSOP como um jeito simples e eficaz de lidar com o dinheiro.

A Metodologia DSOP propõe conectar a Educação Financeira à criticidade matemática do comportamento humano, tendo como intuito ajudar às pessoas no que se refere a desvencilharem-se de situações voltadas para a sua saúde financeira, como um problema a ser analisado.

Desta forma, o professor Reinaldo Domingos, traz um novo conceito de educar-se financeiramente, tendo como proposta não ensinar as pessoas ficarem

¹⁸ Diagnosticar, Sonhar, Orçar e Poupar (DSOP) é um tipo de Metodologia educacional financeira idealizada pelo professor Reinaldo Domingos, que tem como intuito ajudar o ser humano a aprender a lidar com situações que envolvem dinheiro e consumo, formando sua consciência financeira.

¹⁹ Livro Ter dinheiro não tem segredo: educação financeira para jovens, publicado pelo autor no ano de 2011.

²⁰ Livro Terapia financeira: realize seus sonhos com educação financeira, publicado pelo autor no ano de 2012.

ricas, mas sim, proporcionar uma nova metodologia que permite-lhes viver, conviver e aprender administrar bem o seu dinheiro. A Metodologia DSOP traz grandes benefícios quando aplicada de forma correta e dedicada por quem está disposto a sair do mundo ansioso do consumo inconsciente e alcançar a sua sustentabilidade financeira (Domingos, 2011, 2012).

Neste contexto, os 04 (quatro pilares) da Metodologia DSOP são o guia do Produto Educacional “Jornada Financeira”, que instruirão os indivíduos (jovens e adultos) a vencer seus anseios e suas dificuldades, fazendo com que mude suas atitudes comportamentais, de modo que aprenda a consumir controlando seus rendimentos conscientemente, para assim, obter o sucesso necessário ao longo da vida e principalmente tornar-se uma pessoa educada financeiramente.

4.2 Construção do Produto Educacional “Jornada Financeira” com base em seus pilares: Diagnosticar, Sonhar, Orçar e Poupar (DSOP)

Como mencionado, assuntos relacionados à Educação Financeira são abordados no âmbito escolar como temas transversais, ou seja, a BNCC destaca a relevância sobre temas contemporâneos, que envolvem situações do dia a dia, como por exemplo: “[...] saúde, vida familiar e social, *educação para o consumo*, *educação financeira* e fiscal, trabalho e ciência e tecnologia” (Brasil, 2018, p. 19, grifo nosso).

É importante que as atividades de Educação Financeira sejam desenvolvidas de forma atrativa, pois isso proporcionará uma aprendizagem significativa para os estudantes, principalmente quando se trata de estudantes da EJA.

Dessa forma, unindo o conhecimento educacional financeiro com a criticidade matemática, o produto educacional “Jornada Financeira” oferecerá ao estudante aprendizados sobre assuntos relacionados a dinheiro e consumo. Afinal, como observado durante a pesquisa, situações que envolve dinheiro, consumo e pessoas nunca foi saudável no Brasil.

À vista disso, vivenciar uma jornada financeira é algo que pode modificar o pensamento e a visão das pessoas, de como aprender a lidar com tomadas de decisões que envolvem dinheiro e consumo de bens e serviços.

Como dito, a construção do produto educacional “Jornada Financeira” foi construído conforme os pilares da metodologia DSOP: a) o primeiro pilar a ser fundamentado é o “Diagnosticar”, que busca fazer com o que o sujeito conheça o seu “Eu” financeiro, entendendo onde está gastando e o quanto está gastando; b) em seguida retratará o pilar “Sonhar”, que por meio de metas e objetivos tem a iniciativa de possibilitar ao indivíduo entender o quanto custa os sonhos da vida; c) posteriormente o pilar “Orçar”, que têm como função fazer com que a pessoa estabeleça quais são suas prioridades, e por fim; d) o pilar “Poupar”, no qual possibilitará ao ser humano a viver o hoje, sem esquecer o amanhã.

a) Pilar Diagnosticar: Descobrimo o seu “Eu” financeiro.

O início do “Jornada Financeira” parte do princípio de entender o seu “Eu” financeiro, ou seja, é o momento de rever o que foi feito anteriormente, analisando o que deu certo e pode ser melhorado e o que está errado e deve ser corrigido.

Diagnosticar é o início do cronograma educativo financeiro que deve ser inserido ao estudante, incentivando-o a melhor se conhecer financeiramente, de modo a saber o quanto recebe, o quanto tem de contas a pagar e o quanto pode usufruir de sua renda conquistada no dia a dia, tendo sempre em vista o futuro (Domingos, 2011).

Quadro 2 - Formação da Consciência Financeira: Diagnosticar.

DIAGNOSTICAR
É necessário descobrir seu “ Eu ” financeiro.
Saber de quanto dinheiro você dispõe.
Ter uma “fotografia” precisa dos gastos.
Controlar as Entradas e Saídas de dinheiro.
Refazer o diagnóstico sempre que passar a ganhar ou gastar mais ou menos.
Repetir o diagnóstico continuamente.

Fonte: Adaptado de Domingos (2011, p. 28).

Para isso, o estudante (pessoa) pode fazer seu controle em um caderno normal, ou tipo *planner*, agenda etc. A escolha certa é a que funciona para cada indivíduo.

A realização do diagnóstico tem início com o registro detalhado de todos os gastos, sejam eles pequenos ou grandes. Isso porque, nesse momento, é comum surgir a seguinte pergunta na mente: Quanto estou gastando por mês com cafezinho e salgado da cantina da Dona Lú, manicure e cabelereiro, o chope do *happy hour* com amigos e familiares, balada, você conseguiria dizer o valor com precisão, certo?

Tendo isso em questão é que, a partir de agora, você deve refletir e saber para onde vai cada centavo do seu ganho e controle, principalmente, os pequenos gastos. Para tanto, para o Diagnóstico acontecer com excelência é preciso colocar os gastos na ponta do lápis fazendo um apontamento de despesas, do qual será exemplificado abaixo:

Tabela 1 – Diagnóstico Apontamento de Despesas.

MÊS:			
DIA	DESPESA	FORMA DE PAGAMENTO	VALOR (R\$)
05	Cafezinho da Manhã	Cartão de Débito	(26,00)
06	Ônibus/Transporte	Dinheiro	(55,85)
10	Conta de Telefone	Débito Automático	(105,00)
10	Gás	Cartão de Débito	(95,00)
11	Almoço, Lanche e Café	PIX	(92,50)
12	Conta de Água	Dinheiro	(95,25)
14	Diversão e Lazer	Cartão de Crédito	(250,00)
15	Aluguel/Financiamento Casa	Débito Automático	(653,34)
15	IPTU	Boleto	(50,00)
16	Conta de Energia	Dinheiro	(198,34)
17	Medicamento/Farmácia	PIX	(85,00)
18	Compra do Mês Mercado	Cartão de Crédito	(475,67)
20	Compras <i>Shopee</i>	Cartão de Crédito	(201,23)
23	Guloseimas	PIX	(170,80)
25	Roupas e Calçados	Cartão de Crédito	(255,90)
28	Lanche	PIX	(82,00)
29	Perfume	Cartão de Crédito	(123,30)
Total.....			R\$ 3.015,18

Fonte: Adaptado de Domingos (2012, p. 40).

Após o apontamento de despesas, talvez a pessoa (estudante) se sinta meio desacreditado e confuso, se perguntando o porquê está fazendo isso e se realmente esse exercício irá ajudá-lo a entender o seu “Eu” financeiro, que no momento pode estar em um grau elevado de consumo. No entanto, como menciona Domingos

(2012, p. 41): “Se até hoje você cuidou do seu dinheiro à sua maneira e, mesmo assim, os resultados obtidos não foram satisfatórios, pode ser que esteja na hora de modificar a forma de administrar suas finanças, para atingir outros resultados”.

Na realidade, qualquer dificuldade encontrada no momento de se iniciar um diagnóstico financeiro é muito mais de ordem anímica do que prática, porém, é preciso salientar que apenas fazer registros não será suficiente, é necessário mudar as atitudes, tendo disciplina e muita perseverança, quesitos que forma a verdadeira Educação Financeira.

Detalhando os apontamentos de despesas como explicado na Tabela 1, logo nas primeiras semanas, já será possível observar os gastos de uma forma mais ampla. Isto é, ao finalizar as anotações dos registros de suas despesas, os dados estarão prontos para serem transformados em informações e assim analisados cuidadosamente. Nesse momento a observação que terá da sua situação financeira já será bem mais abrangente.

Na Tabela 2 vemos como poderia ficar a descrição de despesas por um novo prisma, considerando os gastos mensais de forma mais detalhada.

Tabela 2 – Diagnóstico Apontamento de Despesas Novo Prisma.

Descrição das Despesas		Valor (R\$)
RESIDÊNCIA	Aluguel/Financiamento Casa	(653,34)
	Conta de Água	(95,25)
	Conta de Energia	(198,34)
	Compra do Mês Mercado	(475,67)
	Conta de Telefone	(105,00)
	IPTU	(50,00)
	Gás	(95,00)
PESSOAL	Perfumes	(123,30)
	Medicamento/Farmácia	(85,00)
	Ônibus/Transporte	(55,85)
	Roupas e Calçados	(255,90)
OUTRAS DESPESAS	Almoço, Lanche e Café	(92,50)
	Cafezinho da Manhã	(26,00)
	Compras Shopee	(201,23)
	Diversão/Lazer	(250,00)
	Guloseimas	(170,80)
	Lanche	(82,00)
(-) Total de Despesas		(3.015,18)
(+) Total de Receitas		2.800,00
(=) Padrão de Vida		(215,18)

Fonte: Adaptado de Domingos (2012, p. 45).

Ao desenvolver a Tabela 2, no qual apresentou o Diagnóstico de Apontamentos de Despesas de uma forma mais detalhada, percebeu-se que mudou completamente a dinâmica retratada na Tabela 1, ou seja, os gastos não foram registrados diariamente, mas descritos conforme as situações do dia a dia que caracteriza o diagnóstico mensal financeiro.

Conforme explica Domingos (2012) quanto mais comprometimento tiver para registrar todos os gastos, por mais simples e menores que sejam, mais clara será a percepção quanto às despesas. Com isso, naturalmente, mais fácil será fazer os ajustes e controles necessários para melhorar a saúde financeira.

É necessário ter em mente que o equilíbrio financeiro depende sobretudo da redução ou corte das despesas caracterizadas mais supérfluas. É interessante ser destacado que, enquanto está sendo desenvolvido o Apontamento de Despesas, pode e deve surgir uma série de reflexões sobre o estilo e padrão de consumo que é necessário ser adotado. Esses processos contribuirão diretamente para a formação

da consciência financeira. Isso porque dinheiro não é somente uma questão de matemática exata, mas sim de uma matemática crítica que relaciona o dinheiro ao controle do comportamento humano.

Portanto, se você quer que sua vida continue exatamente como está, continue fazendo tudo exatamente como faz. Contudo, se deseja mudá-la, comece a se Educar Financeiramente, mudando seus hábitos por meio do Diagnóstico do seu “Eu” financeiro.

b) Pilar Sonhar: Entendendo quanto custa os sonhos da vida.

O segundo Pilar da Jornada Financeira é pautado no aspecto sonhar. Em outras palavras, sonhos não podem ser somente influenciados por anseios emocionais, caso isso aconteça as realizações dos sonhos vem acompanhadas de problemas, principalmente financeiros.

Na realidade para sonhar é necessário um ponto de equilíbrio, no qual o aspecto racional balanceia as atitudes comportamentais humanas por meio de conceitos fundamentados pela Educação Financeira tendo como base a Educação Matemática Crítica.

Uma das razões que muitas vezes impedem as pessoas de realizar seus sonhos é o não saber exatamente visualizar a realidade matemática de quanto eles custam (Domingos, 2012).

Quadro 3 - Formação da Consciência Financeira: Sonhar.

SONHAR
Habituar-se a projetar o futuro.
Fazer revisões periódicas nos projetos de vida.
Definir metas e objetivos que priorizam os sonhos.
Ter sempre um sonho de curto, um de médio e um de longo prazo.
Equilibrar sonhos materiais e não materiais.
Saber quanto custa o sonho, o quanto guardar e em quanto tempo.

Fonte: Adaptado de Domingos (2011, p. 28).

Partindo disso, é necessário o estudante valorizar seus sonhos, sendo eles pequenos, médios ou grandes, e independente de “[...] qual for sua situação financeira, é preciso que você sempre renove seus sonhos, seus objetivos” (Domingos, 2012, p. 60). Assim, a orientação sugerida é que por meio de registros que definam metas e objetivos a Curto, Médio e Longo Prazo, o indivíduo escreva seus sonhos calculando exatamente quanto eles custam.

Tabela 3 – Como Realizar Sonhos¹

Curto Prazo (Até um ano)	
Meu Sonho é:	TV LCD
Meu Sonho Custa:	R\$ 2.000,00
Quanto vou Guardar:	R\$ 200,00
Em quanto tempo realizarei:	10 Meses
Médio Prazo (de um a dez anos)	
Meu Sonho é:	Viagem de Férias
Meu Sonho Custa:	R\$ 6.000,00
Quanto vou guardar:	R\$ 250,00
Em quanto tempo realizarei:	23 Meses
Longo Prazo (Acima de dez anos)	
Meu Sonho é:	Casa Própria
Meu Sonho Custa:	R\$ 150.000,00
Quanto vou guardar:	R\$ 500,00
Em quanto tempo realizarei:	180 Meses

Fonte: Adaptado de Domingos (2012, p. 68).

¹ É importante observar que para sonhos de curto, médio e longo prazos é necessário corrigir e acrescentar um percentual mensalmente ou anualmente sobre o valor a ser guardado, um acréscimo de inflação, visto que, no caso de uma casa, por exemplo, terá aumento em seu preço de venda. Por isso o valor a ser guardado terá que receber anualmente um acréscimo para se mantenha o poder de compra.

Após descrever os sonhos, conforme Tabela 3, percebe-se uma melhor visualização de como as pessoas podem se organizar para realizá-los, uma vez que quando o ser humano busca descrever suas prioridades de um modo visível, seu pensamento se torna equilibrado, com isso, os caminhos das decisões são calculados conscientemente para atingir a realizações de sonhos tão desejados, independentemente se são sonhos de curto, médio ou de longo prazo.

Observando os exemplos descritos, talvez o que se ecoa no pensamento das pessoas é o seguinte pensamento: “Como eu posso me organizar e adequar meu

padrão de vida para buscar realizar meus sonhos?”. Pois, sabe-se que a tarefa não é fácil, principalmente para as pessoas que tem renda baixa, no qual se enquadra grande parte da população brasileira.

Isso fica evidente, no caso da conquista da “Casa Própria”, como mostra o exemplo, o valor é de R\$ 150.000,00, é fato que tendo um rendimento baixo, poupar R\$ 500,00 por mês é algo muito difícil, sendo inviável. No entanto, mesmo nestes casos de alta complexidade, é preciso não desistir dos sonhos. Como menciona Domingos (2012) não importa o tamanho e o valor dos sonhos. Com atitude, disciplina, perseverança, ou seja, resiliência e consciência financeira, o indivíduo é capaz de realizá-los. Tudo dependerá diretamente do grau de esforço que a pessoa estiver disposta a fazer.

Com isso, chega-se em um ponto crucial, pois, agora que os sonhos de curto, médio e longo prazos foram estruturados de forma consciente, é hora de iniciar o desafio para torná-los realidade. Em outras palavras, é o momento de elaborar o orçamento e medir a dimensão do esforço que é preciso fazer para realizar os sonhos tão almejados.

c) Pilar Orçar: Momento de estabelecer prioridades.

Quando se fala em orçar, logo vem à cabeça a ideia de priorizar, ou pelo menos deveria ser esse o pensamento, porém a maioria das pessoas entendem da seguinte forma: Ter um orçamento sob controle significa registrar o que se ganha e subtrair o que se gasta. Caso sobre dinheiro, estou no lucro. Se faltar, estou no prejuízo e vou ter de compensar o *déficit* no próximo mês. Esse tipo de raciocínio é de extrema relevância, porém, somente isso não basta (Domingos, 2012).

Aprender a definir prioridades está diretamente ligada ao desenvolvimento de um bom orçamento. Isso significa que é preciso direcionar seu dinheiro à realização pessoal de boas escolhas, ou seja, quer dizer que acima de tudo é necessário saber estabelecer prioridades no momento da construção de um orçamento.

Na realidade, definir prioridades em todos os sentidos é essencial ao longo da vida, com isso, se torna fundamental fazer o estudante refletir sobre suas prioridades financeiras, sendo necessário, cortar os gastos supérfluos para iniciar o orçamento financeiro ideal. Como sugestão é interessante montar uma lista com seus

recebimentos e com possíveis gastos, no qual diferencie o que é prioridade do que é desejo (vontade).

Quadro 4 - Formação da Consciência Financeira: Orçar.

Orçar
Descontar o valor dos sonhos antes das despesas no orçamento.
Desenvolver o hábito de saber o preço real das coisas.
Aprender a diferenciar preço de valor e prioridade do que é desejo (vontade).
Ter sempre um orçamento pessoal.
Saber quanto custam seus sonhos materiais.
Viver dentro do padrão de vida permitido por seus ganhos.

Fonte: Adaptado de Domingos (2011, p. 28).

Sendo assim, é relevante conhecer alguns conceitos sobre termos específicos que fazem parte do processo educativo financeiro, como: Receitas Fixas e Variáveis, e Despesas Fixas e Variáveis.

- ✓ **Receitas Fixas:** São valores recebidos todo mês que são iguais ou que variam pouco em seu montante.
 - **Exemplos:** Salário, bolsa auxílio (médio e longo prazo), recebimentos de aluguéis, pensões e aposentadoria, entre outros itens que podem ser reconhecidos como receitas fixas.
- ✓ **Receitas Variáveis:** São valores recebidos esporadicamente ou por um determinado período que podem apresentar variações em seu montante.
 - **Exemplos:** 13º Salário, comissões, gratificações, horas extras e serviços extras nas horas vagas, entre outros elementos que podem ser reconhecidos como receitas variáveis.
- ✓ **Despesas Fixas:** São gastos que ocorrem mensalmente com valores fixos ou com variações pouco elevadas.
 - **Exemplos:** Alimentação, aluguel ou prestação da casa (imóvel), contas de água e energia elétrica, *internet*, entre outras que podem ser classificadas como despesas fixas.

- ✓ **Despesas Variáveis:** São gastos que variam conforme a frequência e a intensidade do consumo, podendo ter prazos definidos para se encerrar, podendo possuírem prazos específicos para terminar, ou seja, desembolsos que podem assumir papéis esporádicos.
 - **Exemplos:** Combustível, farmácia, transporte, academia, lazer e outras que podem se enquadrar como despesas variáveis.

Visto isso, a orientação é desenvolver um orçamento, observando seus gastos essenciais, dos quais se enquadram contas com residência e pessoal, gastos com desejos, também chamados de consumo com outras despesas e por fim gastos eventuais, ou seja, as prioridades financeiras que se encaixam desembolsos com poupança emergencial e possivelmente investimentos.

Tabela 4 – Orçamento Estabelecendo Prioridades.

Descrição		Orçamento Antes (R\$)	Orçamento Depois (R\$)
(+)	Salário Mensal (Receita)	2.800,00	2.800,00
(-)	Sonho (Curto Prazo) TV LCD	(0,00)	(200,00)
(-)	Sonho (Médio Prazo)	(0,00)	(250,00)
(-)	Sonho (Longo Prazo) 10% do Salário	(0,00)	(280,00)
(=)	Saldo para ajustar o Padrão de Vida	2.800,00	2.070,00
(+)	13º Salário (Receita Anual Recebida somente em dezembro) *	0,00	2.800,00
RESIDÊNCIA	Aluguel/Financiamento Casa	(653,34)	(653,34)
	Conta de Água	(95,25)	(70,36)
	Conta de Energia	(198,34)	(101,54)
	Compra do Mês Mercado	(475,67)	(355,88)
	Conta de Telefone	(105,00)	(65,00)
	IPTU (Pago com 13º Salário)	(50,00)	(480,00)**
	Gás	(95,00)	(95,00)
PESSOAL	Perfumes (Pago com 13º Salário)	(123,30)	(123,30)**
	Medicamento/Farmácia	(85,00)	(70,00)
	Ônibus/Transporte	(55,85)	(55,85)
	Roupas /Calçados (Pago com 13º Salário)	(255,90)	(600,00)**
	Curso Profissionalizante	(0,00)	(200,00)
OUTRAS DESPESAS	Almoço, Lanche e Café	(92,50)	(42,50)
	Cafezinho da Manhã	(26,00)	(15,37)
	Compras Shopee	(201,23)	(0,00)
	Diversão/Lazer	(250,00)	(110,00)
	Guloseimas	(170,80)	(70,29)
	Lanche	(82,00)	(42,00)
(=)	Despesas Totais	(3.015,18)	(3.150,43)
(-)	Exclusão das Desp. c/ 13º Salário (IPTU R\$480 + Perfume R\$ 123,30 + Roupas/ Calçados R\$ 600,00)	(0,00)	(1.203,30)
(=)	Despesas Mensais Totais	(3.015,18)	(1.947,13)

Fonte: Adaptado de Domingos (2012, p. 75).

*A Receita Anual 13º Salário é só referenciada no “Orçamento Depois”, após o apontamento das despesas comuns.

**No “Orçamento Depois” as Contas de Despesas com IPTU R\$ 480,00, Perfume R\$ 123,30, Roupas/Calçados R\$ 600,00, devem ser pagas à vista com o 13º Salário.

Na Tabela 4 foi desenvolvido um orçamento com base no apontamento de despesas referenciado no Pilar Diagnóstico. Por meio disso, é importante observar que se priorizou uma quantia para iniciar a trajetória de realizações dos sonhos de curto, médio e longo prazos. Também foi mencionada a utilização do 13º Salário

como Receita Anual para pagamento à vista de algumas despesas, os quais eram pagas a prazo. Outro ponto a ser observado, é conscientização financeira em reduzir os valores das despesas essenciais (Residencial e Pessoal) e com desejos (Outras Despesas). Essa percepção fica nítida comparando os valores totais dos Orçamentos Antes e Depois. Não se pode deixar de citar a inclusão do Curso Profissionalizante em Despesa Pessoal, que ao mesmo tempo em que é um gasto essencial, pode ser enquadrar como desembolso para investimento.

Tabela 5 – Orçamento Apuração do Resultado.

Apuração do Resultado Mensal		Orçamento Antes (R\$)	Orçamento Depois (R\$)
(+)	Saldo para ajustar o Padrão de Vida	2.800,00	2.070,00
(-)	Despesas Mensais Totais	(3.015,18)	(1.947,13)
(=)	Saldo Mensal	(215,80)	122,87
Apuração do Resultado Anual		Orçamento Antes (R\$)	Orçamento Depois (R\$)
(+)	Receita Anual 13º Salário (Recebida somente em dezembro)	0,00	2.800,00
(-)	Despesas Pagas Anuais	(0,00)	(1.203,30)
(=)	Saldo Anual	(0,00)	1.596,70
Apuração do Resultado Total		Orçamento Antes (R\$)	Orçamento Depois (R\$)
(+)	Saldo Mensal	(215,80)	122,87
(-)	Saldo Anual	(0,00)	1.596,70
(=)	Saldo Total	(215,80)	1.719,57

Fonte: Elaborado pelo autor.

Após desenvolver o orçamento, no qual foram detalhadas as prioridades em relação a como destinar conscientemente os ganhos para saldar os gastos, tornou-se necessário elaborar a Apuração do Resultado, conforme apresentado na Tabela 6. Assim, a primeira apuração foi a mensal, entre o Saldo para Ajustar o Padrão de Vida e as Despesas Mensais Totais, que teve resultado negativo no Orçamento Antes e positivo no Orçamento Depois. A segunda apuração foi anual, confrontando-se a Receita Anual (13º Salário) com as Despesas Pagas Anuais, tendo resultado positivo no Orçamento Depois, lembrando que no Orçamento Antes não se utilizou a Receita Anual para pagamentos de algumas despesas. Por fim, a última apuração desenvolvida foi a total, que teve resultado negativo no Orçamento Antes e positivo no Orçamento Depois, pelo qual se confrontou o Saldo Mensal com o Saldo Anual.

Portanto, vale lembrar, que o Orçamento Estabelecendo Prioridades não é uma regra engessada, a pessoa pode e deve adaptá-la à sua realidade, caso seja necessária em determinados momentos da vida.

d) Pilar Poupar: Viver o hoje, sem esquecer o amanhã.

O ato de guardar dinheiro não é e nunca foi um hábito no Brasil. Claro que vários fatores perpetuam para que isso não aconteça na vida do brasileiro, como por exemplo: a desigualdade social que é muito elevada no país²¹, acompanhada da alta carga tributária²² que encarece muito serviços e bens de consumo²³, e principalmente o não incentivo ou até mesmo ensinamentos errados em relação a ter Educação Financeira²⁴.

Todavia, o que acontece há anos é que a todo o momento passa dinheiro no cotidiano financeiro das pessoas, seja pouco ou muito, isto é, o que se observa que conquistar dinheiro no Brasil é sinônimo de dificuldade, no entanto mesmo não sendo uma tarefa fácil, com muito esforço o brasileiro consegue conquistá-lo, porém nem sempre tem a consciência de poupá-lo, mas sim de gastá-lo inconscientemente.

De tal modo, é importante entender que, independentemente da classe social, as pessoas precisam ter consciência e aprender a viver de acordo com o quanto ganham. Ou seja, é necessário definir e manter um padrão de vida sustentável, que permita estar sempre inserido na posição de poupador e não de devedor (Domingos, 2012).

²¹ A desigualdade no Brasil é enorme, e isso impacta o acesso à educação financeira. Pessoas de classes mais baixas muitas vezes têm menos recursos e oportunidades para aprender sobre o assunto (Melter, 2024).

²² Um estudo do Banco Mundial revelou que o Brasil está entre os países com as mais altas cargas tributárias do mundo (Lima, 2024).

²³ Nos últimos anos, porém, o crescimento da inflação tem se tornado mais uma vez bastante alarmante no país. Com isso, os preços de itens básicos, como alimentos e produtos de higiene e limpeza, seguem aumentando, enquanto o poder de compra e o orçamento da população se retraem cada vez mais (Exame, 2024).

²⁴ Com o orçamento apertado, um em cada quatro habitantes no país não consegue pagar todas as contas no fim do mês, de acordo com uma pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI) em parceria com o Instituto FSB Pesquisa (Exame, 2024).

Quadro 5 - Formação da Consciência Financeira: Poupar.

Poupar
Viver o hoje, sem esquecer o amanhã.
Usar todos os seus recursos com moderação.
Guardar sempre uma parte do dinheiro que passa por suas mãos.
Poupar para realizar sonhos de curto, médio e longo prazos.
Começar a poupar para a aposentadoria desde o primeiro emprego.
Comprar à vista com desconto.
Adequar o tempo dos sonhos ao prazo de investimento.

Fonte: Adaptado de Domingos (2011, p. 28).

Na realidade, poupar é ter a consciência de guardar hoje para ter amanhã. Mas, para isso, é preciso balancear os desejos imediatos e controlar os sonhos remotos (Domingos, 2011).

Partindo disso, é essencial incentivar o estudante a formar consciência financeira de poupador, guardando hoje para ter amanhã. Como sugestão pode-se mencionar a Poupança do 1%, uma forma básica de estimular o pensamento humano a poupar mês a mês um pequeno percentual do rendimento conquistado dia após dia. Observe a Tabela 6.

Tabela 6 – Poupança do 1% (em Reais (R\$))

Meses (1ºSem./Ano)	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Total Poupado (1ºSemestre/Ano)
Base de Cálculo	1.420,00	1.426,12	1.454,64	1.498,28	1.558,21	1.636,12	
Percentual (%) de Cálculo	1%	2%	3%	4%	5%	6%	
Valor Acumulado a Ser Poupado	14,28	28,52	43,64	59,93	77,91	98,17	322,29
Meses (2º Sem./Ano)	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total Poupado (2ºSemestre/Ano)
Base de Cálculo	1.734,29	1855,69	2.004,15	2.184,52	2.402,97	2.667,30	
Percentual (%) de Cálculo	7%	8%	9%	10%	11%	12%	
Valor acumulado a ser poupado	121,40	148,46	180,37	218,45	264,33	320,08	1.253,08
Total Poupado no Ano.....							1.575,37

Fonte: Elaborada pelo autor.

Observando a Tabela 6, Poupança do 1%, repare que o primeiro valor denominado como Base de Cálculo no mês de Janeiro é o do atual salário mínimo federal, no qual é inserido 1% para efeito de cálculo, o resultado é poupado e automaticamente somado ao valor inicial (Valor do próprio mês de Janeiro), acumulando e formando a Base para Cálculo do mês seguinte (Fevereiro), que terá como percentual de cálculo 2%, ou seja, tanto o valor de Base de Cálculo se acumula quanto os percentuais utilizados para cálculo, pois vão sucessivamente modificando mês a mês. Assim, ao término do ciclo de um ano (12 meses) os cálculos resultarão em um montante significativo que poderá ser usufruído de forma consciente conforme projetos e necessidades do indivíduo.

É importante mencionar que o método de poupar pensando em viver o hoje, sem esquecer o amanhã, aqui representado pela Poupança do 1%, não é uma regra geral, a pessoa pode e deve adaptá-lo a qualquer valor de sua realidade, caso seja necessário em determinados momentos da vida.

4.3 Cronograma dos encontros do Produto Educacional “Jornada Financeira”

Nesta subseção, percebeu-se a necessidade de apresentar ao leitor o cronograma de cada encontro. Sendo assim, o método de ensino durante os encontros parte da concepção crítica de educação, que se assemelha ao pensamento da professora Manfredi (1993), entendido como metodologia de ensino, que “[...] em síntese, é uma estratégia que visa garantir o processo de reflexão crítica sobre a realidade vivida, percebida e concebida, visando uma tomada de consciência dessa realidade, tendo em vista a sua transformação” (p. 04).

Como mencionado no decorrer desta dissertação, o produto educacional foi desenvolvido para a EJA. Partindo disso, os encontros foram projetados em meio a tarefas, observando situações do dia a dia, pretendendo alcançar objetivos específicos da pesquisa:

- ✓ Instruir o Jovem e Adulto a melhorar seu comportamento no que diz respeito à Educação Financeira, gerenciando o seu próprio conhecimento e comportamento frente à tomada de decisões financeiras do dia a dia;

- ✓ Promover, por meio do produto educacional, a compreensão sobre a importância do gerenciamento financeiro pessoal de forma educativa.

Os estudantes que frequentavam as aulas participaram da execução das tarefas conforme a condução dos encontros, uma vez que os conteúdos explorados fizeram parte da proposta pedagógica da professora de matemática da instituição. Outro ponto em destaque, é que os estudantes das turmas pesquisadas aceitaram, por meio de termo de consentimento e assentimento, que seus registros fossem analisados para efeito desta pesquisa.

Para coletar os dados referentes ao produto educacional e responder à questão normativa de pesquisa, foram utilizados questionários, roteiros de observação, registros de conversas informacionais, evidenciação nos artefatos físicos e os registros dos estudantes, conforme explicitado anteriormente.

Em parceria com a professora de Matemática, os encontros do “Jornada Financeira” foram organizados com propostas específicas, conforme Quadro 6.

Quadro 6 - Cronograma dos encontros do Produto Educacional “Jornada Financeira”.

Encontro	Data	Duração	Tema
1º	09/09/2024	01h00	Apresentação do Produto Educacional Jornada Financeira
2º	16/09/2024	01h00	1º Pilar Diagnosticar: Descobrindo o seu “Eu” financeiro
3º	23/09/2024	01h00	2º Pilar Sonhar: Entendendo quanto custa os sonhos da vida
4º	07/10/2024	01h00	3º Pilar Orçar: Momento de estabelecer prioridades
5º	04/11/2024	01h00	4º Pilar Poupar: Viver o hoje, sem esquecer o amanhã
6º	11/11/2024	01h00	Feedback do Produto Jornada Financeira

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os registros dos estudantes participantes, sobre o desenvolvimento dos encontros, serão relatados mais adiante. Em suma, no próximo capítulo será argumentado de forma mais detalhada sobre cada um dos encontros. Mais especificadamente, serão discutidos nuances das tarefas, diálogos e observações de cada pilar que compõe o Produto Educacional “Jornada Financeira”,

apresentando uma análise a partir do que foi planejado e dos objetivos traçados nesta pesquisa. Para tanto, identificar as particularidades do estudo oportuniza um momento de compreensão de como tudo ocorreu e o que pode se refletir e inferir sobre o desenrolar do processo pesquisado.

5 JORNADA FINANCEIRA: A EXPERIÊNCIA DE UM PRODUTO EDUCACIONAL APLICADO NA EJA

Nesta seção, serão discutidos os resultados e as iniciativas do produto, como as falas dos participantes, algumas observações produzidas durante os encontros e as análises desses registros. Como Bassey (2003) menciona em uma pesquisa de campo é importante salientar a existências de 03 (três) caminhos para a produção das informações: desenvolver perguntas, observar e ler documentos.

Partindo disso, os trajetos indicados por Bassey (2003) foram fundamentais para reforçar a dinâmica dos encontros, com elaboração de atividades que resultaram em perguntas, incentivando e investigando os comentários, atitudes, concepções e pensamento dos estudantes. Por fim, lendo documentos e registros dos participantes, as anotações do pesquisador, diálogos, devolutivas, entre outros.

Todo o processo de análise das informações deste estudo qualitativo, parte da identificação que a abordagem mais conveniente para demonstrar e discutir os dados obtidos é a análise descritiva. O funcionamento das análises descritivas tem por propósito relatar criteriosamente os eventos e fatos de uma determinada realidade, de forma a obter referências a respeito daquilo que já se definiu com o problema a ser investigado (Triviños, 1987).

As atividades foram analisadas a partir da ideia que a Educação Financeira tenha como base a criticidade da Educação Matemática, considerando o pensamento de Domingos (2011) e Skovsmose (2014), como respectivamente é apresentado no Quadro 7.

Quadro 7 - Análise dos encontros do Produto Educacional “Jornada Financeira”.

Encontros e suas propostas		
1º encontro	Realidade + Cenários de Investigação	Apresentação do Produto Educacional “Jornada Financeira”, abordando o conceito de Educação Financeira a partir da realidade vivida pelos estudantes e do contexto social em que estão inseridos.
2º encontro	Realidade + Cenários de Investigação	Explicação do 1º Pilar Diagnosticar: Descobrir o seu “Eu” financeiro. Tendo em vista, o quanto o sujeito recebe, o quanto tem de contas a pagar e o quanto pode usufruir de sua renda conquistada no dia a dia, observando sempre o futuro.
3º encontro	Realidade + Cenários de Investigação	Explicação do 2º Pilar Sonhar: Entendendo quanto custa os sonhos da vida. Na realidade, o ato de sonhar deve e tem que ser grande, porém os passos devem ser curtos, ou seja, é necessário ter equilíbrio para conquistar sonhos ao longo da vida.
4º encontro	Semirrealidade + Cenários de Investigação	Explicação do 3º Pilar Orçar: Momento de estabelecer prioridades. Isto é, ter um orçamento sob controle significa registrar o que se conquista e subtrair o que se gasta.
5º encontro	Semirrealidade + Cenários de Investigação	Explicação do 4º Pilar Poupar: Viver o hoje, sem esquecer o amanhã. Isto significa, ter consciência e aprender a viver de acordo com o quanto conquista.
6º encontro	Realidade + Cenários de Investigação	Explicação do <i>feedback</i> do Produto “Jornada Financeira”. Em outras palavras, o <i>feedback</i> foi o momento de reflexão dos estudantes em relação a toda sua participação.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Durante o processo de planejamento e execução dos encontros, procurou-se incorporar as ideias de Domingos (2011) e Skovsmose (2014), uma vez que suas abordagens contribuem para promover reflexões críticas e cidadãs. A intenção foi estimular o pensamento crítico dos estudantes, favorecendo, assim, o desenvolvimento da conscientização financeira.

Nos encontros buscou-se propiciar ambientes categorizados como realidade²⁵ e semirrealidade, dos quais resultaram na criação de cenários para investigação. Para um melhor entendimento consideramos interessante explicar os critérios abordados em cada um dos encontros. Entretanto, vale ressaltar na Seção 02 desta dissertação, mais precisamente a subseção 2.5.1 foi discutido cada particularidade dos ambientes de aprendizagem.

Na íntegra, serão apresentados os critérios que nortearam a elaboração da proposta dos encontros.

²⁵ É importante descrever que por tratar de temas que fazem relação com a Educação Financeira, tais como Diagnosticar: Descobrir o seu “Eu” financeiro; Sonhar: Entendendo quanto custa os sonhos a vida; Pilar Orçar: Momento de estabelecer prioridades; Poupar: Viver o hoje, sem esquecer o amanhã. Não foram categorizados momentos com referências à matemática pura.

5.1 Contextualização dos critérios categorizados nos encontros

Um encontro pode ser caracterizado como semirrealidade, quando os cenários apresentados são hipotéticos e não se comprometem com a realidade. Trata-se de situações que, embora envolvam fenômenos e personagens que remetem a aspectos do cotidiano, são elaboradas especificamente para o contexto escolar.

Em contrapartida, um encontro é categorizado como pertencente a um ambiente de realidade quando os cenários propostos reproduzem situações autênticas e experiências concretas, diretamente relacionadas ao cotidiano dos estudantes. Nesse contexto, os fenômenos e personagens apresentados não são apenas representações, mas refletem fielmente a complexidade e as condições reais enfrentadas pelos participantes, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais significativo e contextualizado. Um exemplo real, são as concepções de orçamento familiar, compreendido como necessidade e desejos.

Como forma de caracterizar a ação presente nos encontros, tendo como essencial um cenário de investigação, observa-se os caminhos feitos em direção ao diálogo argumentativo, as análises a respeito do tema de cada encontro e principalmente a reflexão crítica obtida pelos estudantes. Dessa forma, nota-se um contraponto ao padrão do exercício, pois o educando assume um papel de protagonista de seu conhecimento no processo de aprendizagem e de investigação, tendo a liberdade para expor suas ideias, opiniões e avaliações acerca do que se discute.

Embora esta pesquisa possa conduzir a uma única forma de caracterização, ela se fundamenta nos pressupostos teóricos e orientações apresentados por Skovsmose (2014), especialmente em uma das partes de sua obra que discute de maneira sistemática o desenvolvimento dos ambientes de aprendizagem.

Considerando as circunstâncias do estudo, tornaram-se evidentes as situações que caracterizavam o cenário de investigação. É importante mencionar que outros elementos também desempenharam um papel significativo no processo de aprendizagem dos estudantes, como os conteúdos trabalhados anteriormente pela professora nas aulas regulares, que não fizessem parte diretamente dos encontros, mas contribuíram para o desenvolvimento dos estudantes.

Contudo, para que o leitor compreenda como ocorreu a aplicação do produto educacional, serão descritas as nuances nos próximos tópicos, ou seja, como foi elaborada a proposta temática e as considerações em relação a cada momento dos encontros.

5.2 Primeiro encontro: Explicação e apresentação do Produto Educacional “Jornada Financeira”.

Inicialmente, o professor pesquisador, de forma sucinta, apresentou o produto educacional “Jornada Financeira”, falando sobre a importância da educação financeira para a tomada de decisões conscientes frente ao dinheiro e ao consumo. Foram detalhados os objetivos do estudo para que os estudantes da EJA compreendessem o que seria aplicado no decorrer dos encontros.

Como mencionado foi explicado e entregue os TCLE e TALE, alertando sobre a necessidade de os termos serem assinados caso concordassem em participar da pesquisa. Neste momento, foi informado que caso algum estudante optasse por não participar da pesquisa, as informações inseridas não seriam analisadas, mas todos os estudantes participariam da proposta, uma vez que já faziam parte do planejamento dos encontros.

Em um primeiro momento, observou-se uma certa resistência por parte dos estudantes, por pensarem que os assuntos atrapalhariam os conteúdos ensinados anteriormente pela professora da disciplina de matemática. Também, por se tratar de um tema que é muito discutido pelas pessoas, mas, pouco compreendido na sociedade.

O professor pesquisador necessitou ressaltar aos estudantes que não perderiam conteúdo de aula, uma vez que o assunto faz parte de um tema transversal, no qual poderia ser inserido como complemento no currículo escolar.

De tal modo, sentiu-se a necessidade de explicar algumas recomendações aos educandos como forma de sanar prováveis dúvidas (Quadro 8).

Quadro 8 - Recomendações sobre os encontros relativos ao “Jornada Financeira”.

- Nos próximos encontros, você precisará trazer somente caneta, lápis e borracha. Todos os materiais utilizados para registros das tarefas a serem desenvolvidas por você será fornecido e entregue pelo professor pesquisador em folhas separadas;
- Sua participação nos encontros e em todas as discussões é fundamental, pois será o momento para dialogarmos, trocando experiências e reflexões;
- Todos temos opiniões, e discordar faz parte da construção de um cidadão com senso crítico. Não há problema em você pensar diferente de mim ou de seus colegas de turma. Pelo contrário, será muito importante compartilhar seus pensamentos, para que possamos manter o diálogo e aprender juntos, uns com os outros.

Fonte: Elaborado pelo autor.

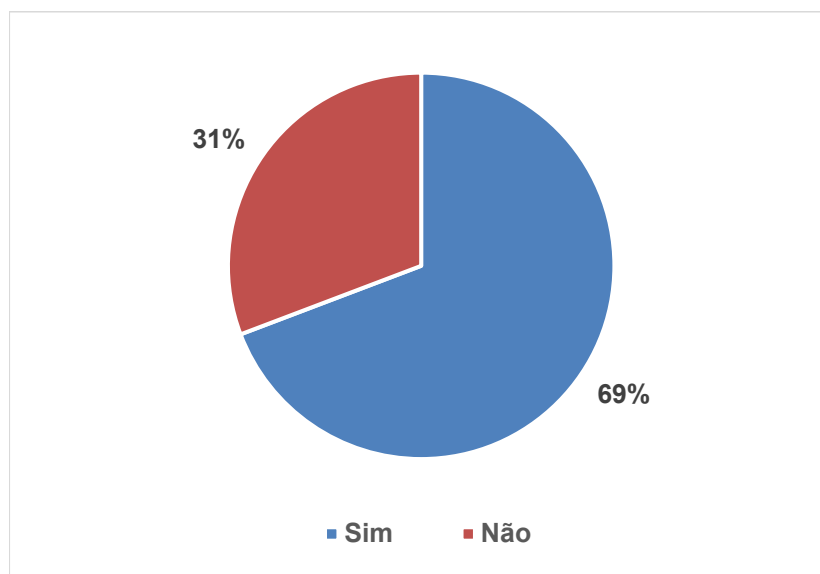
Para conhecer as opiniões dos participantes da pesquisa, foi aplicado um questionário, que teve como objetivo entender a ideia e a compreensão da realidade cotidiana dos estudantes. Com isso, cada aluno recebeu de forma impressa uma folha contendo 11 (onze) questões alternativas, as quais algumas tinham campos para os participantes expressarem suas opiniões caso fosse necessário.

As questões indagaram conceitos prévios sobre Educação Financeira e o nível de criticidade dos estudantes em relação a aquisições de bens e serviços, perfil familiar, consumo e relacionamento do indivíduo com o dinheiro, de modo a identificar o nível de interesse e conhecimento em relação ao tema. Para aplicação do instrumento, o pesquisador solicitou que respondessem em silêncio para que não influenciassem uns aos outros.

A primeira questão buscou identificar o perfil dos participantes conhecendo o seu gênero, com predominância do sexo masculino, que representa 62%, enquanto o sexo feminino corresponde a 38%. No que se refere à faixa etária, os participantes do sexo masculino apresentaram idades entre 17 (dezesete) e 68 (sessenta e oito) anos, enquanto as participantes do sexo feminino entre 17 (dezesete) e 67 (sessenta e sete) anos. Esses dados compõem o perfil social dos sujeitos da pesquisa, evidenciando a diversidade etária dentro de cada grupo de gênero.

Com relação à segunda questão da pesquisa, foi proposto o seguinte questionamento: “Você já ouviu falar sobre educação financeira?”, visando identificar o grau de familiaridade dos educandos com o tema (Figura 1).

Figura 1 - Familiaridade dos educandos com o tema “Educação Financeira”.



Fonte: Elaborado pelo autor.

A análise dos dados acima revela que 69% dos participantes afirmaram possuir familiaridade com o conceito de Educação Financeira, ao passo que 31% declararam não ter conhecimento prévio sobre o tema. Esses resultados evidenciam a necessidade de estratégias pedagógicas, a fim de potencializar o processo de aprendizagem e promover uma compreensão crítica sobre a gestão financeira no contexto educacional.

A terceira questão investigou os meios pelos quais os estudantes tiveram acesso a informações relacionadas à Educação Financeira. Os participantes que responderam afirmativamente à segunda questão relataram que obtiveram conhecimentos sobre o tema por meio da escola, de noticiários televisivos, da *internet* (incluindo plataformas como *YouTube* e redes sociais), do rádio e em conversas informais com amigos.

Para identificar a valorização atribuída pelos participantes à inserção desse tema no contexto educacional, bem como sua relação com a formação crítica e cidadã, foi questionado: “Você considera importante a discussão sobre Educação Financeira no ambiente escolar?” (Figura 2).

A Figura 2 evidencia que 84% dos participantes consideram fundamental a inserção de discussões sobre Educação Financeira no ambiente escolar. Por outro lado, 8% dos pesquisados atribuem pouca importância ao tema e outros 8% não o consideram relevante.

Figura 2 - Discussão no ambiente escolar sobre “Educação Financeira”.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Esses resultados corroboram a defesa de Skovsmose (2014), para quem a educação deve promover a formação crítica dos sujeitos, articulando conhecimentos escolares com as práticas sociais. Além disso, reforçam a perspectiva de Domingos (2011) sobre a necessidade de preparar financeiramente os indivíduos desde a escola, como forma de capacitá-los a exercer a cidadania de maneira consciente e responsável no contexto econômico e social em que estão inseridos.

A valorização atribuída pelos estudantes à Educação Financeira reforça a importância de criar ambientes de aprendizagem que dialoguem com as suas realidades, conforme propõe Skovsmose (2014) em sua concepção de cenários de investigação. Tais ambientes, ao problematizar situações cotidianas e estimular o pensamento crítico, favorecem o desenvolvimento de competências financeiras essenciais para a tomada de decisões conscientes. Assim, é necessário integrar, de maneira sistemática e crítica, a Educação Financeira ao currículo escolar, superando abordagens meramente técnicas e instrumentalizadas.

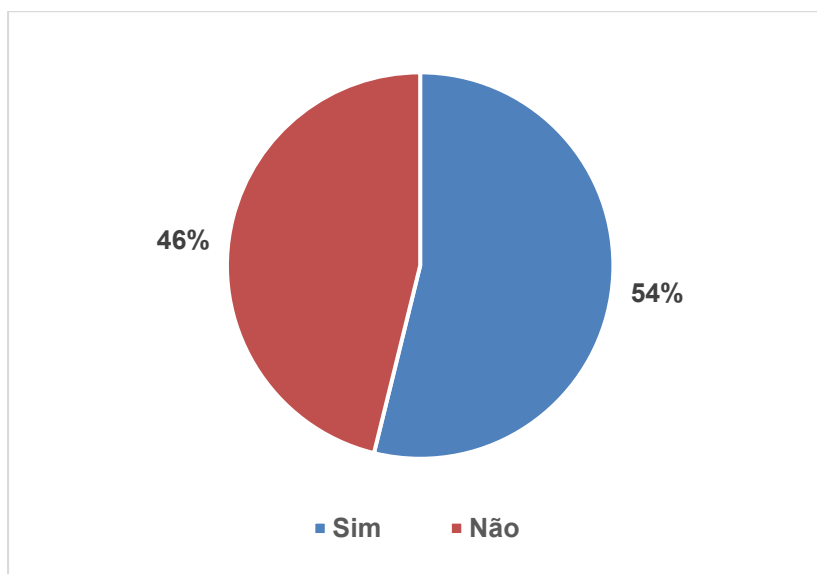
Dessa forma, os dados analisados nessa questão indicam não apenas a aceitação da temática pelos estudantes, mas também a urgência de práticas pedagógicas que priorizem a formação crítica em Educação Financeira. Alinhar o ensino a situações concretas do cotidiano, conforme defendem Skovsmose (2014) e Domingos (2011), permite que o ambiente escolar atue como um espaço de reflexão e emancipação, contribuindo para a construção de uma cidadania mais consciente e

financeiramente responsável. Assim, a Educação Financeira no contexto escolar se configura como um instrumento fundamental para a transformação social e a inclusão econômica dos sujeitos.

A quinta questão teve como propósito investigar o comportamento dos estudantes em relação ao hábito de economizar ou reservar parte de seus recursos financeiros. A inclusão dessa pergunta na pesquisa justifica-se pelo fato de que poupar representa um pilar fundamental dentro do escopo da Educação Financeira, conforme referência Domingos (2011).

Os dados indicam que 54% dos estudantes participantes afirmaram possuir o hábito de poupar dinheiro com regularidade (Figura 3). Em contrapartida, 46% declararam não adotar essa prática, o que evidencia a necessidade de reforçar ações educativas que incentivem o planejamento financeiro e a formação de uma cultura de poupança entre os educandos.

Figura 3 - Hábito de poupar dinheiro.



Fonte: Elaborado pelo autor.

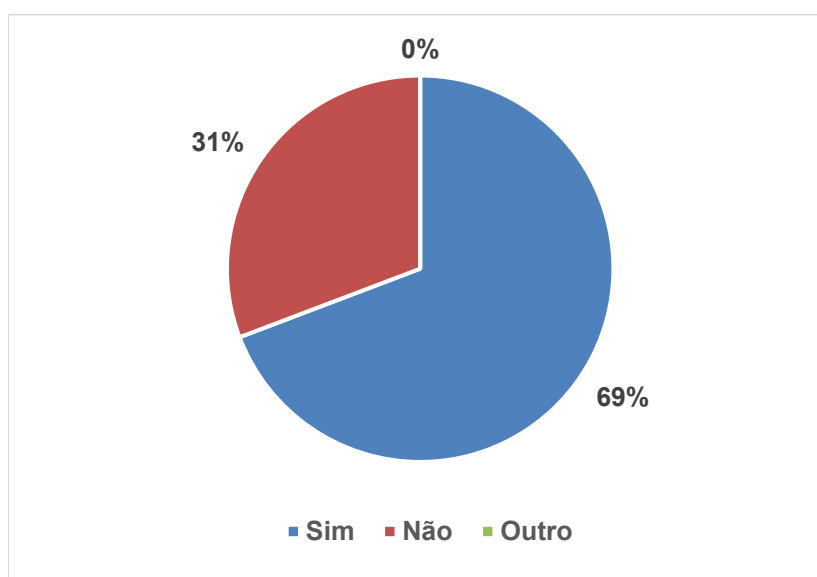
Essa realidade pode estar relacionada a fatores como a ausência de orientação formal sobre o tema, a influência de padrões de consumo imediatistas ou mesmo a limitação dos recursos financeiros disponíveis. De acordo com Domingos (2011) o desenvolvimento do hábito de poupar é um dos pilares da Educação Financeira e deve ser estimulado desde os primeiros contatos do indivíduo com o

dinheiro, sendo fundamental para a construção da autonomia e da responsabilidade na gestão das finanças pessoais.

O sexto questionamento abordou o hábito dos estudantes em realizar pesquisas de preço previamente à decisão de compra. Tal abordagem visou compreender os hábitos de consumo dos participantes, especialmente no que diz respeito à adoção de práticas financeiras conscientes e à formação de um perfil de consumidor crítico, aspectos fundamentais para a consolidação de uma Educação Financeira significativa.

A análise dos dados revela que 69% dos estudantes afirmaram ter o hábito de realizar pesquisas de preço antes de concretizar uma compra, enquanto 31% indicaram não adotar essa prática em seu comportamento de consumo (Figura 4).

Figura 4 - Pesquisas de preço previamente à decisão de compra.



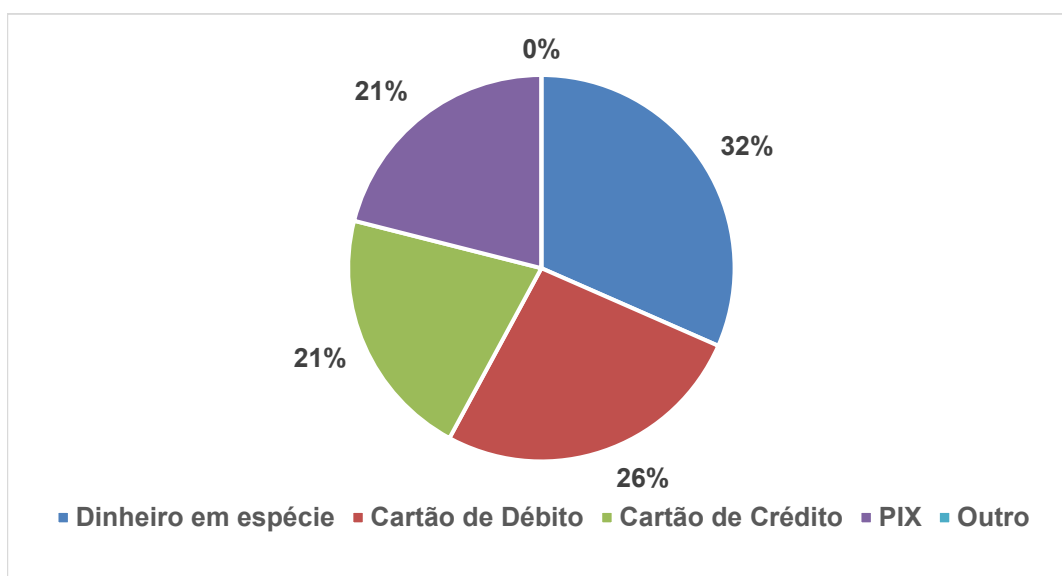
Fonte: Elaborado pelo autor.

Esses resultados demonstram que, embora a maioria já manifeste atitudes compatíveis com uma gestão financeira mais consciente, ainda há uma parcela significativa que carece de práticas básicas de planejamento financeiro. Tal cenário reforça a importância de ações educativas voltadas à promoção de hábitos financeiros saudáveis, conforme defendido por Domingos (2011), para que os estudantes desenvolvam autonomia e criticidade nas decisões relacionadas ao consumo.

A forma de pagamento que os participantes utilizavam no momento da compra foi investigada na sétima questão. A inclusão dessa pergunta na pesquisa argumenta-se pela relevância de compreender os comportamentos financeiros cotidianos dos educandos, especialmente no que diz respeito ao uso do dinheiro em espécie, cartões de débito ou crédito, e formas digitais de pagamento.

De acordo com os dados (Figura 5) 32% dos estudantes participantes utilizam dinheiro em espécie como principal forma de pagamento. Em seguida, 26% preferem o uso do cartão de débito, enquanto 21% indicaram o cartão de crédito como modalidade recorrente nas compras. Outros 21% afirmaram utilizar o Pix – modalidade de pagamento eletrônico mais recente –, como meio para realizar transações financeiras.

Figura 5 - Modalidades de pagamentos utilizadas no momento de comprar.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Esses resultados evidenciam uma diversidade no uso dos meios de pagamento entre os participantes, refletindo diferentes níveis de familiaridade e controle financeiro. O uso significativo de cartões de crédito, por exemplo, pode indicar a necessidade de reforçar estratégias de orientação quanto aos riscos do endividamento e à importância do consumo consciente.

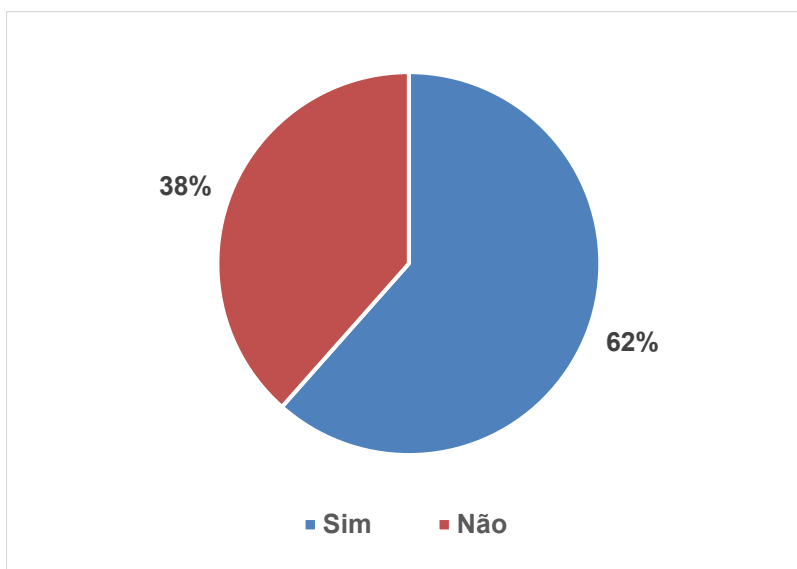
Nesse contexto, conforme aponta Domingos (2011), a Educação Financeira deve abordar não apenas o conhecimento sobre as formas de pagamento

disponíveis, mas também os impactos de seu uso no equilíbrio financeiro individual, promovendo uma tomada de decisão mais crítica e responsável.

Para compreender os comportamentos relacionados ao controle de gastos e à gestão do orçamento pessoal, a oitava questão inquiriu sobre parcelamento de compras ou pagamentos de contas como prática comum em sua organização financeira.

Os resultados (Figura 6) mostram que 62% dos estudantes participantes afirmaram ter o hábito de parcelar compras e contas como parte de sua rotina financeira. Por outro lado, 38% indicaram utilizar essa modalidade de pagamento apenas ocasionalmente, demonstrando maior cautela ou preferência por pagamentos à vista.

Figura 6 - Parcelamentos de compras e contas²⁶.



Fonte: Elaborado pelo autor.

²⁶ Para esclarecer a contradição observada entre as Figuras 5 e 6, que tratam das Modalidades de Pagamento utilizadas no momento da compra e dos Parcelamentos de compras e contas, faz-se necessário explicar, de forma básica, a diferença entre ambos os conceitos. **Parcelamento (Dívida):** é o valor que alguém deve a outra pessoa ou instituição, geralmente por ter recebido dinheiro, bens ou serviços sem pagar no ato. Exemplo: empréstimo, financiamento, conta atrasada. **Modalidade de pagamento:** é a forma escolhida para quitar uma dívida ou compra, ou seja, o meio utilizado para pagar. Exemplo: à vista, boleto, cartão de crédito e débito, pix etc. Em outras palavras, parcelamento (dívida) é o que se deve; modalidade de pagamento é como se paga.

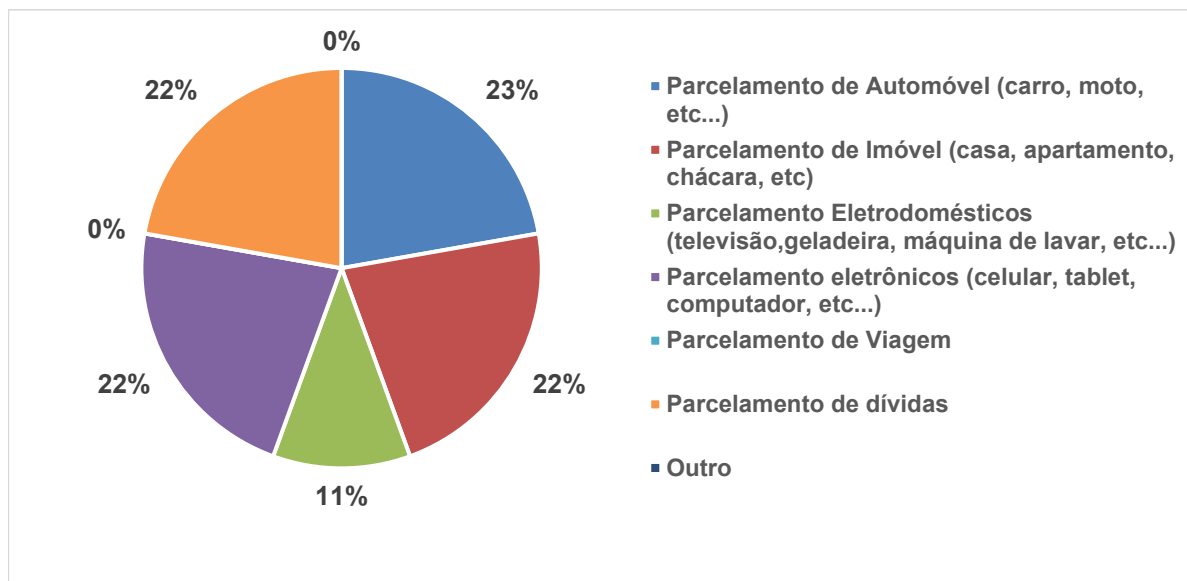
Esses resultados apontam para a relevância de abordar, no contexto escolar, os impactos do parcelamento nas finanças pessoais, sobretudo entre jovens e adultos em formação. O uso frequente do crédito parcelado pode indicar uma estratégia de alívio imediato no orçamento, mas também pode levar ao comprometimento de receitas futuras e ao endividamento progressivo.

Sob essa perspectiva, Skovsmose (2014) explica que o processo educativo deve promover a reflexão sobre as consequências socioeconômicas dessas práticas, permitindo que os estudantes tomem decisões mais conscientes, alinhadas à sua realidade financeira.

A nona questão foi direcionada especificamente aos estudantes que responderam afirmativamente à pergunta anterior sobre o uso de parcelamentos, solicitando que indicassem os tipos de compromissos financeiros atualmente assumidos por meio dessa modalidade de pagamento. A formulação dessa questão busca compreender os principais destinos do crédito utilizado, permitindo identificar padrões de consumo e áreas que demandam maior orientação financeira.

Os dados apresentados (Figura 7) indicam que 23% dos estudantes declararam utilizar sua renda com prestações de automóveis. Em seguida, 22% destinam parcelas de seus rendimentos ao financiamento de imóveis, enquanto outros 22% indicaram estar pagando por bens eletrônicos, como celulares, *tablets* e computadores. Um grupo adicional de 22% relatou possuir múltiplos parcelamentos ativos, evidenciando um maior comprometimento financeiro. Apenas 11% dos participantes informaram utilizar o crédito parcelado para a aquisição de eletrodomésticos, como televisores, geladeiras e máquinas de lavar.

Figura 7 - Opções que indicam os tipos de compromissos financeiros.



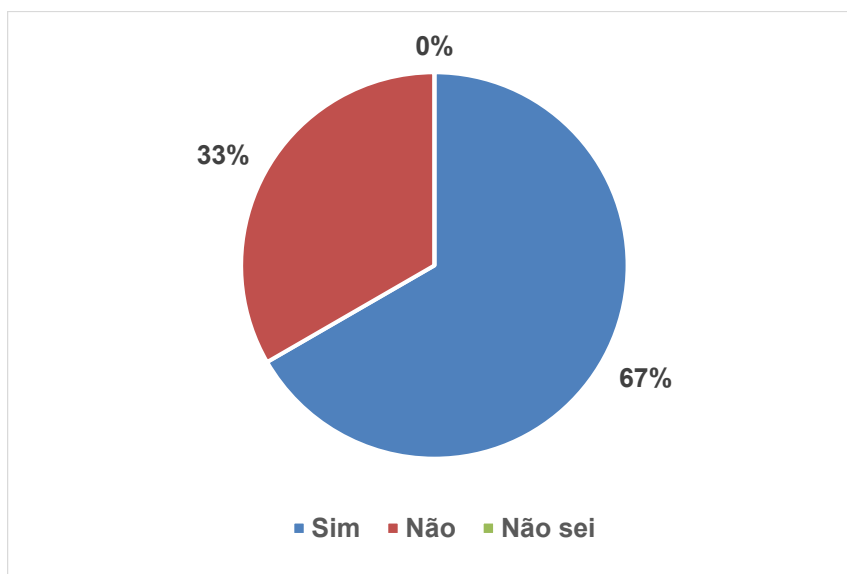
Fonte: Elaborado pelo autor.

É relevante destacar que nenhuma resposta foi registrada nas categorias “parcelamento de viagem” e “outros”, o que pode indicar menor prioridade atribuída a essas finalidades no contexto financeiro dos estudantes pesquisados.

A décima questão teve como objetivo provocar uma reflexão sobre a influência que as propagandas exercem no momento da decisão de compra por parte dos estudantes. A escolha desse assunto justifica-se pela necessidade de compreender como o *marketing* e a publicidade impactam o comportamento de consumo, especialmente em um contexto de constante exposição a estímulos midiáticos.

Conforme a observação dos dados (Figura 8) 67% dos estudantes entrevistados reconhecem que as propagandas influenciam diretamente suas decisões de compra, seja de bens ou serviços. Em contrapartida, 33% afirmaram não perceber qualquer interferência da publicidade em seu comportamento de consumo.

Figura 8 - Influência do *marketing* e publicidade no momento de consumir.



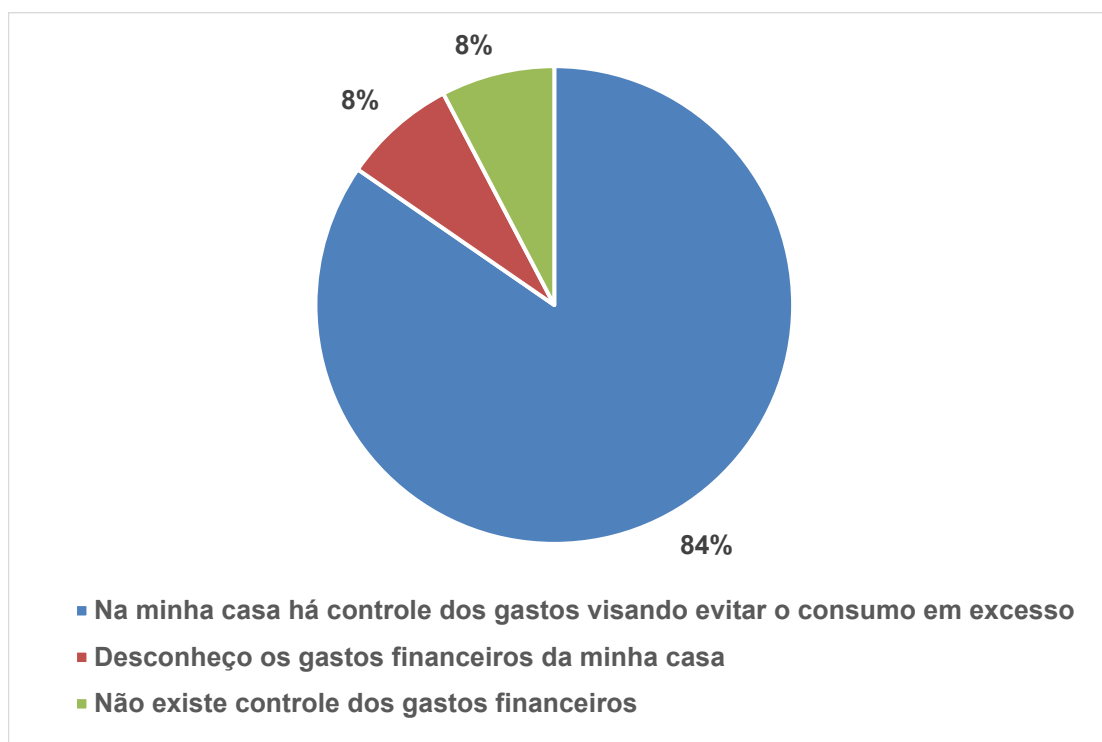
Fonte: Elaborado pelo autor.

Essa discussão reforça as opiniões de Skovsmose (2014) e Domingo (2011), que disseminam a importância de abordar criticamente, no contexto escolar, os mecanismos utilizados pelo mercado para estimular o consumo, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e da consciência crítica dos estudantes frente às estratégias de persuasão presentes nas práticas publicitárias.

Por fim, a última questão investigou como os estudantes participantes lidam com o controle de seus próprios gastos financeiros, visando compreender seus hábitos relacionados à organização e ao planejamento de suas finanças pessoais e identificar se possuem algum nível de autonomia na gestão de seus rendimentos ou se enfrentam dificuldades no acompanhamento de suas despesas.

De acordo com os dados mencionados (Figura 9), 84% afirmaram exercer controle sobre seus gastos, procurando evitar o consumo excessivo. Em contrapartida, 8% demonstraram desconhecer as despesas relacionadas ao ambiente doméstico, enquanto os outros 8% declararam não adotar nenhum tipo de controle financeiro em sua rotina.

Figura 9 - Como os estudantes lidam com o controle de seus gastos financeiros.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Por um lado, isso revela um cenário positivo em que a maioria dos estudantes demonstra certo nível de responsabilidade financeira. No entanto, a parcela que desconhece ou negligência o controle de seus gastos evidencia a necessidade de reforçar práticas pedagógicas voltadas à alfabetização financeira.

A ausência desse conhecimento pode comprometer a tomada de decisões conscientes e sustentáveis, reforçando a relevância de integrar a Educação Financeira de forma sistemática no ambiente escolar, conforme defendem autores como Domingos (2011) e Skovsmose (2014), para fomentar maior autonomia e criticidade no manejo dos recursos financeiros.

Observou-se que, embora a maioria dos participantes demonstre comportamentos financeiros responsáveis como o hábito de pesquisar preços, controlar gastos e reconhecer a influência da publicidade, ainda existe uma parcela que desconhece aspectos básicos da organização financeira ou que naturaliza práticas como o parcelamento excessivo de compras.

Esses efeitos reforçam mais uma vez a necessidade de incorporar a

Educação Financeira de forma estruturada no currículo escolar, especialmente no contexto da EJA, no qual os sujeitos já vivenciam diretamente os desafios econômicos do cotidiano.

5.3 Segundo encontro: 1º Pilar – Diagnosticar: Descobrindo o seu “Eu” financeiro

No segundo encontro, chamado de “1º Pilar Diagnosticar: Descobrindo o seu “Eu” financeiro”, iniciou-se com a aplicação dos conteúdos que compõe a Jornada Financeira. Este encontro oportunizou aos participantes o momento de se conhecerem financeiramente, fazendo um diagnóstico da realidade que conduz suas contas. A tarefa se deu com a distribuição de folhas que constavam duas planilhas em branco, intituladas “Diagnóstico Apointamento de Despesas” e “Diagnóstico de Apointamento de Despesa Novo Prisma”.

Na primeira planilha “Diagnóstico Apointamento de Despesas” foi orientado aos estudantes que descrevessem brevemente algumas despesas corriqueiras do dia a dia, inserindo a forma de pagamento e especificando seus devidos valores de cada despesa pontuada.

Na Figura 10, o participante elaborou uma planilha detalhada, na qual registrou suas despesas conforme as datas em que foram realizadas, a forma de pagamento utilizada e os respectivos valores. Essa atividade teve como objetivo possibilitar a análise de sua atitude financeira, permitindo observar padrões de comportamento relacionados ao planejamento, controle e organização de seus gastos pessoais.

Figura 11 - Registro – 1º Pilar Diagnosticar: Descobrir o seu “Eu” financeiro – Diagnóstico Apontamento de Despesas Novo Prisma.

Tabela 02 – Diagnóstico Apontamento de Despesas Novo Prisma	
Descrição das Despesas	Valor (R\$)
RESIDÊNCIA	Compra do Mercado
	880,00
	Conta de Luz
	106,00
	Conta de Água
	130,00
PESSOAL	Gás
	95,00
	Conta Telefone
	82,00
OUTRAS DESPESAS	Diversão e lazer
	320,00
	medicamentos e farmácia
	282,00
(-)	Total de Despesas
(+)	Total de Receitas
(=)	Padrão de Vida

Fonte: Material gerado durante o Encontro.

Compreende-se que o(a) estudante participante do estudo desenvolveu a planilha a partir de uma nova perspectiva organizacional, estruturando suas despesas segundo as categorias "Residência" e "Pessoal". Outro aspecto relevante foi a inclusão das receitas (ganhos), cuja análise, em confronto com os valores gastos em cada categoria, possibilitou a identificação do padrão de vida do participante.

Analisando o desenvolvimento do 1º Pilar Diagnosticar: Descobrir o seu “Eu” financeiro, por meio das planilhas “Diagnóstico Apontamento de Despesas” e

“Diagnóstico de Apontamento de Despesa Novo Prisma”, observa-se não apenas a distribuição dos recursos financeiros, mas também aspectos comportamentais importantes, como o grau de planejamento, o autocontrole financeiro e a capacidade de tomar decisões conscientes quanto ao uso do dinheiro. Tal organização revela ao estudante a importância da formação da consciência educacional financeira na vida cotidiana, fornecendo elementos relevantes para avaliar seu comportamento financeiro ao longo do tempo.

5.4 Terceiro encontro: 2º Pilar Sonhar: Entendendo quanto custa os sonhos da vida.

Dando continuidade à aplicação do Produto Educacional “Jornada Financeira”, o terceiro encontro, com o tema “2º Pilar Sonhar: Entendendo quanto custam os sonhos da vida”, teve como base a proposta de desenvolver a educação financeira a partir da reflexão sobre os sonhos pessoais. Esse momento foi dedicado a ajudar os estudantes a compreenderem o valor financeiro necessário para realizar seus sonhos, estimulando o planejamento e a definição de metas a partir de objetivos de vida concretos.

Partindo disso, foi atribuído aos estudantes por meio de folhas que constava uma planilha, cujo título era “Como Realizar Sonhos”. A planilha foi construída conforme a seguinte composição: Sonhos de Curto Prazo, Sonhos de Médio Prazo e Sonhos de Longo Prazo. Assim, dentro de cada período existia as seguintes questões a serem respondidas pelos educandos: Meu sonho é? Meu sonho custa? Quanto devo guardar? Em quanto tempo realizarei?

Tais questionamentos serviram para os estudantes refletirem sobre a importância de mensurar seus sonhos, definindo propósitos e exigências financeiras de curto, médio e longo prazo.

Na Figura 12, observa-se que o participante descreveu seus sonhos de curto, médio e longo prazo, classificando-os da seguinte forma:

- ✓ Curto prazo (até um ano): aquisição de um celular, com custo estimado de até R\$ 4.000,00. Para alcançar esse objetivo, o(a) estudante estipulou que deverá poupar R\$ 400,00 por mês, durante 10 meses.

- ✓ Médio prazo (de um a dez anos): realização de uma viagem para Gramado, com valor estimado em R\$ 5.000,00, sendo necessário reservar R\$ 250,00 mensais ao longo de 23 meses.
- ✓ Longo prazo (acima de dez anos): conquista da casa própria, com valor previsto de R\$ 150.000,00, para a qual o(a) estudante pretende economizar R\$ 500,00 por mês, até atingir ao menos o valor necessário para a entrada do imóvel.

Figura 12 - Registro – 2º Pilar Sonhar: Entendendo quanto custa os sonhos da vida
– Registro dos Sonhos e Como realizar Sonhos.

JORNADA FINANCEIRA POR MEIO DE UM PRODUTO EDUCACIONAL

II- Pilar Sonhar: Entendendo quanto custa os sonhos da vida

Tabela 03 – Registro dos Sonhos

Curto Prazo (Até um ano)	
Meu Sonho é:	celular
Meu Sonho Custa:	4000,00
Quanto vou Guardar:	400,00
Em quanto tempo realizarei:	10 meses
Médio Prazo (de um a dez anos)	
Meu Sonho é:	Uma viagem para Gramados
Meu Sonho Custa:	6.000,00
Quanto vou guardar:	250,00
Em quanto tempo realizarei:	23 meses
Longo Prazo (Acima de dez anos)	
Meu Sonho é:	Casa Própria R\$ 150.000,00
Meu Sonho Custa:	R\$ 500,00
Quanto vou guardar	180 meses
Em quanto tempo realizarei:	

Tabela 04 – Como Realizar Sonhos

Quanto Tempo (Prazo do Sonho)	Meu Sonho é	Meu Sonho Custa (R\$)	Número de Parcelas	Quanto Guardar por mês (R\$)	Correção com Juros (%)	Total Acumulado (R\$)
Curto	celular	4.000,00	10 meses	400,00	0,65	4.026,00
Médio	VIAGEM	6.000,00	23 meses	250,00	0,65	6.037,37
Longo	CASA	150.000,00	180 meses	500,00	0,65	90.585,00

*A. Tabela apresenta o valor poupado mensalmente corrigido com juros médios de investimento financeiro de 0,65% ao mês.

Fonte: Material gerado durante o Encontro.

É importante destacar que na Figura 12, na planilha 04, a correção dos juros mensais de 0,65% é considerada insignificante, pois tem como base a variação da aplicação financeira da poupança. Nota-se que o valor acumulado é a soma das parcelas mensais agregado aos rendimentos da poupança ao longo do prazo estipulado para a realização de cada sonho, seja de curto, médio ou longo prazo, é relativamente baixo.

No entanto, o objetivo central deste pilar não é o rendimento financeiro em si, mas sim despertar no(a) estudante a importância de projetar seus sonhos de forma periódica e planejada, a fim de torná-los possíveis.

Em outras palavras, os dados obtidos refletem a capacidade de planejamento financeiro do participante, além de evidenciar sua consciência sobre a viabilidade de alcançar metas pessoais ao longo do tempo, com base na organização, disciplina e hábito da poupança mensal.

5.5 Quarto encontro: 3º Pilar Orçar: Momento de estabelecer prioridades

O quarto encontro, intitulado “3º Pilar Orçar: Momento de estabelecer prioridades”, proporcionou aos educandos uma reflexão sobre a importância de definir prioridades financeiras, por meio da elaboração e execução de um orçamento pessoal.

A atividade proposta consistiu no preenchimento de uma planilha denominada “Orçamento Estabelecendo Prioridades”, que foi estruturada com os seguintes campos: Receita Mensal (Rendimento), Sonhos de Curto, Médio e Longo Prazo, além de Despesas, classificadas em Residência, Pessoal e Outras Despesas.

No *layout* da planilha, algumas despesas habituais do cotidiano já estavam previamente inseridas na coluna intitulada “Orçamento Antes”, contendo seus respectivos nomes e valores. Aos participantes foi solicitada a continuação do preenchimento na coluna “Orçamento Depois”, com o objetivo de revisar e, se necessário, ajustar os valores das despesas anteriores, promovendo uma reflexão crítica sobre a possibilidade de reduzir gastos, levando em consideração tanto a renda mensal disponível quanto os sonhos previamente estabelecidos.

Na Figura 13, o participante registrou suas receitas mensais (rendimento), seus sonhos de curto, médio e longo prazo, bem como suas despesas, classificadas

nas categorias Residência, Pessoal e Outras Despesas, todas inseridas na coluna intitulada “Orçamento Depois”.

O preenchimento dessa coluna foi feito com base nos valores previamente lançados na coluna “Orçamento Antes”.

Figura 13 - Registro – 3º Pilar Orçar: Momento de estabelecer prioridades – Orçamento Estabelecendo Prioridades.

JORNADA FINANCEIRA POR MEIO DE UM PRODUTO EDUCACIONAL			
III- Pilar Orçar: Momento de estabelecer prioridades			
Tabela 05 – Orçamento Estabelecendo Prioridades			
Descrição		Orçamento Antes (R\$)	Orçamento Depois (R\$)
(+)	Salário Mensal (Receita)	2.800,00	2.500,00
(-)	Sonho (Curto Prazo)	(0,00)	(100,00)
(-)	Sonho (Médio Prazo)	(0,00)	(200,00)
(-)	Sonho (Longo Prazo) 10% do Salário	(0,00)	(300,00)
(=)	Saldo para ajustar o Padrão de Vida	2.800,00	1.900,00
(+)	13º Salário (Receita Anual Recebida somente em Dezembro)*	0,00	2000,00
RESIDÊNCIA	Aluguel/Financiamento Casa	(653,34)	(0,00)
	Conta de Água	(95,25)	(184,00)
	Conta de Energia	(198,34)	(300,00)
	Compra do Mês Mercado	(475,67)	(400,00)
	Conta de Telefone	(105,00)	(700,00)
	IPTU	(50,00)	(50,00)
	Gás	(95,00)	(90,00)
PESSOAL	Perfumes	(123,30)	(100,00)
	Medicamento/Farmácia	(85,00)	(200,00)
	Ônibus/Transporte	(55,85)	(100,00)
	Roupas /Calçados	(255,90)	(300,00)
	Curso Profissionalizante	(0,00)	(200,00)
OUTRAS DESPESAS	Almoço, Lanche e Café	(92,50)	(5,00)
	Cafezinho da Manhã	(26,00)	(50,00)
	Compras Shopee	(201,23)	(0,00)
	Diversão/Lazer	(250,00)	(100,00)
	Guloseimas	(170,80)	(0,00)
	Lanche	(82,00)	(50,00)
(=)	Despesas Totais	(3.015,18)	1.699,00
(-)	Exclusão das Desp. c/ 13º Salário	(0,00)	(0,00)
(=)	Despesas Mensais Totais	(3.015,18)	(1.699,00)

*A Receita Anual 13º Salário é só referenciada no “Orçamento Depois”, após o apontamento das despesas comuns.

Fonte: Material gerado durante o Encontro.

Durante o processo, o(a) estudante foi incentivado(a) a comparar os valores anteriores com os novos ajustes, buscando identificar onde seria possível reduzir despesas, realocar recursos e estabelecer prioridades financeiras. No entanto, é importante ser destacado que no item Aluguel/Financiamento Casa no Orçamento Depois encontra-se zerado, pois o estudante pesquisado possuía casa própria quitada. Essa ação proporcionou uma experiência prática e contextualizada de educação financeira, conectando os conceitos teóricos ao cotidiano do participante.

Partindo disso, a atividade se mostrou eficaz no desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e da capacidade de planejamento, fortalecendo a formação de uma consciência financeira proativa. Além disso, a prática contribuiu para que o estudante percebesse que, por meio da organização e disciplina, é possível alinhar seus sonhos à realidade financeira de forma estruturada e viável.

Na Figura 14, referente à planilha intitulada “Orçamento – Apuração de Resultado”, o participante registrou os confrontos entre o “Saldo para ajustar o Padrão de Vida” e as “Despesas Mensais Totais”. Em seguida, também foi realizado o confronto entre a “Receita Anual – 13º Salário” (recebida exclusivamente no mês de dezembro) e as “Despesas Pagas Anualmente”.

Figura 14 - Registro – 3º Pilar Orçar: Momento de estabelecer prioridades – Orçamento Apuração de Resultado.

Tabela 06 – Orçamento Apuração do Resultado		
Apuração do Resultado Mensal		
	Orçamento Antes (R\$)	Orçamento Depois (R\$)
(+) Saldo para Ajustar o Padrão de Vida	2.800,00	1.900,00
(-) Despesas Mensais Totais	(3.015,18)	1.699,00
(=) Saldo Mensal	(215,80)	201,00
Apuração do Resultado Anual		
	Orçamento Antes (R\$)	Orçamento Depois (R\$)
(+) Receita Anual 13º Salário (Recebida somente em Dezembro)	0,00	2.000,00
(-) Despesas Pagas Anuais	(0,00)	100,00
(=) Saldo Anual	(0,00)	2.000,00
Apuração do Resultado Total		
	Orçamento Antes (R\$)	Orçamento Depois (R\$)
(+) Saldo Mensal	(215,80)	201,00
(+) Saldo Anual (RECEITA 13º SAL)	(0,00)	2.000,00
(=) Saldo Total	(215,80)	2.201,00

Fonte: Material gerado durante o Encontro.

Além disso, foi desenvolvida a apuração do resultado total, que consistiu na análise conjunta do “Saldo Mensal” com o “Saldo Anual”, permitindo uma visão mais ampla da gestão financeira ao longo do tempo.

É importante observar que essa planilha seguiu o mesmo modelo da anterior, apresentando as colunas “Orçamento Antes” e “Orçamento Depois”, o que possibilitou comparar os ajustes realizados e refletir sobre o impacto das mudanças no padrão de vida do participante.

Dentro desse contexto, pode ser mencionado que a planilha, voltada à apuração do resultado total, possibilitou ao participante identificar com clareza se houve equilíbrio, déficit ou superávit financeiro ao longo do período analisado. Ao reunir o saldo mensal com o saldo anual, o(a) estudante pôde perceber o efeito acumulativo de suas decisões financeiras, fortalecendo a compreensão de que há um impacto direto entre escolhas de curto prazo e estabilidade a longo prazo.

Por fim, essa atividade contribuiu para o desenvolvimento da autonomia na gestão financeira pessoal e fortaleceu o raciocínio analítico aplicado à realidade prática. Além disso, o uso das colunas “Orçamento Antes” e “Orçamento Depois” permitiu ao estudante identificar avanços no processo de tomada de decisão, visualizando de forma concreta como a reorganização do orçamento pode favorecer a realização de metas e sonhos pessoais.

5.6 Quinto encontro: 4º Pilar Poupar: Viver o hoje, sem esquecer o amanhã

Finalizando a aplicação do Produto Educacional “Jornada Financeira”, o quinto e penúltimo encontro, nomeado “4º Pilar Poupar: Viver o hoje, sem esquecer o amanhã”, teve como objetivo levar os estudantes participantes a refletirem sobre a importância de equilibrar o presente com o planejamento do futuro. Em outras palavras, a proposta central foi mostrar que as ações realizadas hoje representam sementes dos frutos colhidos no futuro.

A atividade desse encontro consistiu no preenchimento da planilha designada como “Poupança do 1%”, organizada com base nos 12 meses do ano, de janeiro a dezembro, pautado como valor inicial para cálculo o salário-mínimo vigente no exercício de 2024. A planilha (Figura 15) apresenta para cada mês o valor da base de cálculo e os percentuais acumulados de 1% referentes à poupança mensal.

Figura 15 - Registro – 4º Pilar Poupar: Viver o hoje, sem esquecer o amanhã – Poupança do 1% (em Reais (R\$))

JORNADA FINANCEIRA POR MEIO DE UM PRODUTO EDUCACIONAL							
IV- Pilar Poupar: Viver o hoje, sem esquecer o amanhã							
Tabela 07 – Poupança do 1% (em Reais (R\$))							
Meses (1ºSemestre/Ano)	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Total Poupado (1ºSemestre/Ano)
Base de Cálculo	1.412,00	1.426,12	1.454,64	1.498,28	1.558,21	1.636,12	
Percentual (%) de Cálculo	1%	2%	3%	4%	5%	6%	
Valor Acumulado a Ser Poupado	14,12	28,52	43,62	59,93	77,91	98,16	322,26
Meses (2ºSemestre/Ano)	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total Poupado (2ºSemestre/Ano)
Base de Cálculo	1.734,29	1.855,69	2.004,15	2.184,52	2.402,97	2.667,30	
Percentual (%) de Cálculo	7%	8%	9%	10%	11%	12%	
Valor Acumulado a Ser Poupado	121,40	148,45	180,37	218,45	264,32	320,07	1253,06
Total Poupado no Ano.....							1575,32

Fonte: Material gerado durante o Encontro.

Coube aos estudantes realizar o cálculo da economia mensal, utilizando as bases de rendimento referenciadas na própria planilha e confrontando-as com o percentual acumulado mês a mês. A partir disso, os estudantes totalizaram os valores a serem poupados mensalmente, obtendo os resultados semestrais (1º e 2º semestres) e, por fim, o valor total anual a ser poupado.

Essa atividade prática proporcionou aos educandos uma experiência concreta de planejamento financeiro, reforçando a ideia central do encontro: “viver o hoje, sem esquecer o amanhã”. A vivência incentivou a construção de uma consciência financeira mais sólida e responsável, com foco no hábito de poupar de forma contínua e realista.

5.7 Sexto encontro: *Feedback* do Produto Jornada Financeira

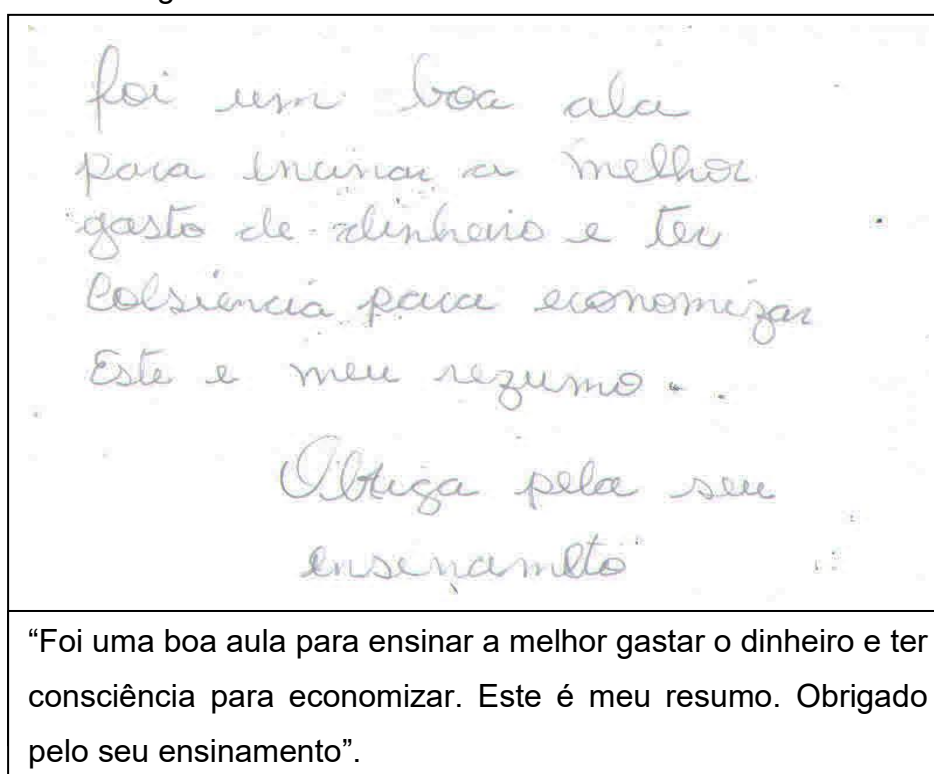
Ao término do quinto encontro, conversando com os estudantes e a professora de matemática, sentiu-se a necessidade de desenvolver mais uma reunião, intitulado como *Feedback* do Produto “Jornada Financeira”, para que os

participantes pudessem expor suas aprendizagens e saberes adquiridos com as tarefas desenvolvidas durante a aplicação do produto.

O processo avaliativo foi conduzido por meio de atividades orais e escritas, sendo inicialmente solicitado que cada estudante elaborasse um breve texto, com o intuito de registrar suas percepções e aprendizados despertados pela experiência vivida. Lembrando, que este material foi instrumento de observação e análise.

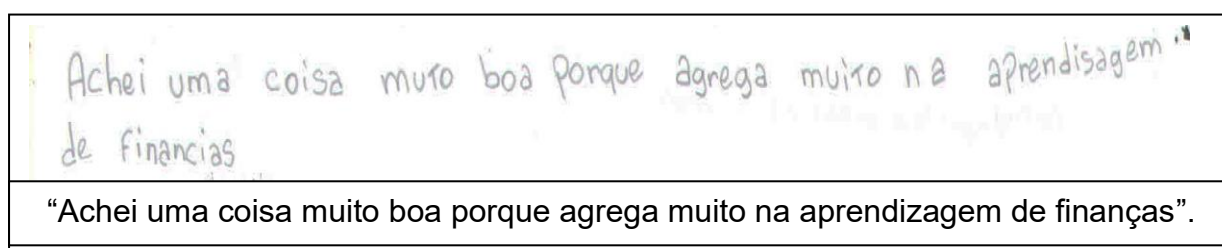
Em um segundo momento, durante este último encontro, foram argumentados alguns quesitos, como por exemplo, as mudanças de pensamento que aconteceram a partir das reflexões advindas da participação do produto.

Figura 16 - Registro – *Feedback* do Produto Jornada Financeira – Parte I.



Fonte: Material gerado durante o Encontro.

Figura 17 - Registro – *Feedback* do Produto Jornada Financeira – Parte II.



Fonte: Material gerado durante o Encontro.

Ao final dos encontros, considerando os diálogos e reflexões promovidos, esperou-se que os estudantes contemplassem os assuntos discutidos nas situações e momentos vividos do dia a dia, possibilitando que novos significados fossem estabelecidos na aprendizagem desses cidadãos. De tal modo, que se tornassem capazes de tomar decisões com criticidade e segurança, frente aos desafios da vida financeira, e que pudessem ter a consciência necessária da importância de se inteirar de conhecimentos em Educação Financeira, podendo assim serem agentes multiplicadores dentro de suas respectivas famílias.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um contexto marcado por mudanças aceleradas nos campos tecnológico, econômico e cultural que impactam diretamente os comportamentos sociais, provocando atitudes impulsivas e imediatistas, torna-se urgente promover práticas pedagógicas que incentivem o pensamento crítico, a autonomia e a responsabilidade no uso dos recursos financeiros.

Partindo disso, o presente estudo buscou refletir criticamente sobre a articulação entre Educação Matemática Crítica, Educação Financeira e o contexto específico da EJA, reconhecendo a importância de formar sujeitos autônomos, conscientes e capazes de lidar com as demandas sociais e econômicas que permeiam sua realidade cotidiana.

Nesse sentido, a análise do cenário atual de endividamento e inadimplência no Brasil, com milhões de pessoas comprometidas financeiramente, demonstrou a relevância do tema. A falta de conhecimento sobre planejamento e organização das finanças pessoais é um dos fatores que agrava esse quadro. Assim, a Educação Financeira, reconhecida como tema transversal na BNCC, adquire o papel estratégico na formação dos estudantes, especialmente daqueles inseridos na EJA – um público que, em sua maioria, convive diretamente com responsabilidades familiares, orçamentárias e sociais.

Considerando esse contexto, a pesquisa se embasou nas contribuições teóricas de Ole Skovsmose, Reinaldo Domingos e outros estudiosos da área. Foi possível compreender que a Educação Matemática, quando trabalhada sob uma perspectiva crítica e contextualizada, ultrapassa os limites do ensino conteudista e passa a ocupar um lugar formativo essencial, ao promover a leitura de mundo e o exercício da cidadania. A proposta de integrar a Educação Financeira a esse processo ganha ainda mais relevância ao considerar os desafios enfrentados pelo público da EJA, que traz consigo experiências de vida marcadas por desigualdades, exclusões e dificuldades de acesso ao saber formal.

A Educação Financeira não deve restringir-se ao controle de gastos ou ao acúmulo de capital, como comumente difundido por discursos midiáticos. Pelo contrário, trata-se de uma prática educativa que visa a construção da consciência financeira, a compreensão crítica do consumo e a formação de atitudes responsáveis diante do uso do dinheiro.

Considerando esse contexto, cabe ressaltar que, o papel da escola e, mais especificamente, do professor de matemática, é fundamental para criar ambientes de aprendizagem que promovam a reflexão, o diálogo e a problematização das situações reais enfrentadas pelos educandos.

A abordagem da Educação Financeira na EJA, mediada por cenários de investigação e por práticas pedagógicas andragógicas, mostrou-se potente para gerar engajamento e significado na aprendizagem. Ao valorizar as experiências de vida dos estudantes e conectá-las aos conteúdos matemáticos e financeiros, amplia-se as possibilidades de desenvolvimento da autonomia, da criticidade e da emancipação pessoal e social.

É importante ressaltar que o modelo tradicional de ensino, centrado na repetição de exercícios descontextualizados, pode não responder adequadamente às necessidades formativas dos estudantes da EJA. Por isso, defendeu-se, ao longo deste estudo, a adoção de metodologias mais ativas, investigativas e sensíveis à realidade concreta dos sujeitos, promovendo a construção coletiva do conhecimento e fortalecendo a educação como prática de liberdade.

O presente estudo buscou compreender como a Educação Matemática Crítica pode contribuir para a transformação de hábitos financeiros dos estudantes da EJA, a partir da construção e aplicação do produto educacional “Jornada Financeira” que possibilitou reflexões sobre os desafios do ensino de conteúdos financeiros em contextos escolares, especialmente quando pretende-se romper com abordagens conteudistas e fomentar práticas educativas voltadas à criticidade e a autonomia dos sujeitos.

Ao longo dos encontros planejados e executados com base nos pilares do método DSOP (Diagnosticar, Sonhar, Orçar e Poupar) observou-se um processo formativo importante, no qual os estudantes participaram ativamente, refletindo sobre suas realidades econômicas, seus hábitos de consumo e suas possibilidades de planejamento financeiro. As atividades foram fundamentadas em cenários de investigação, categorizados como ambientes de realidade ou semirrealidade, a fim de promover conexões entre os conteúdos escolares e as vivências cotidianas dos educandos.

A parceria entre o pesquisador e a professora de matemática da escola foi fundamental para a consolidação do projeto. A adesão dos estudantes à proposta, bem como as análises realizadas a partir dos registros escritos, observações e

questionários, indicam que houve avanço na compreensão crítica dos conteúdos abordados. Os dados apontam que a maioria dos participantes reconhece a importância da Educação Financeira no ambiente escolar e demonstrou interesse em aplicar os conhecimentos adquiridos na organização de seus próprios recursos financeiros.

Além disso, os resultados desta investigação evidenciam que a Educação Matemática, quando desenvolvida sob uma abordagem crítica, pode tornar-se uma poderosa ferramenta para a formação cidadã. A problematização de situações reais de consumo, endividamento e planejamento orçamentário favorece a autonomia dos estudantes e os prepara para enfrentar os desafios econômicos do mundo contemporâneo.

Em todo o desenvolvimento da pesquisa, destacou-se que o produto educacional “Jornada Financeira” não se configura como uma proposta fechada ou engessada, mas como uma possibilidade metodológica flexível e adaptável às diferentes realidades educacionais. A intencionalidade pedagógica do produto está em incentivar o protagonismo dos educandos e contribuir com práticas educativas mais significativas e transformadoras.

Dessa forma conclui-se, que a integração entre Educação Matemática Crítica e Educação Financeira, no contexto da EJA, não é apenas pertinente, mas necessária, pois representa uma estratégia pedagógica eficaz para enfrentar os desafios contemporâneos relacionados ao consumo, ao endividamento e à exclusão financeira. Ela contribui para a formação de sujeitos mais conscientes de seu papel social e econômico, aptos a tomarem decisões mais informadas, éticas e sustentáveis. Mais do que ensinar a calcular, é preciso ensinar a pensar e, sobretudo, a pensar criticamente sobre a própria vida, suas escolhas e suas consequências.

Espera-se com o desenvolvimento desta pesquisa e do produto educacional elaborado, subsidiar futuras práticas pedagógicas, abrindo perspectivas para novos estudos. Como exemplo, destaca-se a possibilidade de mudanças no paradigma curricular tradicional técnico-linear para uma perspectiva crítico-emancipatória, ampliando o debate sobre a importância da formação da consciência financeira contextualizada nas escolas brasileiras.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Conversar sobre educação**. Campinas, SP: Verus, 2003.

ANDRÉ, M. O que é um Estudo de Caso Qualitativo em Educação? **Revista da Faeeba: Educação e Contemporaneidade**, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.v22.n40.753>. Acesso em: 14 jul. 2024.

BACELAR, M. S. S. Competência Democrática e Cidadania no Ensino da Matemática: reflexão na perspectiva da andragogia. **Estudos IAT**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 91-107, 2019.

BASSEY, M. **Case study research in educational settings**. Londres: Open University Press, 2003.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BIOTTO FILHO, D. **O desenvolvimento da matemática no trabalho com projetos**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 08 mai. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 06 mai. 2023.

BRASIL. **Decreto Nº 10.393, de 9 de julho de 2020**. Institui a nova Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF e o Fórum Brasileiro de Educação Financeira – FBEF. Brasileira, DF, 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Decreto/D10393.htm#art10. Acesso em: 13 jun. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010**. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 2010, n. 245, p. 7- 8, 23 dez. 2010.

BRASIL. **Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Senado Federal. 2017. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bas_es_1ed.pdf. Acesso em: 15 jun. 2023.

BRASIL. **Lei nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF, 1971. Disponível em: <https://www.2.camar.a.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 04 mai. 2024.

BRASIL. **Proposta curricular para a educação de jovens e adultos**: segundo segmento do ensino fundamental - 5ª a 8ª série. v. 1 e 3. Brasília, 2002.

BRASIL. **Resolução nº 01/2021 de 25 de maio de 2021**. Brasília, DF, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/media/aceso_informacao/pdf. Acesso em: 07 mai. 2023.

CARGNIN, R. M. **Matemática Financeira na Educação de Jovens e Adultos**: uma proposta de ensino através da resolução de problemas. 2015. 178f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Física e de Matemática) - Centro Universitário Franciscano de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2015.

CASTRO, A. H. **Educação e capitalismo**: e a fala continua. 2015. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/educacao-capitalismo-fala-continua.htm>. Acesso em 10 mai. 2023.

CAVALCANTI, R. A. Andragogia: A aprendizagem nos adultos. **Revista de Clínica Cirúrgica da Paraíba**, v. 6, n. 4, 1999.

COLAVITTO, N. B.; ARRUDA, A. L. M. M. Educação de Jovens e Adultos (EJA): A Importância da Alfabetização. **Revista Eletrônica Saberes da Educação** – Volume 5 – nº 1 – 2014. Disponível em: https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/nathalia.pdf. Acesso em: 06 mai. 2024.

CORTELLA, M. S. **Educação vs Escolarização**. 2014. Entrevistadores: J. Guirado, L. Nardelli e S. Ricardo. Cascavel/PR: Rádio Catve FM 91,7, 2014. cassetes sonoros. Entrevista concedida ao Programa EPC (Esporte, Política e Cidadania), na rádio Catve FM 91,7.

COSTA, N. A. C.; PAULO, P. O.; MEDEIROS, W. Educação Matemática Crítica: um olhar histórico. **Boletim Cearense de Educação e História da Matemática (BOCEHM)**, Ceará, v. 11, n. 31, p. 1-15, 2024.

COUTINHO, C.; TEIXEIRA, J. A Educação Financeira preconizada pela ENEF - Estratégia Nacional de Educação Financeira e seus efeitos na escola básica: uma análise do guia do PNLD. **Anais XI Encontro Nacional de Educação Matemática**. Curitiba, 2013.

CUNHA, A. L. A. **Desafios e conquistas na Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. 2021. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Minas Gerais, 2021.

D'AMBRÓSIO, U. A relevância do projeto Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional – INAF como critério de avaliação da qualidade do ensino de matemática. In: FONSECA, M. C. F. R. (Org.). **Letramento no Brasil: habilidades matemáticas**. São Paulo: Global, 2004.

D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática, justiça social e sustentabilidade**. Estudos Avançados, v. 32, n. 94, p. 189-204, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/FTmggx54SrNPL4FW9Mw8wqy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 dez. 2024.

D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

DOMINGOS, R. **Ter dinheiro não tem segredo: educação financeira para jovens**. São Paulo: DSOP Educação Financeira, 2011.

DOMINGOS, R. **Terapia financeira: realize seus sonhos com educação financeira**. São Paulo: DSOP Educação Financeira, 2012.

DUARTE, N. **O Ensino de Matemática na Educação de Jovens e Adultos**. 11. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2009.

DUVOISIN, L. A. A. Educação financeira, imperialismo e financeirização. **Revista Estudos do Sul Global**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 191-200, 2021.

EXAME. **Como a inflação transformou os hábitos de consumo dos brasileiros**. 2024. Disponível em: <https://exame.com/invest/minhas-financas/como-a-inflacao-transformou-os-habitos-de-consumo-dos-brasileiros/>. Acesso em: 20 jul. 2024.

FONSECA, M. C. F. R. **Educação matemática de jovens e adultos: especificidades, desafios e contribuições**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FREITAS, W. R. S; JABBOUR, C. J. C. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **Revista Estudo & Debate**, v. 18, n. 2, 2011. Disponível em: <https://www.univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/view/560/550>. Acesso em: 09 dez. 2024.

GOMES, J. M.; BERNARDI, L. S. Alfabetização e Letramento Matemático: falando da Matemacia. **Revista Paranaense de Educação Matemática (RPEM)**, v. 11, n. 26, p. 66-82, 2022.

GUEDES, S. L. P. **O ensino de matemática pela aprendizagem significativa: uma experiência de ensino de matemática financeira na EJA-Ensino Médio**. Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria Estadual de Educação. Paraná, 2007. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/410-4.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2023.

HARTMANN, A. L. B.; BARONI, A. K. Os espaços da educação financeira na base nacional comum curricular. In: BARONI, A. K.; HARTMANN, A. L. B.; CARVALHO, C. C. S. (Org). **Uma abordagem crítica da Educação Financeira na formação do professor de Matemática**. Curitiba: Editora Appris, 2021.

HARTMANN, A. L. B.; MARIANI, R. C. P; MATEMPI, M. V. Educação no Ensino Médio: uma análise de atividades didáticas relacionadas a séries periódicas uniformes sob o ponto de vista da Educação Matemática Crítica. **Bolema**, Rio Claro, v. 35, n. 70, p. 567-587, 2021.

KISTEMANN JR, M.A. **Sobre a produção de significados e a tomada de decisão de indivíduos-consumidores**. Tese (Doutorado em Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Rio Claro, São Paulo, 2011.

KIYOSAKI, R. T.; LECHTER, S. L. **Pai Rico, pai pobre**. 57. ed. São Paulo: Campus, 2005.

LIMA, W. **Imposto sobre o Valor Agregado brasileiro será o maior do mundo**. 2024. Disponível em: <https://fenafisco.org.br/14/02/2024/imposto-sobre-valor-agregado-brasileiro-sera-o-maior-do-mundo/>. Acesso em: 20 jul. 2024.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANFREDI, S. M. **Metodologia do ensino: diferentes concepções**. Campinas-SP: F.E./UNICAMP, Mimeo, 1993.

MARCONDES FILHO, C. **Sociedade Tecnológica**. São Paulo: Scipione, 1994.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 2002.

MARQUES, R. M. S.; COSTA, C. S. Por uma Educação Matemática Crítica na EJA: da desopressão à conscientização do aluno-cidadão consumidor. **Revista Eletrônica Debates em Educação Científica e Tecnológica**, v. 05, n. 01, p. 139-154, 2015. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/dect/article/view/95>. Acesso em: 28 mai. 2024.

MARTINS, R. M. K. Pedagogia e andragogia na construção da educação de jovens e adultos. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, v. 12, n. 1, p. 143-153. 2013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/20331/12520>. Acesso em: 20 mar. 2025.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MELVER. **Quais são as causas da falta de educação financeira no Brasil?** 2024. Disponível em: <https://www.melver.com.br/blog/quais-sao-as-causas-da-falta-de-educacao-financeira-no-brasil/>. Acesso em: 20 jul. 2024.

MÉSZAROS, I. **A educação para além do capital**. 2 ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009. 126 p. (Coleção Mundo do Trabalho).

MIRANDA, L. C. de P.; SOUZA, L. T. de; PEREIRA, R. D. **A trajetória histórica da Eja no Brasil e suas perspectivas na atualidade**. In: Seminário de Iniciação Científica, 2016, Montes Claros. Anais. Montes Claros. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), 2016. p. 01-03.

OLIVEIRA, A. B. **A essência andragógica para empresas**. Minnesota: land, 2011.

OLIVEIRA, A. dos A. **Educação Financeira nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: como tem ocorrido na sala de aula?**. 2017. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO E DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO – OCDE. Assessoria de Comunicação Social. **OECD's Financial Education Project**. OCDE, 2004.

PESSOA, C. A. dos S.; MUNIZ JR, I.; KISTEMANN JR, M. A. Cenários sobre educação financeira escolar: entrelaçamentos entre a pesquisa, o currículo e a sala de aula de matemática. **EM TEIA – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**, v. 9, n. 1, p. 1-28. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.36397/emteia.v9i1.236528>. Acesso em: 25 jun. 2025.

PICONEZ, S. C. B. **Educação escolar de jovens e adultos**. Campinas: Papiruz, 2006.

PIZZATTO, E.; GARBIN, C. A. S.; GARBIN, A. J. Í.; SALIBA, N. A. O papel do professor no ensino odontológico. **Saúde Debate**, v. 28, n. 66, p. 52-57, 2004. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2023/05/676273/v28-n66-janabr-2004-52-57.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2024.

RESENDE, A. F. **A Educação Financeira na Educação de Jovem e Adultos: uma leitura da produção de significados financeiro-econômicos de dois indivíduos-consumidores**. 2013. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Ciências Exatas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de fora, 2013. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/ppgedumat/wp-content/uploads/sites/134/2011/05/DISSERTA%C3%87%C3%83O-AMANDA-FABRI-DE-RESENDE.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2023.

QUIRINO, G. M. R. Andragogia: a arte e a ciência de fazer o adulto aprender. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 2, n. 1, p. 159-183, 2017.

SAITO, A. T. **Uma contribuição ao desenvolvimento da educação em finanças pessoais no Brasil**. 2007. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo (USP), 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-28012008-141149/pt-br.php>. Acesso em: 05 dez. 2024.

SANDER, B. Ensino médio e educação profissional: A ruptura com o dualismo estrutural. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 5, n. 8, p. 11-24, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/44>. Acesso em: 30 mar. 2025.

SANTOS, E. R.; MORAIS, P. H. A.; AMARAL, S. R. Educação Matemática de jovens e adultos em tempos de pandemia. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 17, 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/17/educacao-matematica-de-jovens-e-adultos-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SASSERON, L. H.; CARVALHO, A. M. P. Alfabetização científica: uma revisão bibliográfica. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 16, n. 1, p. 59-77, 2011. Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/246>. Acesso em: 26 jan. 2025.

SERASA LIMPA NOME. **Mapa da Inadimplência e Negociação de Dívidas no Brasil**. 2024. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/limpa-nome-online/blog/mapa-da-inadimplencia-e-negociacao-de-dividas-no-brasil/>. Acesso em: 30 out. 2024.

SILVA, A. M.; POWELL, A. B. Um programa de educação financeira para a matemática escolar da educação básica. In: **Anais** do Encontro Nacional de Educação Matemática, 11, Curitiba – PR., Curitiba, PR, PUCPR, 2013.

SILVA, E. D. **Gestão em finanças pessoais**: uma metodologia para se adquirir educação e saúde financeira. Rio de Janeiro, 2004.

SKOVSMOSE, O. Cenários para investigação. **BOLEMA**, Rio Claro, V. 13, n. 14, p. 66-91, 2000.

SKOVSMOSE, O. **Convite para educação matemática crítica**: educação matemática, cultura e diversidade. In: **Anais** do Encontro Nacional de Educação Matemática/ ENEM, 2010, Salvador: SBEM, 2010.

SKOVSMOSE, O. **Desafios da reflexão em educação matemática crítica**. Papirus editora, 2008.

SKOVSMOSE, O. **Educação matemática crítica: a questão da democracia**. Campinas: Papirus, 2001.

SKOVSMOSE, O. **Um convite à Educação Matemática Crítica**. Tradução de Orlando de Andrade Figueiredo. Campinas: Papirus, 2014.

SOUSA, R. **Educação**. 2023. Disponível em:
<https://brasilecola.uol.com.br/educacao#Educa%C3%A7%C3%A3o+escolar>.
 Acesso em: 28 set. 2023.

SOUZA, D. P. **A Importância da Educação Financeira Infantil**. 2012. 76f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) – Centro Universitário Newton Paiva, Belo Horizonte, 2012.

STEPHANI, M. **Educação financeira: uma perspectiva interdisciplinar na construção da autonomia do aluno**. 2005. 79 f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Matemática) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

STRELHOW, T. B. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 38, p. 49-59, jun., 2010. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639689>.
 Acesso em: 15 mai. 2024.

TEIXEIRA, S. S. **A Educação Financeira como tema transversal na educação básica**. 2020. 98f. Dissertação (Mestrado Profissional em Matemática) – Instituto de Matemática e Estatística da Universidade Federal de Goiás, Univesidade Federal de Goiás, 2020.

THEES, A.; FANTINATO, C. M. Professores que lecionam matemática na EJA: concepções e práticas letivas. **Revista Reflexão e Ação**, v. 20, n. 2, p. 267-290, 2012.

TONET, I. Educação e formação humana. **Ideação Revista do Centro de Educação e Letras da Unoeste**, Cascavel, v. 8, p. 9-21, 2006.

TRINDADE, L. de L. **Determinantes da propensão ao endividamento: um estudo nas mulheres da Mesorregião centro ocidental rio-grandense**. 2009. 101f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009. Disponível em:
http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2894. Acesso em: 02 jul. 2024.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO, **Alfabetização de jovens e adultos no Brasil**. Brasília: Unesco, 2008.

VALENTE, J. A. **Computadores e conhecimento**: Repensando a Educação. Campinas: Unicamp, 1991.

VARGAS, S. M. Educação de Jovens e Adultos: discutindo princípios pedagógicos. In: MOREIRA, A. F. B; ALVES, M. P. C.; GARCIA, R. L. **Currículo, Cotidiano e Tecnologias**. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2006.

VIEIRA, M.C. **Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos**. Volume I: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

ZANELLI, J. C. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. **Estudos da Psicologia**, n. 7, p. 79-88, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Requerimento a Secretaria da Municipal de Educação

ILMO SR(A). SECRETÁRIO(A) MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE OURINHOS.

Eu, _____, portador da Cédula de Identidade _____ e
Cadastro de Pessoa Física _____, residente na Rua Jamil Chequer, 451,
Aguas do Eloy, Ourinhos/SP, CEP _____, Telefone _____, Email
Pessoal: adr.pontara@bol.com.br – Email Acadêmico: adriano.pontara@unesp.br,
Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Docência para Educação Básica
(PPGDEB) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) -
Campus Bauru, venho por meio deste requerimento, solicitar a V.Sa a autorização
para desenvolver o projeto de pesquisa intitulado: **“Educação Matemática Crítica e
a Formação da Consciência Financeira na EJA”**, cujo o estudo será aplicado na
Instituição de Ensino _____, inscrita
sob o Código do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP):
_____, sito à Rua _____ - Conjunto Habitacional _____,
Ourinhos/SP, CEP _____, no qual será desenvolvido por mim em parceria com
o Professor de Matemática que leciona na modalidade EJA.

Desse modo, a realização dessa pesquisa atenderá os aspectos legais e
éticos, zelando pelo sigilo da identidade dos participantes. O uso de tais informações
se dará exclusivamente para fins acadêmicos e educativos.

_____, ____ de _____ de _____.

Atenciosamente,

Mestrando do PPGDEB/UNESP Campus Bauru

APÊNDICE B – Carta de Anuência da Secretaria da Municipal de Educação

Servimo-nos deste instrumento para fins de autoriza Adriano Pontara, portador do RG. _____, inscrito no CPF sob o nº _____, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Docência para Educação Básica (PPGDEB) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) – Campus Bauru, a título de que possas desenvolver o projeto de pesquisa intitulado “Educação Matemática Crítica e a Formação da Consciência Financeira na EJA”, cujo estudo será aplicado na _____.

Solicitamos a apresentação deste documento no momento da apresentação perante a Direção da Unidade Escolar.

Sem mais para o momento, renovamos votos de estima e consideração.

_____, ____ de _____ de ____.

Atenciosamente,

Secretário Municipal de Educação

APÊNDICE C – Requerimento a Escola de Ensino Municipal de Ensino Fundamental

ILMO SR(A). DIRETOR(A) DA ESCOLA DE ENSINO MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL

Eu, _____ portador da Cédula de Identidade _____ e
Cadastro de Pessoa Física _____, residente na Rua Jamil Chequer, 451,
Agua do Eloy, Ourinhos/SP, CEP 19.908.300, Telefone _____, Email
Pessoal: _____ – Email Acadêmico: _____,
Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Docência para Educação Básica
(PPGDEB) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) –
Campus Bauru, venho por meio deste requerimento, solicitar autorização para
desenvolver o projeto de pesquisa intitulado: “**Educação Matemática Crítica e a
Formação da Consciência Financeira na EJA**”, cujo o estudo será desenvolvido
por mim em parceria com o Professor de Matemática que leciona na modalidade
EJA.

Desse modo, a realização dessa pesquisa atenderá os aspectos legais e
éticos, zelando pelo sigilo da identidade dos participantes. O uso de tais informações
se dará exclusivamente para fins acadêmicos e educativos.

_____, ____ de _____ de _____.

Atenciosamente,

Mestrando do PPGDEB/UNESP Campus Bauru

APÊNDICE D – Carta de Anuência da Escola de Ensino Municipal de Ensino Fundamental

A Direção da _____, inscrita sob o Código do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP): _____, sito à Rua _____ - Conjunto Habitacional _____, Ourinhos/SP, CEP _____, DECLARA que _____ portador da Cédula de Identidade _____ e Cadastro de Pessoa Física _____, residente na Rua _____, _____, Ourinhos/SP, CEP _____, Telefone _____, Email Pessoal: _____ – Email Acadêmico: _____, Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Docência para Educação Básica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus Bauru, apresentou o projeto de pesquisa intitulado: “**Educação Matemática Crítica e a Formação da Consciência Financeira na EJA**”, cujo o estudo será desenvolvido por mim em parceria com o Professor de Matemática.

Desse modo, **autorizo** a visita e a realização, nesta instituição, da pesquisa, colocando-a escola à disposição para cooperar com a execução das atividades e permitindo o uso de informações e imagens, uma vez que estas atenderão os aspectos legais e éticos e zelarão pelo sigilo da identidade dos participantes. O uso de tais informações se dará exclusivamente para fins acadêmicos e educativos.

_____, ____ de _____ de ____.

Atenciosamente,

Diretor(a) da Unidade Escolar

APÊNDICE E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Professor(a)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Professor(a) (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA	
Pesquisa: “EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA FINANCEIRA NA EJA”.	
Orientadora: Prof ^a Dr ^a	Instituição / Departamento: UNESP/Bauru – Departamento de Educação
Telefone:	E-mail
Aluno Responsável:	Instituição / Departamento: UNESP/Bauru – Departamento de Educação
Telefone:	E-mail: _____
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), representado pelo Coordenador Cassiano Merussi Neiva (Responsável pela Aprovação deste Trabalho) Endereço: Avenida Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 – Vargem Limpa, CEP: 17033-360, Bauru/SP. Telefone: (14) 3103-6075 (Ramal: 9400), Email: cepesquisa@fc.unesp.br Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP – Bauru – Faculdades de Ciências	

Prezado(a) Professor(a):

Olá, estamos convidando você para participar da pesquisa intitulada **Educação Financeira na EJA: A formação da consciência financeira sob o ponto de vista da Educação da Matemática Crítica**. O objetivo da pesquisa é desenvolver no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a Educação Financeira, por meio da disciplina de Matemática, na perspectiva da Educação Matemática Crítica. Analisando o processo de ensino-aprendizagem, investigando a percepção dos estudantes em relação à Matemática e Educação Financeira e por fim, propor como produto educacional, um Calendário Financeiro denominado “Jornada Financeira”, pautado na transversalidade da Educação Financeira prevista na BNCC.

Não haverá pagamento por sua participação, nem ônus financeiro para você.

A coleta de dados será realizada em local mais adequado às suas necessidades, priorizando o próprio local de seu trabalho, em dia e horário mais conveniente.

Tal estudo será realizado por mim em meados do ano de 2024, Adriano Pontara, pesquisador, pós-graduando do Programa de Mestrado em Docência para a Educação

Básica, sob orientação da Professora Doutora Silvia Regina Vieira da Silva do Departamento de Educação da UNESP/Bauru.

Eu, pesquisador, sou responsável pelo acompanhamento de todas as etapas da pesquisa, que envolve ações, no decorrer no decorrer da execução do projeto, a serem realizadas com os estudantes, como: entrevista, questionário e guias de observação, dos quais serão realizados com base em um conjunto de questões, articulando às atividades realizadas nas aulas de Matemática. Você, professor participante da pesquisa, está ciente que sua participação consiste em deixar-se ser observado em ambiente escolar e participar de um questionário com um roteiro semiestruturado para a continuidade da pesquisa e, tem liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem ser penalizado ou sofrer qualquer punição: sua participação é totalmente voluntária.

Os estudos oriundos da pesquisa poderão ser publicados, mantendo sempre o sigilo absoluto do seu nome e instituição de origem. Você receberá uma cópia deste termo em que constam os meus dados: telefones (whatsapp), e-mail, ambiente escolar, ou em seu endereço residencial, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação em qualquer momento.

Declaro ter sido informado(a) de maneira clara e detalhada sobre as justificativas, os objetivos e a metodologia desta pesquisa de Mestrado. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar serão mantidos em sigilo.

Eu, _____, que tenho o RG _____, entendi o que vai acontecer ao participar da pesquisa e que tirei todas as dúvidas que tinha. É do meu conhecimento que posso perguntar quando eu sentir necessidade sobre a pesquisa e suas ações, o mesmo acontecerá com os estudantes, que também poderão fazê-lo.

Por fim, como informação complementar, eu, Adriano Pontara, pesquisador desse trabalho, menciono que toda descrição redigida neste termo foi analisada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Professor

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Estudantes

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Estudantes (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA	
Pesquisa: “EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA FINANCEIRA NA EJA”.	
Orientadora: Profª Drª	Instituição / Departamento: UNESP/Bauru – Departamento de Educação
Telefone:	E-mail:
Aluno Responsável:	Instituição / Departamento: UNESP/Bauru – Departamento de Educação
Telefone: (14) 99151-6901	E-mail: _____
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), representado pelo Coordenador Cassiano Merussi Neiva (Responsável pela Aprovação deste Trabalho) Endereço: Avenida Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 – Vargem Limpa, CEP: 17033-360, Bauru/SP. Telefone: (14) 3103-6075 (Ramal: 9400), Email: cepesquisa@fc.unesp.br Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP – Bauru – Faculdades de Ciências	

IDENTIFICAÇÃO DO VOLUNTÁRIO
Nome do Participante (Estudante):
RG:

Olá, tudo bem?

Eu sou o professor Adriano Pontara, estou convidando você para participar da minha pesquisa de mestrado intitulada: **“EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA FINANCEIRA NA EJA”**, desenvolvido por mim, portador do RG. _____, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Docência para Educação Básica, com a orientação e supervisão da Profª Drª Sílvia Regina Vieira da Silva, professoras vinculada do departamento de educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus de Bauru.

A pesquisa tem como objetivo desenvolver no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a Educação Financeira, por meio da disciplina de Matemática, na perspectiva da Educação Matemática Crítica. Analisando o processo de ensino-aprendizagem, investigando a percepção dos estudantes em relação à Matemática e Educação Financeira e por fim, propor como produto educacional, pautado na transversalidade da Educação Financeira prevista na BNCC.

Deixo claro que, Eu, pesquisador, sou responsável pelo acompanhamento de todas as etapas da pesquisa, que envolve ações, no decorrer da execução do projeto, a serem realizadas com você estudante, como: entrevista, questionário e guias de observação, dos quais serão realizados com base em um conjunto de questões, articulando às atividades realizadas nas aulas de Matemática.

Você pode nos ajudar a desenvolver este estudo? Isto é um convite, você decide se quer ou não participar. Caso aceite participar e depois mude de ideia, pode desistir a qualquer momento, é só nos falar, e se quiser conversar a respeito, estou à disposição.

Então, você poderia participar das atividades? Para isso eu preciso, observar, anotar e fotografar.

() **SIM**

() **Não**

A pesquisa não apresenta nenhum risco a sua vida e nem a sua aprendizagem, vale destacar que seu nome será mantido em sigilo e todos os dados coletados que vão contribuir para o desenvolvimento do trabalho. Ressaltando que você não pagará nada para participar do estudo.

Você, aluno(a) participante da pesquisa, está ciente que sua participação consiste em deixar-se ser observado em ambiente escolar e participar de um questionário com um roteiro semiestruturado para a continuidade da pesquisa e, tem liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem ser penalizado ou sofrer qualquer punição: sua participação é totalmente voluntária.

Os estudos oriundos da pesquisa poderão ser publicados, mantendo sempre o sigilo absoluto do seu nome e instituição de origem. Você receberá uma cópia deste termo em que constam os meus dados: telefones (whatsapp), e-mail, ambiente escolar, ou em seu endereço residencial, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação em qualquer momento.

Declaro ter sido informado(a) de maneira clara e detalhada sobre as justificativas, os objetivos e a metodologia desta pesquisa de Mestrado. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar serão mantidos em sigilo.

Eu, _____, que tenho o RG _____, entendi o que vai acontecer ao participar da pesquisa e que tirei todas as dúvidas que tinha. É do meu conhecimento que posso perguntar quando eu sentir necessidade sobre a pesquisa e suas ações, o mesmo acontecerá com outras pessoas, que também poderão fazê-lo.

Por fim, como informação complementar, eu, Adriano Pontara, pesquisador desse trabalho, menciono que toda descrição redigida neste termo foi analisada pelo Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) _____.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Estudante (ou responsável legal)

Assinatura do Pesquisador

OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador.

APÊNDICE G – Termo de Assentimento de Livre e Esclarecido (TALE) – Estudantes

Termo de Assentimento de Livre e Esclarecido (TALE) – Estudantes (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA	
Pesquisa: “EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA FINANCEIRA NA EJA”.	
Orientadora: Profª Drª	Instituição / Departamento: UNESP/Bauru – Departamento de Educação
Telefone:	E-mail:
Aluno Responsável:	Instituição / Departamento: UNESP/Bauru – Departamento de Educação
Telefone:	E-mail: _____
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), representado pelo Coordenador Cassiano Merussi Neiva (Responsável pela Aprovação deste Trabalho) Endereço: Avenida Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 – Vargem Limpa, CEP: 17033-360, Bauru/SP. Telefone: (14) 3103-6075 (Ramal: 9400), Email: cepesquisa@fc.unesp.br Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP – Bauru – Faculdades de Ciências	

IDENTIFICAÇÃO DO VOLUNTÁRIO
Nome do Participante (Estudante):
RG:

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa de título: “EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA FINANCEIRA NA EJA”. A pesquisa tem como objetivo desenvolver no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a Educação Financeira, por meio da disciplina de Matemática, na perspectiva da Educação Matemática Crítica. Analisando o processo de ensino-aprendizagem, investigando a percepção dos estudantes em relação à Matemática e Educação Financeira e por fim, propor como produto educacional, pautado na transversalidade da Educação Financeira prevista na BNCC.

Este documento, chamado Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa e é elaborado em duas vias, sendo que uma via deverá ficar com você e outra com a pesquisadora. Após a assinatura desse documento, você irá participar da investigação por meio da resolução das tarefas matemáticas que será aplicada pela pesquisadora.

A aplicação será feita durante o período de aulas, com o mínimo de prejuízos à rotina escolar. TODOS os dados da pesquisa serão guardados por um período de cinco

anos e após esse tempo serão descartados. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificação dos participantes, atendendo a legislação brasileira.

A realização da pesquisa pode deixar você um pouco desconfortável ao participar realização da atividade diagnóstica, por meio das tarefas. Para sanar possíveis dúvidas ou obter esclarecimentos, em qualquer etapa da pesquisa você terá acesso ao pesquisador Adriano Pontara pelo telefone (14) 99151-6901. Caso surja alguma dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisada UNESP pelo e-mail: cepesquisa@fc.unesp.br.

Para participar dessa pesquisa, caso você seja menor de idade o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento, podendo retirá-lo ou interromper a sua participação a qualquer momento. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu. Você não terá nenhum problema se desistir. Você pode dizer “sim” e participar e, a qualquer momento, pode dizer “não” e desistir, que não haverá qualquer penalidade. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Entretanto, espera-se que essa pesquisa lhe permita vivenciar a aplicabilidade da Educação Financeira dentro uma perspectiva crítica da Matemática, contribuindo com a compreensão de conteúdos e colaborando com a formação de sua consciência financeira.

Eu, _____
_____, portador(a) do documento de Identidade (RG) _____, fui informado(a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e eu ou o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento meu ou do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Por fim, como informação complementar, eu, _____, pesquisador desse trabalho, menciono que toda descrição redigida neste termo foi analisada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

_____ de _____ de 20____

Assinatura do Estudante (ou responsável legal do Estudante)

Assinatura do Pesquisador

OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador.

APÊNDICE H - Produto Educacional “JORNADA FINANCEIRA”

ADRIANO PONTARA
SILVIA REGINA VIEIRA DA SILVA

Jornada Financeira

*Uma história sobre escolhas,
sonhos e educação financeira*



Pontara, Adriano.

Jornada Financeira: Uma história sobre escolhas,
sonhos e educação financeira / Adriano Pontara -
Bauru: UNESP, 2025
29 f. : il.

Produto educacional (Mestrado Profissional em
Docência para Educação Básica) - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru
Orientadora: Silvia Regina Vieira da Silva

1. Consciência Financeira. 2. Educação Financeira.
3. Educação Matemática Crítica. 4. Educação de Jovens
e Adultos (EJA). 5. Tomada de Descisão. I. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO" - UNESP
PROMAGRA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA - PPGDEB

Jornada Financeira

*Uma história sobre escolhas,
sonhos e educação financeira*

AUTOR

ADRIANO PONTARA

ORIENTADORA

SILVIA REGINA VIEIRA DA SILVA

ARTE DA CAPA E ILUSTRAÇÕES

SARA MANDOLINI

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA E A FORMAÇÃO DA
CONSCIÊNCIA FINANCEIRA NA EJA

Produto educacional desenvolvido como parte integrante do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Docência para Educação Básica (PPGDEB), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus Bauru/SP.

SUMÁRIO

Apresentação.....	05
Primeiro Encontro - O início da jornada.....	06
Segundo Encontro - Pilar diagnosticar: descobrindo o seu “Eu” Financeiro.....	09
Terceiro Encontro - Pilar sonhar: Entendendo quanto custa os sonhos da vida.....	12
Quarto Encontro - Pilar orçamento: Momento de estabelecer prioridades.....	14
Quinto Encontro - Pilar poupar: Viver o hoje, sem esquecer o amanhã.....	17
Sexto Encontro - Feedback como Reflexão e transformação.....	19
Considerações Finais.....	21
Referências.....	23
Apêndice 1: Quadro de Conceitos.....	24
Apêndice 2: Tarefas desenvolvidas nos encontros.....	25
Apêndice 3: Sugestões de tarefas para os encontros.....	27



Este sumário é interativo!
Clique para ser direcionado/a à
página desejada. Para voltar ao
sumário, é só clicar no número da
página.

APRESENTAÇÃO

Caro (a) colega Professor (a), este produto educacional é parte integrante da dissertação de mestrado intitulada “Educação Matemática Crítica e a Formação da Consciência Financeira na EJA”, apresentada no Programa de Pós-graduação em Docência para Educação Básica da Universidade Estadual Paulista (UNESP) Campus Bauru/SP. Fica o convite para conhecer a dissertação.

Este material foi desenvolvido especialmente para estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), com base no produto educacional “Jornada Financeira”. A história contada aqui é inspirada na metodologia DSOP: Diagnosticar, Sonhar, Orçar e Poupar, desenvolvida pelo professor Reinaldo Domingos, e fundamentada nas teorias da Educação Matemática Crítica, propostas pelo professor Ole Skovsmose. Ao longo deste caderno, você vai acompanhar os desafios e aprendizados de uma turma da EJA que, com o apoio de sua professora, aprendeu a construir uma relação mais equilibrada e consciente com o dinheiro e o consumo.

Lembrando que todo o processo didático aqui proposto pode ser utilizado integralmente ou adaptado conforme a realidade de suas turmas. O material foi organizado com foco nos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, especialmente voltado para a modalidade EJA, porém acredito ser plenamente possível adaptá-lo para outros níveis e modalidades de ensino.

É importante destacar que não é necessário ser professor de Matemática ou especialista em Educação Financeira para utilizar essas sugestões. Sinta-se à vontade para fazer adaptações, incluir novas ideias, propor discussões e atividades, tornando o material mais atual, dinâmico e ajustado às suas possibilidades e necessidades pedagógicas.

Desejo a você uma excelente leitura, que ela possa inspirar suas práticas pedagógicas e contribuir para que este material se torne um espaço de diálogo, troca de experiências e estímulo ao desenvolvimento da consciência financeira.

Adriano Pontara

PRIMEIRO ENCONTRO

O Início da Jornada

Na Escola Municipal de Educação de Jovens e Adultos “Prof.^a Maria dos Anjos”, localizada no bairro Jardim Esperança, na cidade Vale das Laranjeiras, estado de São Paulo, funcionava uma turma noturna da modalidade EJA. Nesse contexto, foi apresentado um novo projeto educacional intitulado: “Jornada Financeira”, composto por 06 (seis) encontros.

A professora **Ana**, reconhecida por seu comprometimento em oferecer uma educação significativa e contextualizada, decidiu inovar ao perceber o quanto as questões financeiras impactavam diretamente a vida cotidiana dos estudantes da EJA. Observando o perfil da turma, composta por jovens e adultos que, em sua maioria, lidavam diariamente com orçamentos apertados, responsabilidades familiares e decisões difíceis, ela viu ali uma oportunidade pedagógica transformadora.



Logo no primeiro encontro a professora, explicou aos alunos como seria a série de encontros temáticos, com o intuito de discutir assuntos como dinheiro, sonhos e escolhas, de forma acessível, prática e dialogada. O objetivo principal não era apenas transmitir conceitos financeiros, mas sim estimular uma reflexão crítica sobre o uso consciente dos recursos, ajudando os estudantes a desenvolverem uma relação mais equilibrada e responsável com o dinheiro.

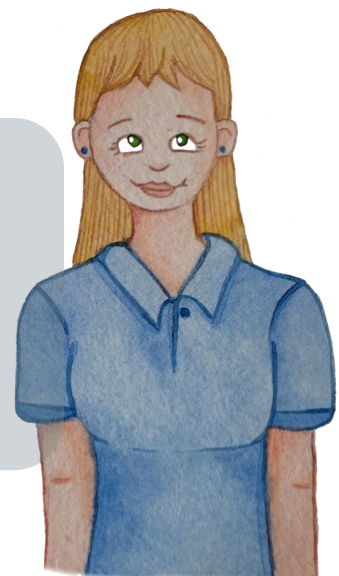
Mais do que números ou fórmulas, a proposta da professora Ana buscava contribuir para a formação da consciência financeira como parte da construção da autonomia e da dignidade pessoal dos educandos. Assim, nasceu o projeto “Jornada Financeira”, um caminho educativo voltado ao empoderamento, ao planejamento e à realização de sonhos.

Entre os estudantes, estavam:



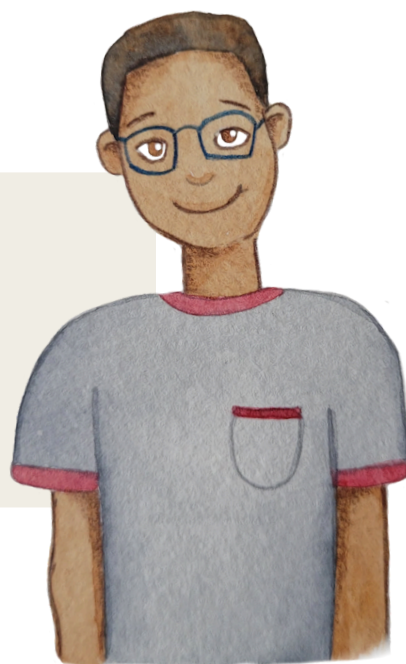
Carlos, um senhor de 54 anos, aposentado por invalidez parcial, mas que fazia biscoitos para complementar a renda. Sempre dizia: “Nunca aprendi a lidar com dinheiro, só a sobreviver”.

Jéssica, de 27 anos, mãe solo de duas crianças. Trabalhava como atendente em uma lanchonete e sonhava em abrir seu próprio negócio.





Dona Neuza, de 62 anos, avó cuidadosa e cozinheira de mão cheia, vendia doces no portão de casa para ajudar nas contas da família.



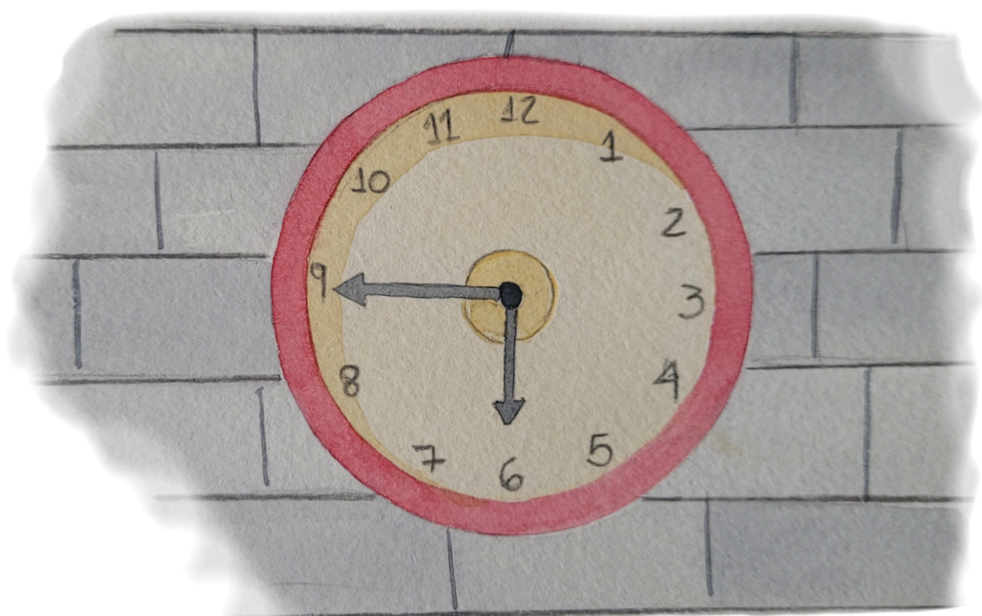
Robson, de 19 anos, o mais novo da turma, tinha largado a escola anos antes, mas retornara decidido a mudar de vida.



Valmir, de 38 anos, entregador por aplicativo, lutava para pagar as dívidas do cartão de crédito.

SEGUNDO ENCONTRO

Pilar diagnosticar:
descobrimo o seu “Eu” Financeiro



O relógio marcava 18h45 quando os primeiros alunos começaram a chegar na escola municipal do bairro Jardim Esperança. Era uma noite quente de segunda-feira, e na sala 04 aconteceria o primeiro encontro da Jornada Financeira, um projeto criado especialmente para os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A professora Ana, com seu jeito sereno e firme, ajeitava os materiais sobre a mesa. Aquela turma era especial. Cada aluno carregava histórias de vida marcadas por superação, e agora, buscavam algo que nunca lhes foi ensinado: como lidar com dinheiro com consciência.

Logo a sala se encheu.

— Boa noite, pessoal! — disse Ana, sorrindo. — Hoje iniciamos uma jornada diferente. Não é sobre números apenas, é sobre escolhas, sonhos e realidades.

A professora propôs um exercício simples: anotar todos os gastos diários por uma semana.

— “Até o cafezinho?” — perguntou Carlos, um senhor de 54 anos, calvo e bem-humorado.



— Tudo! — respondeu Ana. — Inclusive aquele pão de queijo da padaria da esquina.

A tarefa se deu com a distribuição de folhas que constavam duas planilhas em branco, intituladas como “Diagnóstico Apontamento de Despesas” e “Diagnóstico de Apontamento de Despesa Novo Prisma”.

Na primeira planilha “Diagnóstico Apontamento de Despesas” foi orientado aos estudantes descreverem brevemente algumas despesas corriqueiras do dia a dia, inserindo a forma de pagamento e especificando seus devidos valores de cada despesa pontuada.

Em seguida, na segunda planilha “Diagnóstico de Apontamento de Despesa Novo Prisma”, foi pedido aos educandos para novamente descreverem as despesas mencionadas na planilha anterior com seus devidos valores, porém, sendo classificadas como “Residência, pessoal e Outras Despesas”, observando um novo prisma em relação as despesas apontadas.

Uma semana depois, os resultados surpreenderam.

— “Eu gastei R\$ 92 só de pastel e refrigerante!” — exclamou Robson, o mais novo da turma.

— “Achei que eu gastava pouco, mas minha planilha disse outra coisa...” — murmurou Jéssica, de olhos arregalados.

— “Quando somei o valor do salão, esmalte, ônibus, pão de manhã... foi quase metade da minha renda!” — comentou Dona Neuza, balançando a cabeça.

A professora Ana olhou para todos com ternura:

— “Diagnosticar é o primeiro passo para mudar. Sem saber para onde o dinheiro vai, não dá para saber onde estamos errando.”

TERCEIRO ENCONTRO

Pilar sonhar: Entendendo quanto custa os sonhos da vida

No encontro seguinte, uma mensagem no quadro dizia: “O que você sonha?”

Jéssica foi a primeira a falar:

— “Quero abrir uma pequena confeitaria. Meu sonho é trabalhar por conta e ver meus filhos crescerem com dignidade.”

— “Eu sonho em fazer um curso de mecânica de celular,” — disse **Robson**. — “Quero montar minha assistência um dia.”

Carlos sorriu tímido:

— “Eu só queria terminar de pagar minhas dívidas e poder viajar com a minha esposa pra ver o mar de novo...”

Ana explicou como transformar sonhos em metas reais:

— **“Sonhar não é ilusão. É projeto. Vocês vão calcular o custo dos sonhos, quanto precisam guardar por mês e em quanto tempo podem conquistar.”**

Partindo do questionamento escrito no quadro e das respostas orais dos alunos, cada aluno recebeu uma folha que constava uma planilha, cujo título era “Como Realizar Sonhos”. A planilha foi construída conforme a seguinte composição: Sonhos de Curto Prazo, Sonhos de Médio Prazo e Sonhos de Longo Prazo. Assim, dentro de cada período existia as seguintes questões a serem respondidas pelos educandos: Meu sonho é? Meu sonho custa? Quanto devo guardar? Em quanto tempo realizarei?

Tais questionamentos serviram para os estudantes refletirem sobre a importância de mensurar seus sonhos, definindo propósitos e exigências financeiras de curto, médio e longo prazo.

Por meio dessa experiência, os alunos aprenderam que, com disciplina e senso de realidade, é possível transformar sonhos em conquistas, até mesmo os maiores podem se realizar, desde que se sonhe com os pés no chão.



QUARTO ENCONTRO

Pilar orçamento: Momento de estabelecer prioridades

Com as despesas diagnosticadas e os sonhos calculados, era hora de montar o **orçamento**. Assim, o quarto encontro trouxe como proposta de atividade o preenchimento de uma planilha denominada “Orçamento Estabelecendo Prioridades”, que foi estruturada com os seguintes campos: Receita Mensal (Rendimento), Sonhos de Curto, Médio e Longo Prazo, além de Despesas, classificadas em Residência, Pessoal e Outras Despesas.

No layout da planilha, algumas despesas habituais do cotidiano já estavam previamente inseridas na coluna intitulada “Orçamento Antes”, contendo seus respectivos nomes e valores. Aos alunos foi solicitada a continuação do preenchimento na coluna “Orçamento Depois”, com o objetivo de revisar e, se necessário, ajustar os valores das despesas anteriores, promovendo uma reflexão crítica sobre a possibilidade de reduzir gastos, levando em consideração tanto a renda mensal disponível quanto os sonhos previamente estabelecidos.

Partindo disso, **Valmir** murmurou:

— “Preciso parar de gastar com besteira,” observando sua planilha. — “Só com iFood foram R\$ 280 no mês...”

— “Eu coloquei ‘perfumaria’ como prioridade e percebi que dava para cortar pela metade,” — confessou **Dona Neuza**, rindo. — “Mas sem ficar fedida, né?”



A professora os orientou a diferenciar necessidade de desejo. Todos refletiram: o que é essencial e o que é impulso?

— “Eu achava que orçamento era só saber se sobrou dinheiro no final do mês,” — disse **Carlos**. — “Agora vejo que é escolher o que vale mais a pena.”

Novamente, a professora **Ana** explicou, dizendo que:

— O **orçamento** tem como ponto de partida a **observação do diagnóstico financeiro** e a **projeção dos sonhos**. Ou seja, nada mais é do que o **momento de planejar**. E planejar é o primeiro passo para tomar decisões mais conscientes, evitar dívidas desnecessárias e **transformar sonhos em metas possíveis de alcançar**. Lembre-se: “O **orçamento não é uma restrição, mas uma escolha inteligente sobre como utilizar o que se tem, pensando no que se quer conquistar**”.



QUINTO ENCONTRO

Pilar poupar:
Viver o hoje, sem esquecer o amanhã

O quinto encontro, **Ana** trouxe um novo desafio: a **Poupança do 1%**, no qual foi atribuído aos alunos o preenchimento de uma planilha, organizada com base nos 12 (doze) meses do ano, de janeiro a dezembro, pautado como valor inicial para cálculo o salário-mínimo vigente no exercício do ano atual. A planilha apresentava para cada mês o valor da base de cálculo e os percentuais acumulados de 1% referentes à poupança mensal.

A professora, fez questão de frisar em sua fala:

— “Não importa quanto vocês ganham. Guardar um pouco todo mês, mesmo que seja R\$ 10,00 é um ato de resistência e de liberdade.”

Robson fez as contas em voz alta:

— “Se eu guardar R\$ 15,00 por mês, em um ano dá... quase R\$ 200,00! Dá para comprar ferramentas para o curso!”

Jéssica olhou para os colegas com os olhos brilhando:

— “Talvez demore, mas agora eu sei por onde começar.”

Ana finalizou dizendo:

— “Poupar é Viver o hoje, sem esquecer o amanhã”, tendo como objetivo levar o ser humano a refletir sobre a importância de equilibrar o presente com o planejamento do futuro”.

Em outras palavras, os alunos compreenderam que a proposta central da atividade era mostrar que **as ações realizadas no presente são sementes que geram os frutos colhidos no futuro**. Essa metáfora simples, porém, poderosa, foi trabalhada com o objetivo de **estimular a reflexão sobre escolhas conscientes, planejamento de vida e responsabilidade pessoal**.



SEXTO ENCONTRO

Feedback como Reflexão e transformação

Como forma de avaliar o projeto desenvolvido pela professora Ana, intitulado “Jornada Financeira: Uma história sobre escolas, sonhos e educação financeira”, foi proposta, no último encontro, a realização da atividade “Memórias e Aprendizados”.

A tarefa consistiu na elaboração de um breve texto reflexivo por cada estudante, com o objetivo de registrar suas percepções e os aprendizados construídos ao longo da experiência, possibilitando uma reflexão futura sobre o impacto do projeto em suas vidas pessoais e financeiras.

Carlos, emocionado, leu um trecho:

— “Querido Carlos do futuro, espero que você tenha perdoado seus erros do passado com o dinheiro e esteja aprendendo a viver melhor com o que tem.”

Jéssica abraçou Ana ao final da aula:

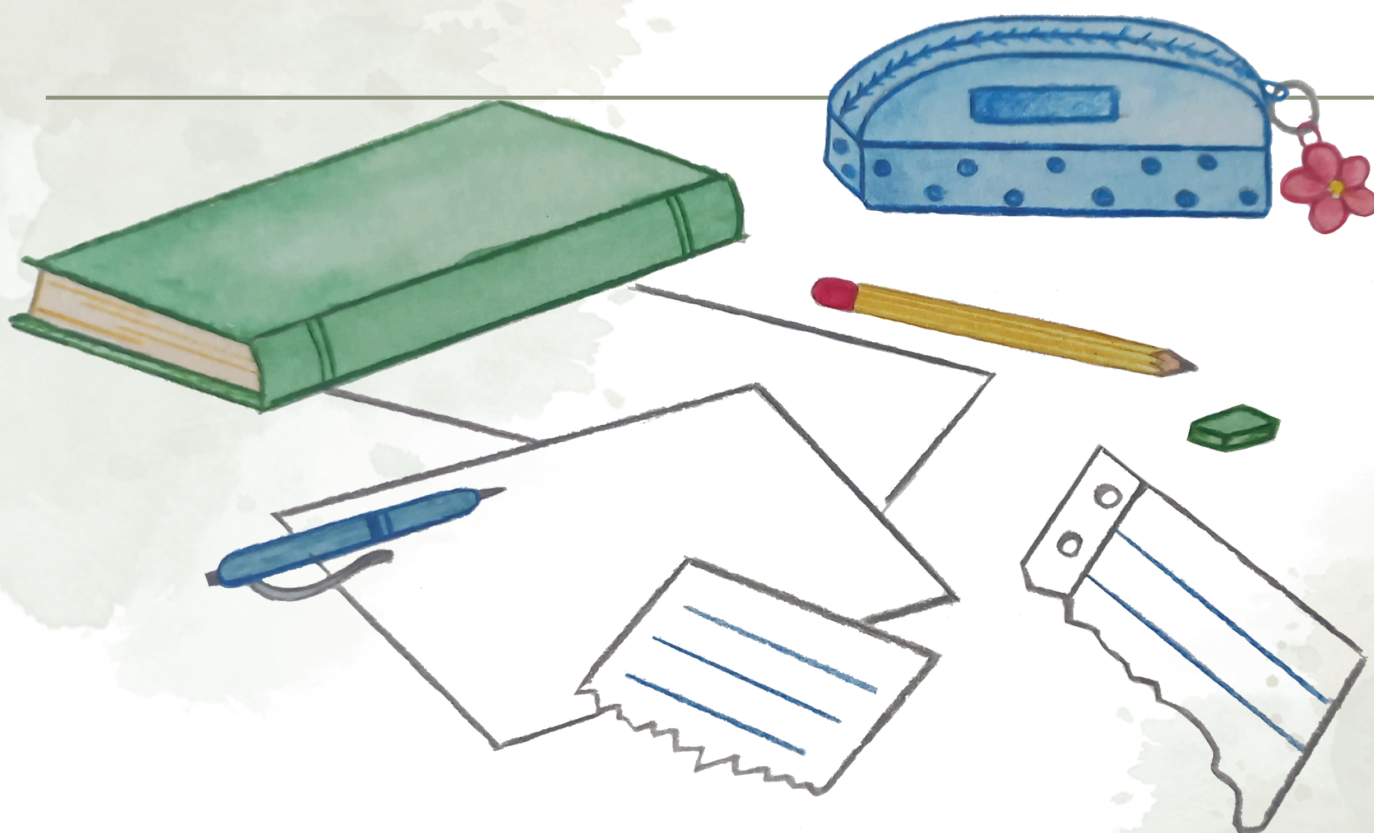
— “Obrigada, professora. Eu sempre tive vergonha de falar de dinheiro. Agora, eu falo com coragem.”

A turma inteira aplaudiu. Era mais que uma aula de finanças. Era sobre **autoestima, dignidade e cidadania**.

No quadro, **Ana** escreveu uma última frase:

“Educar financeiramente é mais que somar e subtrair. É aprender a escolher. É sonhar com consciência e viver com equilíbrio.”

Ali, naquela escola simples de um bairro periférico, cada aluno deu o primeiro passo para mudar sua história — com lápis, papel e coragem no coração.



Dessa forma, todo o projeto intitulado “Jornada Financeira: Uma história sobre escolas, sonhos e educação financeira”, desenvolvido na **Escola Municipal de Educação de Jovens e Adultos “Prof.ª Maria dos Anjos”**, situada no bairro **Jardim Esperança**, na cidade fictícia de **Vale das Laranjeiras**, no estado de **São Paulo**, foi aplicado em uma **turma noturna da modalidade EJA** com o propósito de **estimular os estudantes a tomarem decisões financeiras com consciência crítica e segurança** diante dos desafios do cotidiano.

Além disso, o projeto buscou **despertar nos participantes a compreensão da importância de adquirir conhecimentos em Educação Financeira**, a fim de que se tornem **agentes multiplicadores dessas práticas em suas próprias famílias e comunidades**.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de ensino foi elaborada pautada em história contada inspirada na metodologia DSOP: Diagnosticar, Sonhar, Orçar e Poupar. Ao longo de todo o material, você pode acompanhar os desafios e aprendizados de uma turma da EJA que, junto com sua professora, aprendeu a transformar a relação com o dinheiro e o consumo mais saudável e consciente.

Na verdade, a proposta deste material é abrir caminhos e possibilidades para que você, professor, possa trabalhar a Educação Financeira a partir da perspectiva crítica da Educação Matemática, adaptando-a à realidade de suas turmas e refletindo sobre suas potencialidades e os ajustes necessários.

É importante reconhecer que cada grupo possui características e contextos distintos, o que exige sensibilidade e flexibilidade por parte do educador. Por isso, é fundamental estar disposto a revisar suas próprias concepções, muitas vezes enraizadas, e a superar o impulso de correção imediata, adotando uma postura mais aberta, investigativa e dialógica frente aos processos de ensino e aprendizagem.

Nota-se que a Educação Matemática Crítica, aliada à Educação Financeira, constitui uma importante referência na formação cidadã dos estudantes, especialmente por favorecer momentos de reflexão fundamentados na prática e em contextos investigativos.

Considera-se que a escola, entre suas diversas funções, também tem o papel de desenvolver e fortalecer uma postura crítica nos alunos, incentivando-os a se tornarem sujeitos curiosos, investigativos e conscientes da realidade em que vivem, capazes de se posicionar de maneira reflexiva, sobretudo diante de situações relacionadas à vida financeira.

Nessa perspectiva, a elaboração deste material teve como foco a criação de oportunidades de aprendizagem fundamentadas no diálogo e na valorização das percepções dos estudantes. Acredita-se que, por meio da comunicação e da escuta ativa, seja possível promover processos de emancipação e cooperação entre todos os envolvidos.

Portanto, espera-se que esta proposta proporcione experiências formativas significativas, tanto para você, professor, quanto, e especialmente para seus alunos.



REFERÊNCIAS

DOMINGOS, R. **Ter dinheiro não tem segredo**: educação financeira para jovens. São Paulo: DSOP Educação Financeira 2011.

DOMINGOS, R. **Terapia financeira**: realize seus sonhos com educação financeira. São Paulo: DSOP Educação Financeira 2012.

SKOVSMOSE, Ole. **Cenários para investigação**. BOLEMA, Rio Claro, V. 13, n. 14, p. 66-91. 2000.

SKOVSMOSE, O. **Educação matemática crítica**: a questão da democracia. Campinas: Papirus, 2001.

SKOVSMOSE, O. **Desafios da reflexão em educação matemática crítica**. Papirus editora, 2008.

SKOVSMOSE, O. Convite para educação matemática crítica: educação matemática, cultura e diversidade. In: **ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA/ ENEM**, 10., 2010, Salvador, BA. Anais(...). Salvador: SBEM, 2010

SKOVSMOSE, O. **Um convite à Educação Matemática Crítica**. Tradução de Orlando de Andrade Figueiredo. 1 reimp. Campinas: Papirus, 2014.

NOTA EDITORIAL: este guia foi desenvolvido na ferramenta digital *Canva*, sendo utilizado em sua composição elementos gráficos disponibilizados na ferramenta. As ilustrações, incluindo a Arte da Capa, são de autoria de Sara Mandolini.

APÊNDICE 1:

Quadros de conceito

A construção de uma vida financeira equilibrada não depende apenas de quanto se ganha, mas de como se lida com o dinheiro no dia a dia. Para desenvolver essa autonomia e consciência, é necessário seguir um caminho de reflexão, organização e planejamento.

Pensando nisso, este material apresenta um quadro conceitual dividido em 04 (quatro) pilares fundamentais: Diagnosticar, Sonhar, Orçar e Poupar. Cada um deles representa uma etapa importante na jornada da educação financeira, propondo ações práticas e acessíveis que podem transformar a forma como cada pessoa administra seus recursos, faz escolhas e constrói seus projetos de vida.

A seguir, você conhecerá o significado de cada etapa e como ela pode ser aplicada à sua realidade, contribuindo para decisões mais conscientes, metas possíveis e uma relação mais saudável com o dinheiro.

Pilar Diagnosticar:	Anotar tudo o que se gasta, compreender sua realidade financeira.
Pilar Sonhar:	Projetar o futuro, definir metas realistas de curto, médio e longo prazo.
Pilar Orçar:	Organizar seus ganhos e despesas, priorizando necessidades.
Pilar Poupar:	Guardar parte do que se ganha, mesmo que pouco, pensando no amanhã.

APÊNDICE 2:

Tarefas desenvolvidas nos encontros

Primeiro encontro

O Início da Jornada Financeira



Tarefa 01: Abertura e Contextualização do Projeto

Objetivo: Apresentar e explicar o Produto Educacional “Jornada Financeira” aos estudantes, introduzindo o conceito de Educação Financeira a partir das experiências individuais e da realidade social dos participantes.

Segundo encontro

Pilar Diagnosticar: Descobrendo o seu “EU” Financeiro



Tarefa 02 - Diagnóstico Apontamento de Despesas e Diagnóstico de Apontamento de Despesa Novo Prisma:

Objetivo: Realizar o preenchimento de duas planilhas, com o intuito de identificar e refletir sobre os hábitos financeiros pessoais.

Terceiro encontro

Pilar Sonhar: Entendendo quanto custa os sonhos da vida



Tarefa 03 - Como Realizar Sonhos:

Objetivo: Realizar o preenchimento de uma planilha, com o propósito de ajudar os estudantes a planejar sonhos de curto, médio e longo prazo, estimando prazos e valores necessários para concretizá-las.

Quarto encontro

Pilar Orçamento: Momento de Estabelecer Prioridades



Tarefa 04 - Orçamento Estabelecendo Prioridades:

Objetivo: Realizar o preenchimento de uma planilha, com a finalidade de auxiliar os estudantes a estruturarem seus ganhos e despesas, refletindo sobre quais áreas exigem maior atenção e quais ajustes podem ser feitos para alcançar seus objetivos financeiros.

Quinto encontro

Pilar Poupar: Viver o hoje, sem esquecer o amanhã



Tarefa 05 - Desafio da Poupança do 1%:

Objetivo: Realizar o preenchimento de uma planilha, estruturada com base nos 12 meses do ano, de janeiro a dezembro, com o objetivo de estimular o hábito de poupar mensalmente, mesmo que em pequenas quantias, reforçando a importância da constância e do planejamento financeiro ao longo do tempo.

Sexto encontro

Feedback como reflexão e transformação



Tarefa 06 - Memórias e Aprendizados:

Objetivo: Produzir um breve texto autoral com a finalidade de registrar as percepções e os aprendizados adquiridos ao longo da experiência vivenciada, possibilitando, futuramente, uma reflexão pessoal sobre o impacto do projeto em sua trajetória de vida.

APÊNDICE 3:

Sugestões de tarefas para os encontros

Primeiro encontro

O Início da Jornada Financeira



Tarefa - Vamos falar sobre educação financeira:

Objetivo: Promover uma conversa inicial que valorize o conhecimento prévio dos alunos sobre dinheiro, consumo e orçamento. Estimular a troca de experiências e reflexões sobre os desafios enfrentados no cotidiano financeiro.

Segundo encontro

Pilar Diagnosticar: Descobrindo o seu “EU” Financeiro



Tarefa – Meu retrato financeiro:

Objetivo: Propõe um exercício de autoconhecimento e educação financeira básica. Ao anotar todos os gastos realizados ao longo de uma semana, o estudante é convidado a observar com mais atenção os próprios hábitos de consumo, identificando padrões, necessidades e possíveis excessos.

Terceiro encontro

Pilar Sonhar: Entendendo quanto custa os sonhos da vida

Tarefa – Sonhos na ponta do lápis:

Objetivo: Convida os estudantes a refletirem sobre seus desejos e metas pessoais, organizando-os em três categorias: curto, médio e longo prazo, tendo como propósito despertar a consciência de que sonhar é o primeiro passo para planejar, e que, com organização e metas bem definidas, é possível transformar sonhos em objetivos alcançáveis.

Quarto encontro

Pilar Orçamento: Momento de Estabelecer Prioridades

Tarefa – Lista de Prioridades:

Objetivo: Propõe que os estudantes identifiquem e classifiquem seus gastos ou itens de consumo em duas categorias fundamentais: necessidades e desejos.

Quinto encontro

Pilar Poupar: Viver o hoje, sem esquecer o amanhã

Tarefa 05 – Calcule e registre sua poupança mensal:

Objetivo: Convida os estudantes a refletirem sobre sua realidade financeira e a analisarem, de forma prática, se é possível separar uma parte de sua renda mensal para poupança. Essa atividade tem o intuito de promover autonomia, organização e planejamento, permitindo que cada aluno tenha clareza sobre sua capacidade de economizar, mesmo que o valor seja simbólico.

Sexto encontro

Feedback como reflexão e transformação



Tarefa 06 - Memórias e Aprendizados:

Objetivo: Propõe ao estudante escrever um texto autoral sobre sua própria relação com o dinheiro ao longo de sua jornada financeira. Trata-se de uma atividade que une educação financeira e práticas de letramento, promovendo o desenvolvimento de competências linguísticas ao mesmo tempo em que incentiva a reflexão crítica e pessoal sobre experiências, desafios e aprendizados financeiros.